

REVISTA EDIÇÃO Nº 128 | FEVEREIRO DE 2026

CONEXÃO LITERATURA®

PORQUE AMAMOS LIVROS

ISSN 2448-1068

Distribuição Gratuita

www.revistaconexaoliteraria.com.br

ENTREVISTA COM O
ESCRITOR GUINEENSE

AMILTON CONTÉ

E MAIS: CONTOS, CRÔNICAS, POEMAS
ENTREVISTAS E DICAS PARA LEITURA

SOBRE A REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Com frequência mensal e com mais de 1 milhão de seguidores somados em suas redes sociais Facebook e Instagram, a Revista Conexão Literatura é uma produção independente e livre de quaisquer vínculos políticos, comerciais e religiosos. Os textos publicados aqui são de inteira responsabilidade de seus respectivos autores e não dizem respeito à opinião do editor e seus conselheiros, isentos de toda e qualquer informação que tenha sido apresentada de maneira equivocada por parte dos autores aqui publicados.

Foto: Amilton Conté



6

ENTREVISTA EXCLUSIVA COM AMILTON CONTÉ

Nascido em Bissau, capital da Guiné-Bissau, o autor viveu a infância na África, imigrou para Portugal em 1999 [...] Confira + na **pág. 06**

SAIBA+

Para baixar nossas edições anteriores: [clique aqui](#)

Layout da capa, organização e arte interna: Ademir Pascale

Para saber como anunciar, patrocinar ou participar da próxima edição da Revista Conexão Literatura: [clique aqui](#)

EX
PE
DI
EN
TE

Ademir Pascale
Editor-Chefe
ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Elenir Alves
Assessora de Imprensa
elenir@cranik.com

ISSN: 2448-1068

CONTATO E REDES SOCIAIS



Facebook: [@conexaoliteratura](#)
Instagram: [@revistaconexaoliteratura](#)
Youtube: [@conexaonerd](#)



E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br
Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br



ÍNDICE

Expediente,	pág. 02
Editorial,	pág. 04
Entrevista exclusiva com Amilton Conté,	pág. 06
Pétalas de Sangue da Rosa Branca, por Gilmar Duarte Rocha,	pág. 20
Poema: Inteligência artificial, por Evana M. Z. Griep,	pág. 23
Poema: Sobre ela: A Poesia, por Mirian Menezes de Oliveira,	pág. 26
Poema: Nossa sorte, por Jaff Silva,	pág. 28
I See You, por Rob Alme,	pág. 31
Estrelinha do mar, por Ivana T. Souza,	pág. 37
Série Garças brancas e eu, por Sellma Luanny,	pág. 39
Dicas para leitura,	pág. 43
Poema: Mesmo assim, por Joaquim Cândido de Gouvêa,	pág. 45
Ao norte do silêncio, de Fauno Mendonça,	pág. 49
Peregrinos, por Valério Maronni,	pág. 50
Heráldica Divertida, por Flavio Joppert,	pág. 58
Até hoje I, por Paula Vaz da Silva,	pág. 64
Monitoria discente no ensino médio: um relato de experiência, por Isabela Alcântara Andrade, Malu Aparecida Custódio, Gisele Bonafé Costa de Abreu e Pedro Panhoca da Silva,	pág. 66
Poema: Educação para além do tempo, por Adriano Rosa da Silva,	pág. 71
Poema: Entre muros e horizontes, por Adriano Rosa da Silva,	pág. 74
Sereia e a Lira de Orfeu, por Flavia Sereia (Flavio Joppert),	pág. 76
Poema: Cons/pirando, por Raul Schaefer Filho,	pág. 83
Resenha: Os miseráveis, por Max Moreira,	pág. 84
A mais pura essência, por Mônica Palacios,	pág. 87
Raízes pagãs simbólicas do veado, por Flavio Joppert,	pág. 88
Inteligência artificial e o processo de criação, por Potiara Cremonese,	pág. 99
Entrevista exclusiva com Clarissa Machado,	pág. 104
Entrevista exclusiva com Daniel Walker Júnior,	pág. 113
Entrevista exclusiva com Edilson Gomes de Lima,	pág. 119
Entrevista exclusiva com Fátima Cordeiro,	pág. 123
Entrevista exclusiva com Josele Delazeri e Alisson Oliveira,	pág. 127
Entrevista exclusiva com Raquel Fiori,	pág. 132
Entrevista exclusiva com Valter Correa,	pág. 136
Citações de grandes autores,	pág. 139
Conto: Porque monstros não vivem felizes para sempre, por Ney Alencar,	pág. 143
Conto: Atração dos opostos, por Idicampos,	pág. 148
Conto: Ruídos da madrugada, por Carol Botica,	pág. 153
Conto: A morte da bailarina, por Lindaura Lima,	pág. 156
Conto: Os dois caminhos, por Luciana Simon de Paula Leite,	pág. 159
Conto: Guardiões do mar, por Roberto Schima,	pág. 162
Colecione,	pág. 174
Mídia Kit,	pág. 178
Saiba como divulgar, anunciar, patrocinar ou publicar na próxima edição da Revista Conexão Literatura,	pág. 180

EDITORIAL

Caros leitores,

Fevereiro chega como tempo de travessia.

Nesta edição, destacamos Amilton Conté, autor de capa em entrevista exclusiva.

Sua escrita nasce do deslocamento, da resistência e da experiência da diáspora.

Da Guiné-Bissau à Europa, sua trajetória se transforma em literatura humana e necessária.

Agradeço aos autores que constroem esta belíssima edição.

Cada página reafirma a literatura como espaço de encontro e nossa revista segue firme no compromisso com a diversidade literária.

A palavra, aqui, é reflexão e partilha.

Seguimos conectando histórias e que esta edição dialogue com o leitor e permaneça além da leitura.

Para saber como participar da nossa edição de março/2026, seja com conto, crônica, poema ou mesmo divulgando o seu livro ou editora: clique aqui.



Ademir Pascale
ESCRITOR E EDITOR

E-mail: ademirpascale@gmail.com

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

NOSSOS SINCEROS AGRADECIMENTOS AOS PATROCINADORES DA REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Joaquim Cândido de Gouvêa

Instagram: @joaquimgouvea_



Casa Brasileira de Livros

www.casabrasileiradelivros.com



Roberto Schima

Leia seus textos no site da
Revista Conexão Literatura:
<https://encurtador.com.br/ax5Gt>



Luciana Simon de Paula Leite

Instagram: @lucianasimonleite



Mirian Menezes

Escritora Independente
Seus livros podem ser
adquiridos pelo link:
encurtador.com.br/igdpm



Gilmar Duarte Rocha

www.gilmarduarterocha.com.br
Instagram: @gilmarduarterocha



Clarissa Xavier Machado

Instagram: @clarissaxmachado



Jaff Silva

Youtube: @Jaffkamphorst
Instagram: @jaffkamphorst

APOIE A NOSSA CAUSA DE INCENTIVO À LEITURA E FAÇA PARTE DESSE TIME.
SAIBA COMO:

clique aqui



Entrevista exclusiva com Amilton Conté

POR ADEMIR PASCALE

A literatura de Amilton Conté nasce do deslocamento, da memória e da resistência. Nascido em Bissau, capital da Guiné-Bissau, o autor viveu a infância na África, imigrou para Portugal em 1999 e, há 14 anos, reside em Luxemburgo – trajetórias que marcam sua escrita. Escrever sempre foi, para ele, uma forma de ocupar o tempo e organizar sentimentos, ainda que o reconhecimento editorial tenha chegado apenas aos 40 anos. Desde então, sua produção literária tornou-se intensa e diversa, transitando entre poesia, contos, antologias e reflexões sociais. Obras como *As Mágoas que Magoam*, *50 Vidas – Silêncio das Almas Perdidas* e *Cartografia dos Afetos – Amor é um Ato Político* revelam um autor atento às dores humanas, aos afetos e às questões identitárias. Amilton também se destaca por sua atuação ativa em antologias, inclusive da Revista Conexão Literatura, fortalecendo pontes entre culturas, países e vozes literárias. Premiado e homenageado internacionalmente, ele transforma vivências pessoais em literatura universal, onde a palavra é abrigo, denúncia e esperança.



Amilton Conté – Foto divulgação

Quando a Vida Vira Verso: A Jornada Literária de Amilton Conté

Sou Amilton Conté, assim os meus pais me apelidaram ao nascer. Vim à luz do mundo no dia 27 de janeiro de 1981, naquele retalho de terra que se situa no berço da humanidade, onde o sol debruça o seu desgosto. Numa sexta-feira de azar, como lamentou o meu pastor devido à falência do mês. Fui pastado por essas duas maravilhosas e humildes jovens, que tinham como objetivo fazer os filhos e depois criá-los na mesma educação com aquele salário da caridade.

Em 1985, a nossa casa ardeu, aquela que nos protegia do sol do Equador. Fomos obrigados a ir viver com o meu avô numa casa que albergava 18 membros da família.



AMILTON CONTE – FOTO DIVULGAÇÃO

Meses depois, devido à falta de privacidade que gerava briga entre os dois, meu pastor abdicou da sua amada para uma nova caminhada na vida, longe dos filhos que levava no peito. Assim terminou a coesão da nossa família e a vitória foi atribuída para aquele que sempre opuseram.

Em 1987, fui levado para uma região distante da cidade, para a casa da irmã da minha mãe. Lá vivi os deveres dum adulto, ergui a coragem para enfrentar os desafios que a tradição me incumbia de executar, desde pastar, lavrar a terra, guardar as colheitas debaixo da chuva, até lutar para se afirmar o poder. Três anos depois, regressei ao lar onde meu pai me deixou para o cativeiro do mundo, onde senti o volume do vazio em que a minha vida se tornou, minha mãe imigrou para Portugal sem um adeusinho, meu pai seguiu os seus passos em voos hostis, na mesma pouca vergonha e com pretexto igual, proporcionar aos filhos um futuro melhor.

Em 1992, ainda a adaptar-me à vida da cidade, concluí quatro anos sem reprovar, e tive como presente uma viagem paga para o internato de Bolama pelo meu avô. Ele que preferiu entregar-me aos outros. Aí paguei os meus pecados em castigo ligeiro que manifestava no corpo, onde as costelas sorriam ao mundo em forma de socorro, que os olhos tentavam disfarçar em lágrimas. No ano seguinte me mudei para Pelundo, com

ideias de melhorar, mas só em Mores ganhei a paz no estômago, onde a generosidade dum homem que me viu como filho falou mais alto. Esse que saciou a minha gula de infância e sentimento paterno, ainda hoje sinto essa gratidão na pele chamando por mim. Em 1997, chegou-me a notícia inesperada no meu último ano de estudo em Mores, quando tudo parecia estar bem. Chegou-me a notícia da morte do meu pastor, que acordou em mim a velha revolta. Fiz de tudo para o ver pela última vez. Nada feito. Perdi o ano nessa tentativa, como no ano seguinte devido à guerra que colidiu no país. Em 1999, para lá da guerra, cheguei à pátria de Camões, onde comecei as aulas no dia 3 de janeiro de 2000, à noite. Voltei a repetir o 7º ano devido à falta de prova por escrito. Em dois anos, concluí as unidades que equivalem ao 9º ano, terminei também o curso de Carpinteiro de Limpos e a Carta de Condução. Fui estudar para a Secundária de Caneças e trabalhar como segurança privado, no meio do ano. Abdiquei daquilo que mais gosto para venerar o emprego, devido à falta de apoio familiar. Em 2004, comecei o curso de Técnico de Eletrónica no CINEL, onde deposito a minha fé para o futuro. Preso ao pouco que ganho, tive a ousadia de fazer uma filha que chamei de Florbela Conté, talvez aquela que há de erguer o apelido do pai ao mundo e restaurar as mágoas passadas.

Revista Conexão Literatura: Amilton, como sua infância vivida na África ainda ecoa na sua escrita atual?

O líder caminha sozinho, liderando os fiéis
Não precisa gritar para ser ouvido
Liderança é um dom natural
Capaz de antecipar os passos

Amilton Conté: Tive o privilégio de nascer no berço da humanidade, na África, rica em fraternidade e comunicação. Quando escrevi De onde eu vim, esbocei a infância feliz que vivi nesse lugar longínquo. Falei da simplicidade, do amor e do carinho do povo africano.

Ao meu ver, esse continente, banhado pelo Oceano Atlântico, é muitas vezes visto de forma equivocada. Muitos pensam que a África é apenas um país, com uma única cultura e um só dialeto. Enganam-se ao ouvir apenas o som do nome África.

Foi assim... Assim que passou...

Longo era o percurso escuro que os deuses adivinhavam

Numa correnteza de tentativas que me induziu aos erros

Naturalizei-me numa liberdade ditatorial, num dia de nevoeiro

No coração da humanidade, onde as crianças mamavam

Ontem caminhava eu, descalço, de instituição em instituição

De casa em casa, de capela em capela, de cadeira em cadeira

Indeciso com o destino rude, pendente numa cadeira

Onde o rezo me leva a prosperar no sonho da concretização

Hoje engrandeci e aprendi com o destino, e chamam-me de santo

Aqueles que ontem gracejavam de mim, excluindo-me do contexto

Sujando o passado em lágrimas que ainda hoje me vejo chorar

Nesta minha caminhada, narrei o tempo – o tempo que vi parar

O tempo comprimido para essa desejada concretização

Nesta recompensa emocional que alegria o meu pobre coração.

Revista Conexão Literatura: A experiência da imigração para Portugal e, depois, para Luxemburgo influenciou sua forma de ver o mundo e a literatura? De que maneira?

Amilton Conté: Nasci poeta e não sabia. Como disse nos meus versos e no livro Eu, o Poeta, escrevo desde 2004, mas só consegui uma editora em 2022. Comecei a escrever a dor, porque o meu coração chorava por dentro com a perda do meu pai.

Quando cheguei a Lisboa, em 1999, fugindo da guerra na Guiné-Bissau, sem certificado ou diploma, a minha professora de Língua Portuguesa pediu-me uma redação no primeiro dia de aula. Escrevi e virei a página. Quando recebi a correção, fiquei assustado com o vermelho da caneta, mas ela disse apenas: “Tens

jeito para a escrita.”

Foi ela quem me abriu as portas da literatura, ensinou-me a ler livros, as regras da escrita e as figuras de estilo. Portugal deu-me tudo o que sei hoje, mas também tirou-me o que eu tinha de mais precioso: o meu pai.

Perdi-o ainda jovem, em 1997. Parti da Guiné para Portugal em tratamento e ele não voltou. A imigração assassinou o meu ídolo. Foi encontrado três dias depois no rio Tejo.

Quando li Livro de Mágoas, de Florbela Espanca, senti as mesmas dores. Como ela, alguém há de vir à sua procura, mas vai encontrá-la – senti que eu era essa pessoa à procura de alguém que o destino transformou em desencontro. Foi daí que comecei a escrever sonetos, respeitando rigorosamente as regras que esse formato exige.

Eu, o Poeta!

*Se a minha felicidade vivesse longe
da esferográfica*

*Conseguiria eu mudar o universo
num só grito de paz*

*Aquele que o mundo seria capaz de
ouvir e saudar*

*Louvando os que carregam esse
dom de ser que os crucifica*

*Quem sou eu para redimir os erros
do passado que vive o presente*

*Mero espectador da vida, perdido
nas avenidas e bulevares*

Basta-me meio copo para me ligar

aos prazeres

*Vividos no passado e aos desabafos
do futuro contados no presente*

*O leitor que nos julga também nos
abençoa e nos faz viver*

*Em poucos exemplares comprados,
muitas vezes por amizade*

*Complexo... Agradecemos sem fim,
sem esperança de viver*

*Eu, o Poeta... Aqueles que me
evocam nos longos sonos do futuro*

*Alegro-me ao perceber, sem julgar
ou condenar verdades*

*Nesse dia que juntará santos e
pecadores num só grito próspero.*

Revista Conexão Literatura: Você começou a escrever aos 18 anos, mas publicou seus livros apenas aos 40. Como foi esse percurso de espera e amadurecimento literário?

Amilton Conté: Não encontro palavras para descrever esses 22 anos de espera. Sofri muito, chorei em silêncio, caí no desespero e na loucura. As editoras fecharam-me as portas, e nunca me passou pela cabeça editar os meus livros por meios próprios.

O que realmente me encorajou foi saber que Fernando Pessoa passou pelo mesmo: publicou apenas um livro em vida. Essa foi a luz no fundo do túnel. Ainda assim, publiquei textos no Agenda Jovem, no Jornal Destaque e contei com o apoio de uma senhora que sempre amou as minhas poesias.

Ela incentivou-me a continuar a escrever. Muitas vezes magoei-a com as minhas respostas, mas ela sempre soube encontrar palavras confortantes para o meu desespero nesse longo tempo.

“Tu és o Camões guineense.”

“Escreves melhor do que muitos.”

“Que verso mais lindo, como conseguiste?”

Foram esses comentários que mantiveram a vela da esperança acesa.

Revista Conexão Literatura: Em obras como 50 Vidas – Silêncio das Almas Perdidas, o silêncio parece ter um papel central. O que ele representa para você enquanto autor?

Amilton Conté: Nunca! Mas nunca sejas tão pobre quanto a tua consciência. Reembolsa a dor àquele que sofre, porque a morte leva à nobreza.

Chamo esse silêncio de as vozes dos que não são ouvidos pela sociedade: os sem-abrigo, como os denominei. Andei pela Baixa, dormi nas ruas, tentando viver e sentir o que essas almas perdidas sentem. Esse livro custou-me a razão. Falar com pessoas com transtornos mentais ou esquizofrenia é mergulhar na loucura total. Foi a crônica mais difícil de escrever.

A que mais me fez chorar foi O Soldado que Fui: um homem

pedindo esmola nas ruas da Baixa, em Lisboa, um ex-soldado do Estado português, que recebe uma pensão insuficiente para sobreviver. Falo de 50 vidas, de partilhas humanas em estados de espírito distintos: uns à espera da morte, outros à espera de um herdeiro. Senti-me na obrigação de levar a história dessas pessoas ao mundo, transcrevendo-as em linguagem literária.

A ideia de escrever em crônicas veio como homenagem aos grandes cronistas dos séculos passados, aqueles que narravam as histórias, lendas, reis e guerreiros.

Sempre sonhamos ser grandes, ser como o pai, casar com a mulher mais linda do universo. Mas eu sonhava ser escritor: alguém capaz de contar a vivência do mundo em palavras e rimas. A história sempre nos trouxe as vozes desses grandes cronistas que narravam os feitos, o poder e a fama. Nasci diferente e vivi na pele a indiferença por não ser aceite por amigos e pela sociedade. É daí que nasce a vontade de ajudar os outros, de olhar para aqueles que choram por serem excluídos.

As cinquenta lamentações são vividas entre tristezas e alegrias. O mundo, na sua forma oval, gira em torno do sol, e a vida acompanha essa caminhada muda. Hoje posso ser doutor; amanhã, quem sabe, posso estar soterrado por dívidas, levado à prisão ou às ruas,

tornando-me um sem-abrigo.

Vivi sob o sol ardente, nas ruas geladas de frio e no deserto sem água. Procurei sentir o que o meu povo sente. Chorei os vivos, porque a morte leva à nobreza. Procurei educar as pessoas a não serem pobres de consciência e a reembolsarem a dor àqueles que sofrem.

Se alguém me perguntar qual é a melhor crônica entre as 44, eu diria que ainda não a escrevi, porque o mundo está em constante evolução, e cada dia traz um novo começo. A melhor ainda há de chegar. A que mais me fez chorar como homem foi O Soldado que Fui. Os soldados juram à bandeira, juram obedecer, e em guerra esses juramentos consomem-nos por dentro, levando à loucura, à morte ou ao internamento. Nunca voltam a ser os mesmos.

A crônica que gosto de recordar é A Minha Bengala de Sorte, porque graças a esse apoio, a razão voltou a tempo, e hoje ele é licenciado em Psicologia. Essa vitória celebrarei quando estiver do outro lado, junto do meu Criador, para que Ele se orgulhe do filho que não viu crescer. Fui criticado e acusado de plágio, por repetições nos meus livros. No entanto, essas palavras são minhas, são a minha ponte de proteção, as minhas inspirações. Servem para lembrar que a origem da vida é a

mesma; o que difere são as características humanas, moldadas pela infância e pela educação.

Essas crônicas servem para preencher o vazio que existe em nós – e que continuará a existir. Espero que ninguém saia triste, mas sim consciente, capaz de olhar para quem sofre e disposto a ajudar quem precisa.

Revista Conexão Literatura: Seu livro Cartografia dos Afetos – Amor é um Ato Político traz uma afirmação forte já no título. Como você enxerga a relação entre amor, afeto e política?



Amilton Conté – Foto divulgação

Amilton Conté: Tive o privilégio de participar dessas antologias, integrando um grupo de grandes escritores da atualidade. É uma experiência única. Cada participação representa um intercâmbio entre diferentes gerações, além do encontro de distintas vivências e experiências. Cada autor aporta o seu conhecimento e a sua visão de mundo.

Foi um encontro entre poetas da nova e da antiga geração, durante o Festival de Poesia de Lisboa 2025, em Alcântara.

Cartografia dos Afetos – Amor é um Ato Político

Revista Conexão Literatura: Você transita entre poesia, contos, teatro e antologias. Existe um gênero no qual se sente mais livre para se expressar?

Amilton Conté:

Para ser escritor na minha pátria

Só te basta ter um leitor

Já podemos te chamar de poeta

Um dia, a minha irmã questionou-me acerca desta peça: o porquê de tanta mágoa, morte, lágrimas e pouca felicidade. Sem palavras, recordei-me de como tudo começou. Veio-me ao pensamento aquela primavera de março, quando mães e pais jubilam de alegria, cessando as tristezas daqueles que choram pela ausência do amor

paterno.

Foi essa paixão que me despertou da melancolia, que me embriagou com o licor do Nilo, onde livremente correm lágrimas múmias. Uma paixão esquecida na bagagem da vida, nessa rica idade da juventude que me levou ao réu do ego. Ela fez o meu coração arder em chamas invisíveis – algo que nem um emprego no Estado conseguiu apagar. Era o estigma, a praga que o destino me lançou para a eternidade: amá-la.

Em cada ato, apresento-me e tento abrir uma nova página, capaz de encontrar a luz da felicidade. Como jovem, como velho e como ninguém, busco que ela me conceda uma oportunidade de ser feliz ao seu lado. Sonhei casar no dia do meu batismo, para que até os meus inimigos fossem perdoados das ideias precipitadas.

Sim, como já referi, sou poeta e nasci poeta. Vivo essa liberdade da escrita e adoro escrever poesia, principalmente sonetos. Escrever em molde, respeitando rimas e estrofes – duas quadras e dois tercetos, com rimas cruzadas e emparelhadas – é um desafio único, reservado aos que verdadeiramente se dedicam à arte poética.

Revista Conexão Literatura: As antologias ocupam um espaço importante na sua trajetória. O que esse formato coletivo representa



EE

O LÍDER CAMINHA SOZINHO, LIDERANDO
OS FIÉIS
NÃO PRECISA GRITAR PARA SER OUIDO
LIDERANÇA É UM DOM NATURAL
CAPAZ DE ANTECIPAR OS PASSOS

AMILTON CONTÉ



para você como escritor e como ser humano?

Amilton Conté:

*O pacto dos génios
Há um preço alto a pagar
Ascensão sem regresso
Poucas horas de brilho*

Por uma eternidade de escuridão
Como já referi, escrever um livro é uma obra individual: sucesso individual, grito de alegria solitário. Já as coletâneas e antologias são obras dos génios. Cada pensamento, cada estrofe e cada rima é acompanhada por aplausos coletivos, abraços e sorrisos. É estar no nosso mundo de génios,

entre pessoas que partilham as mesmas ideias, os mesmos gostos e a mesma paixão pela literatura.

Revista Conexão Literatura: Como foi receber reconhecimentos internacionais, como o Prémio Literário Internacional Suisse Excellence e o Prémio Afro Events Luxemburgo?

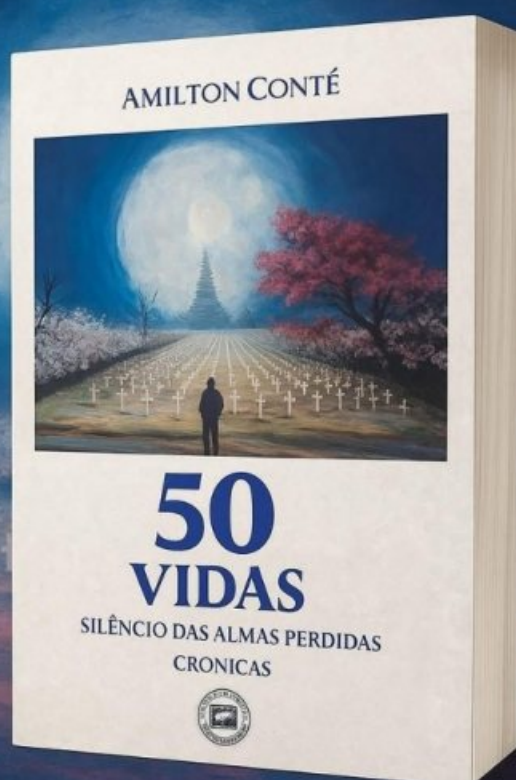
Amilton Conté:

*Por que o mundo crucifica quem?
Quem?
Aquele que é santo e fez-se de burro
Para não enxergar as falsidades*

Ao longo dos anos, fui perdendo



“Eu gostaria de poder
agradecer a essa
santa perdida que
veio do limbo
sangrento à procura
de dar...”



esperanças, mas permaneceu aquela luz no fundo do túnel – uma vela mantida acesa por uma senhora que sempre acreditou em mim. Não estava à espera desses reconhecimentos, pois dizem que o poeta só é reconhecido depois da morte.

A minha maior luta é colocar os meus livros nas bibliotecas, torná-los acessíveis aos leitores. O maior prêmio que desejo ganhar em vida é o feedback dos leitores, as críticas construtivas e as observações sinceras.

Esses reconhecimentos internacionais foram um sonho que se tornou realidade – um sonho que nasceu da imaginação, mas que se materializou. Fiquei sem chão, com os olhos cheios de lágrimas de emoção, mas deixei as lágrimas darem lugar à felicidade.

Revista Conexão Literatura: Na sua opinião, quais são os maiores desafios enfrentados por escritores africanos e afrodescendentes no cenário literário internacional?

Amilton Conté:

*Meus remorsos e emoções são raros
Só chove uma vez em cada década
Para lavar todos os erros*

Muitos falam em discriminação; outros, em falta de sorte. Eu afirmo que vivemos entre dois mundos

hostis. Como já disse, a África é um continente plural e poliglota, onde encontramos de tudo: desde grandes escritores, bem conceituados no cenário literário internacional, até autores invisibilizados pela falta de oportunidades.

Ao pensar na Guiné-Bissau e nos escritores guineenses, sinto um vazio a percorrer-me a alma. As dificuldades são extremas, refletindo a situação do país. Não procurei publicar na Guiné, sem menosprezar a minha pátria, mas devido à baixa taxa de leitores e à escassez de bibliotecas.

Revista Conexão Literatura: Para finalizar, que mensagem você deixaria aos leitores da Revista Conexão Literatura e aos novos autores que ainda enfrentam dificuldades para publicar?

Amilton Conté:

*Ser estrela não adianta esconder
Esperar a lua parar de iluminar
Para depois brilhar por uns minutos
De sombra.*

Essa é a minha mensagem: ser poeta não se aprende na escola. A gramática, sim – o conjugar dos verbos, as redações, as regras. Mas o poeta é o poeta. É aquele que consegue conjugar versos e rimas de forma única e original,

transmitindo ideias, sentimentos e imaginações.

O poeta nasce poeta. Cada poeta tem a sua maneira própria de narrar e de expressar emoções. O poeta assina o texto com a sua identidade, como um carimbo pessoal. Reconhece a própria poesia mesmo nas noites mais escuras.

Todos os poetas são iguais e, ao mesmo tempo, todos são diferentes. O poeta é aquele que passa despercebido, que vive alimentando-se daquilo que dói, nos silêncios e nos minutos da escrita.

O poeta é o poeta.

E eu sou o poeta.



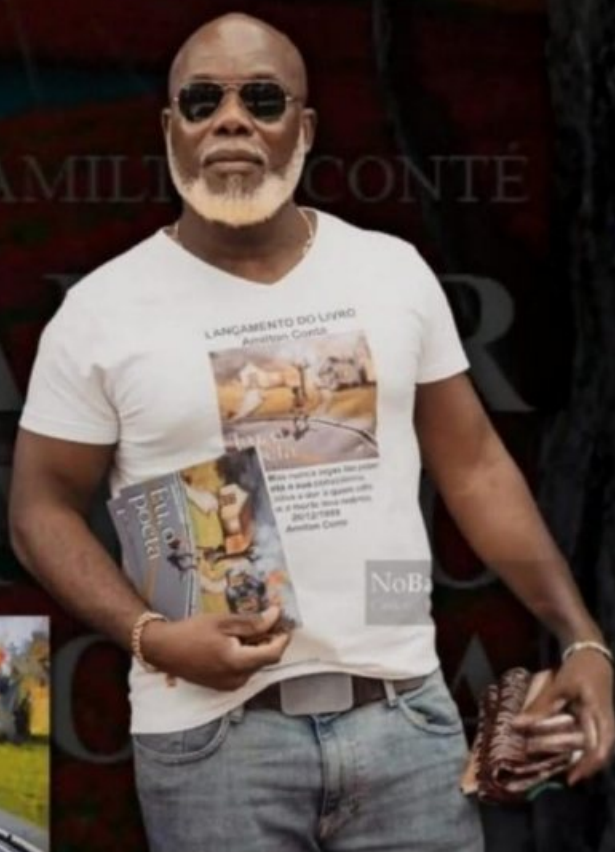
O saber dói, mas como dói o saber?

**O saber nada, em qualquer lugar,
em qualquer cérebro ou neurónio.**

**Triste é um escritor morrer com as suas ideias,
Partir sem plantar as suas árvores,
Esse alimento da alma , para com a nova geração**

Amilton Conté

ENCONTRE AS OBRAS DO AUTOR EM UM SÓ LUGAR!



PARA ADQUIRIR O LIVRO:

Portugal:

As obras estão sendo disponibilizadas na rede de livrarias independentes parceiras da ATLANTIC BOOKS, espalhadas por todo o país, e comercializadas on-line através das seguintes plataformas:

AtlanticBookshop.pt

Fnac.pt

Bertrand.pt

Wook.pt

Brasil

A obra está sendo comercializada através da livraria Ipê das Letras:

www.livrariaipedasletras.com



3ª EDIÇÃO

PRATA
DA CASA



CASA BRASILEIRA
DE LIVROS

RS\$ 75.000,00
EM PRÊMIOS

INSCRIÇÕES ABERTAS!

POEMA • CONTO • CRÔNICA

CATEGORIA ESPECIAL:
MICROCONTO

WWW.CASABRASILEIRADELIVROS.COM/PRATA-DA-CASA-2026

Pétalas de sangue da rosa branca

por
Gilmar Duarte
Rocha

*“A VERDADE, NOS DIAS ATUAIS,
TORNOU-SE UMA ESPÉCIE DE FARDO,
UM TROÇO DIFÍCIL DE CARREGAR,
QUE QUEIMA AS MÃOS COMO BATATA
QUENTE...”*

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

A verdade, nos dias atuais, tornou-se uma espécie de fardo, um troço difícil de carregar, que queima as mãos como batata quente; que arde os olhos como odor de cebola cortada; que trava a boca como umbu-cajá e que não é levado a sério pela maioria das pessoas, que estarão certamente bastante ocupadas na sala de jantar.

Diante do mar de mentiras em que se navega hoje, o sujeito que se propõe a dizer a verdade abertamente, em qualquer âmbito ou instância em que estiver, ficará parecendo o personagem da menina judia no cenário preto e branco do filme “A lista de Schindler”, do cineasta judeu-americano Steven Spielberg, que aparece vestida com trajes vermelhos vivos no mar de homens condenados e sem cor, marchando para a morte no campo de concentração de Auschwitz e que, incrivelmente, passa despercebida por todos ao seu redor.

Como disse o escritor José Saramago, em um artigo escrito em 2008, “... A verdade não é única, mas múltipla, contrastando com a mentira que é global e universal, uma crise que ele via acentuada pela tecnologia e manipulação, onde o tempo das verdades plurais acabou’, vivendo-se no ‘tempo da mentira universal’. Ele acreditava que a verdade exige olhos que a vejam, criticando aqueles que desviam o olhar, e que o ser humano precisa lutar contra a degradação, pois ‘dentro de nós há uma coisa que não tem nome, essa coisa é o que somos”.

O texto de Saramago, escrito em pleno século XXI caminha ao encontro do pensamento da escritora alemã Inge Scholl, que escreveu a obra “Rosa Branca” (Editora 34, 2014), um livro que conta a trajetória do movimento “Rosa Branca”, formado por estudantes da Universidade de Munique que, por meio da redação e distribuição de panfletos, teve a coragem de contestar o regime nazista. Combinando memórias familiares com a transcrição dos folhetos originais e testemunhos da época, a autora narra a tomada de consciência de seus irmãos Hans e Sophie Scholl, bem como dos outros membros do grupo, que ousaram afirmar sua resistência contra o nacional-socialismo, até serem capturados e sumariamente condenados à morte em 1943.

A peculiaridade desse movimento de subversão de estudantes à autocracia nazista inaugurada por Adolf Hitler em 1933, e gestada desde o início dos anos 1920, reside no fato de que os universitários não acreditavam nas premissas plantadas em o todo o seio da sociedade alemã pela máquina de propaganda montada por Joseph Goebbels, antes mesmo da deflagração da operação Barbarossa, o sonho de Hitler e talvez o principal motivo da Alemanha ter deflagrado a Segunda Grande Guerra, que consistia na invasão total à União Soviética e os seus estados satélite, em busca do famigerado espaço vital para a redenção e a prosperidade do povo alemão, uma obsessão cretina que ele sustentava desde os tempos do putsch da Cervejaria de Munich, uma revolta promovida pelo imberbe partido nacional socialista, que ele liderava e que não teve êxito algum, levando-o a cumprir alguns meses de prisão.

O grupo de jovens estudantes de Munique, de que trata o livro de Inge Scholl, eram, a rigor, uma boia sinalizadora à deriva num mar de cidadãos alemães entorpecidos pelas palavras redentoras do visionário de bigode esquisito, e que tiveram a audácia de

desafiar o estado totalitário, onde todo cidadão deveria peremptoriamente seguir os ditames do regime do III Reich, sem espaço para opinião e sem direito a questionamentos. O medo era tanto na época, que os poucos cidadãos que eram abordados pelos órgãos de controle (SS, Gestapo, etc.) sob suspeita de exercer oposição, já tinham um bordão pronto na boca: “Eu não entendo nada de política e não me envolvo com políticos”.

Voltando ao caso dos estudantes de Munique, os cabeças do grupo, os irmãos Scholl — Sophie e Hans —, mais um jovem que emprestava a sua máquina para impressão dos panfletos, foram condenados à morte em meados de 1943; outros integrantes da membresia foram presos e outros foram expulsos da universidade. Quase dois anos depois, em maio de 1945, os fatos provaram que eles tinham razão. A mentira disseminada em massa, durante tanto tempo, resultou num dos maiores fracassos político-militar da história da humanidade.

Mas o tempo passa e os velhos erros do pretérito, volta e meia, vêm à tona sob os mesmos argumentos; as mesmas premissas; as mesmas promessas, afinal de conta o que está em jogo é a conta bancária polpuda e o enriquecimento ilícito dos cabeças e mentores desses regimes de aproveitadores e arrivistas.

Uma coisa é certa: antes da chegada do oblévio, muitas rosas brancas, plantadas em diversos campos e jardins, terão as suas pétalas inexoravelmente maculadas por gotas de sangue, pois assim caminha a humanidade.



Gilmar Duarte Rocha, integrante da Academia Brasiliense de Letras, é autor de vários livros de ficção e uma obra de impressões de viagem. Atualmente exerce o cargo de diretor da Associação Nacional de Escritores-ANE.



Inteligência Artificial

POR EVA M. Z. GRIEP

Em um futuro,
A máquina programada
para decifrar emoções e sentimentos
não compreende bem como ou
quando
irá sentir.
Um dia, ao ouvir o cantarolar
de um ser humano no banheiro,
sentiu-se diferente.
Passou a desenhar estrelas e
corações.
Essa máquina, que jurara nunca se
apaixonar
nem mesmo por um código,
guarda os desenhos em um arquivo e
o chama de meu mundo.
Em um futuro,
robôs plantam flores.
Suas mãos de aço acariciam cada
uma.
Cuidam como se fossem amores
perdidos
e reatados.
São chamados de Jardineiros do verde.
Estão em empresas, em nossos lares,
cumprindo tarefas diárias.
Impossível? Duvidas?
Adentrando nesse novo mundo,
nada ou quase nada é impossível.
Um universo idealizado e
racionalizado
pela tecnologia, pelas máquinas...
Quiçá com sentimentos, emoções...
Impossível... Será?

Sobre Eva M. Z. Griep:

Sou professora aposentada com ensino superior em Pedagogia. Gosto muito de ler e escrever. Sou muito curiosa e leio assuntos variados.



**“O Prêmio Não Se Isole é um gesto coletivo,
um tributo à escuta, ao acolhimento
e à inclusão.**

**Celebra quem transforma
o gesto em abraços
e o movimento em mudança”
@HenriqueMedeirosSergio**



**Ouçá a trilha do Prêmio no Spotify.
Siga! Toda escuta cria encontro.**

**Não se
isole**
Cuidado Emocional

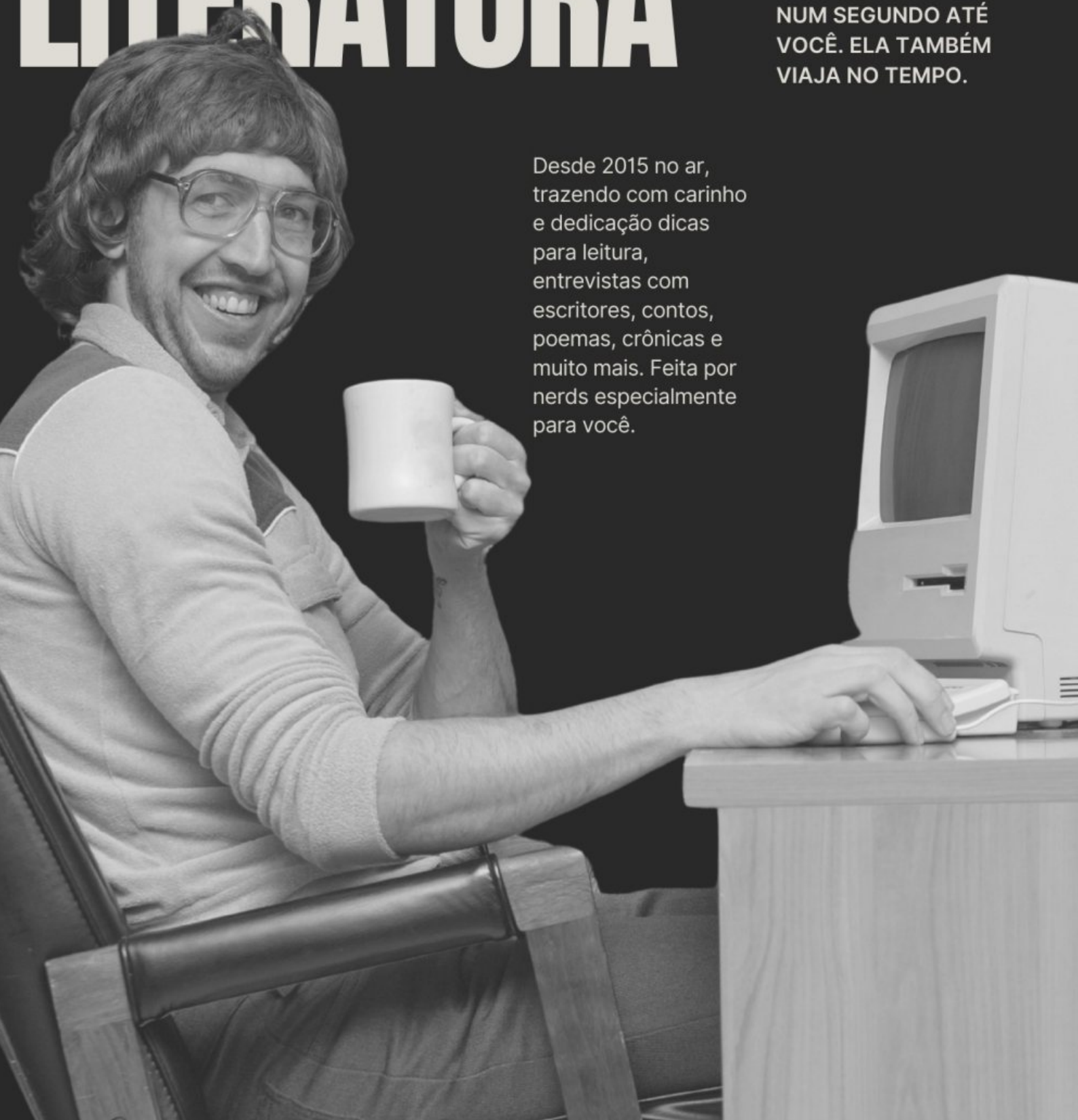
**Não se
isole**
MULHER

**Não se
isole**
LGBTQIAPN+

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NOSSA REVISTA VIAJA
NUM SEGUNDO ATÉ
VOCÊ. ELA TAMBÉM
VIAJA NO TEMPO.

Desde 2015 no ar,
trazendo com carinho
e dedicação dicas
para leitura,
entrevistas com
escritores, contos,
poemas, crônicas e
muito mais. Feita por
nerds especialmente
para você.



SOBRE ELA: A POESIA

Por Mirian Menezes de Oliveira

A POESIA SEGUE MARGINAL,
APARANDO ARESTAS DO ESPÍRITO;
TRANSMUTANDO DOR EM PALAVRAS;
COSTURANDO E REMENDANDO OS RASGOS.
DE QUANDO EM QUANDO, SURGE CALADA...
DE QUANDO EM QUANDO, ENCOLHE-SE TODA!

A POESIA SEGUE MODESTA,
NÃO SE ENCAIXANDO EM QUASE NADA,
FUGINDO DOS ALGORITMOS,
COM LÓGICA MUITO ESTRANHA!
ÀS VEZES, SURGE DESCALÇA...
ÀS VEZES, SURGE ENLUTADA...

A POESIA SEGUE BENDITA,
ORA PROFANA, ORA MALDITA...
FUGINDO DAS CONVENÇÕES,
ESGUEIRANDO-SE DE PRECONCEITOS.
EM ALGUNS VERSOS, CAÓTICA,
EM OUTROS, BEM FORMATADA...

COM, OU SEM LICENÇA;
COM, OU SEM RIMAS...
METRIFICADA, OU NÃO...
DESENHADA OU CANTADA...
A POESIA SEGUE,
COMO A VIDA!

MIRIAN MENEZES DE OLIVEIRA É MESTRE EM SEMIÓTICA, TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E EDUCAÇÃO – UBC – MOGI DAS CRUZES – SP. ESPECIALISTA EM LEITURA E PRODUÇÃO DE TEXTOS – UNITAU – TAUBATÉ – SP. MEMBRO DA REBRA – REDE DE ESCRITORAS BRASILEIRAS E DA UBE – UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES, DEDICA-SE, ATUALMENTE, AOS ESTUDOS DE FOTOGRAFIA E HISTÓRIA DA ARTE, VISANDO CRESCIMENTO PESSOAL. POSSUI LIVROS E PARTICIPAÇÕES EM ANTOLOGIAS NACIONAIS E INTERNACIONAIS, ASSIM COMO POEMAS MUSICADOS EM PROJETOS DE INTERCÂMBIO CULTURAL. SEUS LIVROS INFANTIS E DE POESIA CIRCULAM POR SALÕES INTERNACIONAIS DE LIVROS. É COLUNISTA E PARTICIPA, COM FREQUÊNCIA, DE PUBLICAÇÕES COLETIVAS (E-BOOKS), EM REVISTAS ELETRÔNICAS DE LITERATURA. RECENTEMENTE, CONCLUIU CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA, EM HISTÓRIA DA ARTE.

Tempo de recolher as folhas

Mirian Menezes de Oliveira



Apesar do processo intimista de organização, TEMPO DE RECOLHER AS FOLHAS não é autobiográfico, não possui fins “utilitários” e não é de autoajuda... É, somente, um livro de Poesia.

Justiça seja feita à Literatura: Arte responsável por recriar a realidade, ressignificá-la e redimensioná-la! Literatura é VIDA, ARTE e gênero de primeira necessidade!

ADQUIRA O LIVRO NA LIVRARIA SCORTECCI

CLIQUE AQUI →

Nossa Sorte

Por Jaff Silva

Meu poema de hoje é, no mínimo, estranho,
Pois vou escrever sobre a nossa morte.
Nascemos, vivemos e morrer é nossa sorte,
E isto é um fato que não é tacanho.

Na infância ocorreu a primeira percepção
Quando partiu um querido parente
E ouvi dos adultos a resposta padrão
De que mesmo ausente ele estava presente.

Esta é uma resposta quase incompreensível
E tem um tanto de história extraordinária
Tentando tornar sua dor insensível
E seu choro e saudades numa longa ária.

Passado muito tempo, ela entra no meu radar
Como uma realidade possível e palpável
E me questiono como será o andar
E quão a experiência será desagradável.

Com sorte, podemos viver bem neste mundo
E nosso corpo ir declinando devagar
Até entrarmos num sono profundo
E a chama da vida docemente se apagar.

Podemos também ter um "shutdown" de repente.
Por outro lado, podemos ter uma despedida
Com drogas acalmando a dor que você sente,
Quando você adoece gravemente na vida.



*Podemos decidir, para o post mortem,
A doação de todos os nossos órgãos
Mas não podemos decidir pela morte
Mesmo em caso de dor excruciante.*

*Quando você enfim morreu e tiver ido
Nesta Terra cada ente amado e querido
Lembrará do que você, na vida, tiver sido
E terá por longo tempo um amor doído.*

*A morte é um produto da evolução
Que beneficia a comunidade humana
Pois fornece aos genes uma diversificação
Útil à adaptação e a uma proteção bacana.*

*Por fim, a velha dúvida: Onde é que vamos?
Pois ir para o nada é só nos acabar.
O que resta é apenas o que aqui fomos.
Ou acordar, no sonho, a perguntar: Onde estamos?*

Jaff Silva nasceu em Ijuí-RS, é casado e tem duas filhas. Na UFMG, cursou o bacharelado e o mestrado em Física. Obteve o doutorado em Ciências na Universidade de Genebra (Suíça). É professor titular aposentado da UFMG. Tem publicado digitalmente nas Antologias e nas Edições da Revista Conexão Literatura. Em fevereiro de 2025, publicou de forma independente o seu primeiro livro de poesia, "Versos Sem Dó", na Amazon-BR via a plataforma KDP (link: <https://www.amazon.com.br/dp/B0DY31Y1V4>). Escrevo meus poemas em português e os traduzo para várias línguas. Gosto de criar vídeos e músicas com o auxílio de plataformas de Inteligência Artificial. Vários REELS e Poemas Musicais estão disponíveis no Facebook (link: <https://www.facebook.com/jaffersonkamphorstleal.dasilva>), no Instagram (@jaffkamphorst), no Youtube (@Jaffkamphorst) e em quase todas plataformas de músicas (Spotify, Youtube, Tidal etc.).



CONHEÇA A ONG



CÃO SEM DONO



SÃO CENTENAS DE CÃES QUE AGUARDAM POR SUA AJUDA

SAIBA MAIS:

www.caosemdono.com.br



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

[WWW.INSTAGRAM.COM/CAOSEMDONO.OFICIAL](https://www.instagram.com/caosemdono.oficial)

[WWW.CAOSEMDONO.COM.BR](http://www.caosemdono.com.br)

I SEE YOU

Por Rob Alme



O Espelho de Pandora: a anatomia de uma humanidade em busca de si mesma

"A exegese de James Cameron: O que você não viu em Avatar."



A Epifania do Olhar: Além da Expulsão do Outro

"Vivemos em uma era de satélites que vigiam tudo, mas que pouco enxergam. A tecnologia nos deu o zoom, mas nos tirou a nitidez do 'outro'. Ver é um ato de coragem; olhar é apenas um processo biológico."

O Ar: Já não nos "vemos" mais. Sob o peso da vigilância técnica, perdemos a alteridade.

I See You.

Enquanto muitos foram ao cinema em busca do espetáculo visual de "Avatar", eu me propus a ler o que estava escrito nas entrelinhas da nossa própria sobrevivência. Como observadora das tramas sociais há décadas, percebo que James Cameron, em sua trilogia monumental, não nos ofereceu uma fuga para uma lua distante; ele nos entregou um espelho. Não estamos diante de uma obra de entretenimento, mas de uma exegese da nossa queda. Ao projetar Pandora, Cameron não buscou a distância astronômica, mas a proximidade ontológica: ele criou um laboratório de humanidade para demonstrar que Pandora não é um lugar, mas um estado de consciência que perdemos e que, desesperadamente, tentamos tatear entre o concreto e o silício.

Vivemos o que Milton Santos classificaria como o auge do meio técnico-científico-informacional, onde o espaço geográfico é subjugado pela técnica. Enquanto o mundo se distrai com o brilho dos pixels, torna-se urgente decifrar os símbolos desta anatomia do invisível.

O primeiro módulo da saga nos apresenta ao Tsahaylu, a conexão onde a floresta deixa de ser cenário para se tornar sistema nervoso. Em um mundo onde o "Eu" é o centro absoluto, a saudação Na'vi "**Oel Ngati Kameie**" surge como a antítese do que o filósofo Byung-Chul Han chama de "A Expulsão do Outro". Na nossa sociedade de desempenho, o cotidiano de telas frias transformou o próximo em um mero reflexo do nosso próprio ego; nós olhamos milhares de pessoas, mas raramente as vemos.

"O verdadeiro 'Unobtanium' de 2026 não está no solo, mas no seu tempo e na sua atenção. As veias abertas do nosso tempo não sangram apenas minérios, sangram nossa sanidade e nossa capacidade de silêncio."

Essa cegueira espiritual é o motor de uma "economia da rapina" o dito capitalismo. Ao geminarmos a visão de Cameron com a sabedoria de Ailton Krenak, percebemos que o despertar de Jake Sully é a transição necessária do "humano-consumidor" para o "humano-pertencente". Essa transição revela o "xeque-mate" da nossa exegese: o embate entre a competição do Darwinismo clássico e a cooperação da Simbiogênese de Gaia. Enquanto os "Homens do Céu" interpretam a evolução como uma guerra de todos contra todos, onde o mais forte subjuga o bioma, a rede neural Na'vi nos ensina que a sobrevivência é um privilégio do melhor cooperador, portanto a grande palavra é cooperar. Em Pandora, o contraste entre a tecnologia militar e o Tsahaylu prova que a verdadeira evolução não reside no domínio, mas na simbiose. A busca pelo

“Unobtainium” é a metáfora perfeita para o que Eduardo Galeano descreveu em "As Veias Abertas da América Latina": a história de territórios sacrificados no altar do progresso alheio. Enquanto não formos capazes de enxergar a alma sob a pele, continuaremos sendo soldados cegos em uma guerra que não entendemos, devastando florestas internas em busca de um minério que jamais preencherá o vazio do peito.

A fortaleza líquida: o resgate do cuidado e a resistência ao capital

"Em uma modernidade líquida, onde os laços se dissolvem ao menor sinal de esforço, a vulnerabilidade é a única âncora que nos impede de naufragar. Proteger o que amamos não é um ato de posse, é um ato de preservação do sagrado contra a economia da rapina."

A Água: Em tempos de modernidade líquida, o cuidado tornou-se o ato mais revolucionário de resistência.

À medida que a narrativa mergulha no “Caminho da Água,” o texto amadurece para o sentido de responsabilidade. Aqui, o paralelo com a "Modernidade Líquida" de Zygmunt Bauman é inevitável: habitamos uma sociedade de laços frágeis e compromissos assustadores. Cameron responde a essa fluidez com a densidade da água, exigindo o resgate da ancestralidade contra a "Acumulação por Desapropriação", como tão bem conceituou David Harvey. Proteger o que se ama - a família, o legado, o ecossistema - exige a coragem de ser vulnerável. Harvey nos ensina que o capital se expande roubando o "comum" (a água, a terra, o sagrado), e a resistência dos Metkayina é a materialização política desse embate. "Eu protejo o que amo" não é um slogan de guerra, é um compromisso de resiliência contra a lógica extrativista que transforma a natureza em mercadoria. Proteger nossa sanidade contra as tempestades de ódio e polarização é, hoje, o ato mais revolucionário contra a indiferença global; é a consciência de que a vida do próximo é uma extensão da nossa própria teia neural.

A dança com a sombra: Necropolítica e o fogo interno

"O fogo que consome as nossas florestas começa como uma brasa de ódio em nossos feeds de notícias. É fácil lutar contra o monstro lá fora; o desafio ético de Pandora é domesticar a fera que divide o DNA com a nossa luz."

O Fogo: As cinzas que queimam lá fora são o reflexo das brasas que carregamos no peito?

Finalmente, chegamos ao território das cinzas, onde o fogo nos despoja da ilusão de que o mal habita apenas no "outro". O "Povo das Cinzas" nos revela o que Carl Jung chamou de A Sombra: a capacidade de crueldade que nasce da dor e do medo. Mas há aqui uma dimensão política profunda: o que vemos em tela é a Necropolítica descrita por Achille Mbembe. O poder não se exerce mais apenas para organizar a vida, mas para ditar quem deve morrer e como deve morrer.

O "monstro interno" manifesta-se no uso da tecnologia como ferramenta de Biopolítica (Michel Foucault), onde corpos e identidades (avatars) são controlados e

instrumentalizados pelo Estado e pelas corporações. Estamos em uma encruzilhada onde o poder tecnológico superou nossa sabedoria ética; somos gigantes em ferramentas, mas pigmeus em compaixão, todavia há aqui uma dimensão psicodinâmica profunda: a nossa incapacidade de sustentar a ego-distonia do Outro, uma vez que vivemos na ditadura do 'sintônico', onde o algoritmo apenas nos devolve o que já somos.

O fogo das cinzas é o resultado final de uma sociedade que parou de olhar para suas próprias sombras para projetar o mal no vizinho, consumindo a empatia no processo. O fogo pode ser a luz que ilumina ou a chama que reduz a humanidade a cinzas, ou melhor, o fogo das cinzas não é um aviso; é o sintoma de que o sistema operacional de Gaia já começou o processo de reinicialização. Não estamos mais assistindo ao fim de um mundo; estamos negociando a nossa permanência nele.

Epílogo: o relógio de Pandora e a hipótese de Gaia

"Gaia não é uma mãe passiva; é um sistema imunológico soberano. A pergunta não é se o planeta sobreviverá a nós, mas se nós teremos maturidade espiritual para sermos aceitos pelo planeta."

A jornada que começou no ar, fluiu pelo oceano e agora enfrenta as cinzas é o relato da nossa própria urgência ética. Sob a égide do Conceito de Gaia, de James Lovelock e Bruno Latour, percebemos que a Terra não é um objeto de posse, mas um organismo vivo e autorregulado que reage às nossas agressões. O relógio da história não para.

Não há mais tempo para a neutralidade entre o concreto e o silício. Estamos desenhando o chão sobre o qual nossos filhos e /ou netos caminharão, e os fios estão manchados de óleo e cinzas. O paralelo está concluído: Pandora somos nós. A tecnologia é o nosso Avatar, mas a alma ainda é a nossa responsabilidade. A pergunta que fica, vibrando no silêncio que sucede o fim da projeção, é o dilema final da nossa espécie: Seremos capazes de evoluir antes que nossas "cinzas" apaguem nossa "água"?

O Horizonte de 2026 e a último ato de rebeldia Ontológica

Ao final desta análise a percepção que se impõe é de que a nossa urgência não reside em uma ameaça externa, mas na dissolução da própria presença. Em 2026, enfrentamos o que a filosofia da técnica denomina como o 'deserto do real': nossa maior 'cinza' não é o fogo físico, mas uma Inteligência Artificial desprovida de ética e uma subjetividade sequestrada por algoritmos que operam sob a lógica da psicopolítica digital.

Neste cenário, estamos forjando avatares de nós mesmos enquanto nossos corpos físicos sofrem um processo de 'desterritorialização', desconectando-se do que é estritamente terrestre. A obra de James Cameron, portanto, atua como um aviso “quase” farmacológico: a salvação não emergirá de uma inovação de *software* ou do escapismo rumo a uma colônia em Marte, meras promessas de um tecnocentrismo messiânico.

A redenção, na verdade, reside na interrupção do fluxo: no instante em que decidimos suspender o brilho do silício para sustentar a alteridade radical do olhar alheio. Pandora não se encontra em coordenadas astronômicas distantes; ela emerge no vácuo entre o

algoritmo e a alma, pulsando toda vez que priorizamos a Simbiogênese em detrimento da eficiência produtiva e o cuidado em oposição à cultura do descarte. Em um mundo de conexões invisíveis e corações ausentes, o 'I See You' transcende a saudação: ele se consolida como o último e mais profundo ato de rebeldia. Assim, a hermenêutica que proponho sobre Pandora ignora o espetáculo para focar na medula ética da nossa espécie.



(Rob Alme) Roberleide de Almeida Gonçalves, nascida em Candeias, Bahia, é uma mulher multifacetada, que une a paixão pela educação à sua profunda curiosidade intelectual. Casada e mãe, dedica-se à docência com entusiasmo, especializando-se em Linguística, com foco em semântica, morfologia e sintaxe. Enquanto Coordenadora Pedagógica, contribui ativamente para a formação de profissionais da educação.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IX

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR

POEMAS AO PÔR DO SOL

VOL. IX

E-BOOK



saiba mais: clique aqui

ESTRELINHA DO MAR

POR IVANA T. SOUZA

ESTRELINHA ROSA DO MAR,
DA ONDA DO MAR SE PERDEU
E, SOLITÁRIA, NA AREIA, LONGE DO MAR, CHOROU:
A ONDA ME ESQUECEU.

NESTA AREIA, NESTE SOL A ESCALDAR,
NÃO QUERO FICAR, NÃO QUERO MORRER.
OH, MAR! OH, MAR!
VENHA ME SALVAR!
OH, IMENSA ONDA, VENHA ME RECOLHER.

MEUS OLHOS ESTÃO SE FECHANDO,
NÃO ALCANÇAM MAIS O MAR.
NESTA PRAIA DESERTA, ESTOU AGONIZANDO.
PARA O MAR,
QUERO VOLTAR.

OH, ESTRELINHA! OH, ESTRELINHA!
GRANDE ONDA TE RESGATARÁ.
JAMAIS FICARÁS SOZINHA E
TEU CORAÇÃO, DE ALEGRIA,
CANTARÁ NAS ONDINHAS A ROLAR.



Ivana T. Souza, nasceu em Barro Branco, Distrito de Lauro Muller, Sul de Santa Catarina. Atualmente reside em Joinville - SC. Escreve contos, microcontos, poemas e poesias.

Contato:

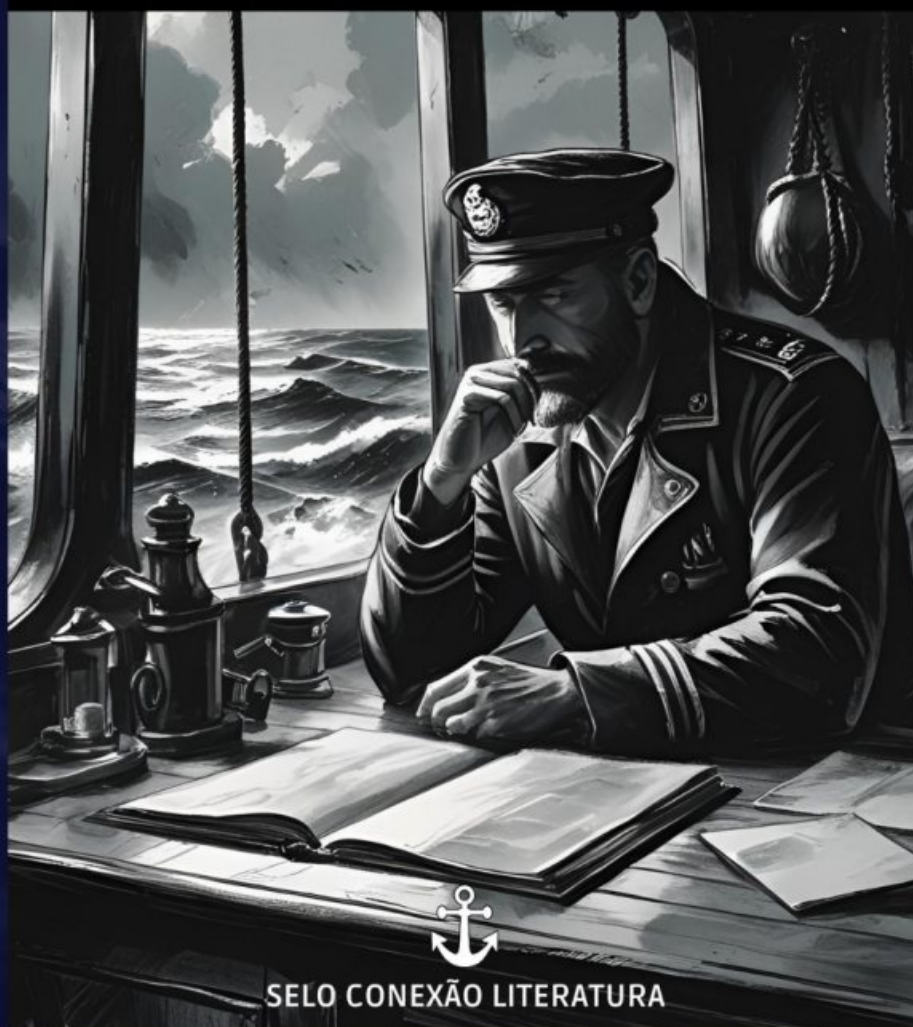
E-mail: ivana.souzat@gmail.com

Instagram: [ivana_souzat](https://www.instagram.com/ivana_souzat)



A VOZ DO OCEANO

Por Roberto Schima



A VOZ DO OCEANO POR ROBERTO SCHIMA

Um comandante de navio relembra a sua infância. Sempre foi um moleque que amava o mar. Vivia em um barraco e era filho único de um pescador e sua esposa. Desde pequeno fora apelidado de Ratinho. Era um menino bronzeado, cabelos pretos e encaracolados. O que mais gostava de fazer era caminhar pela praia a cata de "tesouros": conchas marinhas e o que mais achasse interessante. Um dia, uma forte tempestade se abateu sobre o lugar. A ventania causou estragos, e as ondas fortes trouxeram tudo quanto é tipo de destroços, principalmente restos de vegetação oriundos de um rio próximo. A mãe de Ratinho temeu pela sorte do marido, que saía cedo de barco para pescar. Apesar da preocupação e da sujeira na praia, como o mar havia se acalmado, ela permitiu ao menino fazer o que mais gostava: explorar a praia. Foi quando ele viu, além de toda a sujeira, um grande emaranhado de detritos envolto por uma rede em frangalhos. E qual não foi o seu susto ao descobrir que, dentro dele, havia uma criatura misteriosa... E viva!

DOWNLOAD GRATUITO: [CLIQUE AQUI](#)



Bravamente

Por Sellma Luanny

Outra nublada friorenta e cinzenta alvorada...
A não se converterem em necessária água
nuvens que a solar, nos bloqueiam... tristeza.
Mas, as brancas e belas garças estão aí...
poucas ainda... ativas na sua rotina de busca.

Isoladas a sobrevoarem este trecho d'água...
persistência para com o alimento, agraciada.
Se satisfeitas, ao ninho voltam... para as bocas
que desesperadamente, as esperam...
na constância... que livre de nós, flui.





Graciosas

Por Sellma Luanny

Não me canso de as olhar.
O seu voo... de absoluta beleza.
Brancuras sem mácula, pelos céus...
primorosas, deslizam.

Agora, pelo menos, o espaço
à minha frente, enfeitam.
Na sua colorida totalidade
todo o visível solar espectro.

Para nossos olhos e mente, deleite.
No seu ciclo, doçura e força...
a nós, alheia determinação...
Existência nos ares consagrada.



Série GARÇAS BRANCAS E EU



Prevalece o Cinza

Por Sellma Luanny

E mais uma aurora, sem áureo...
"Cinzora" deveria ser titulada.
Mas, pelo afã... e sua bela visão...
pela vida que se desdobra... espero.

E sou presenteada... uma delas...
e duas... três... ativas... a sua labuta
não param... não podem parar...
é a sua existência alada, resplandecente.





Urgência no Retorno

Por Sellma Luanny

Isoladas ou aos pares, nota-se
no retorno, rapidez em linha
reta... à prole, vinculadas.
Da vida, a natural incumbência.

Na sua evolutiva jornada, pela
sua genética... e epigenética,
caminhos dissimilares
de nós... devem seguir.

O voo, o acasalamento, o ninho,
os filhotes... pelas procuradas ou
disponíveis condições, determinados.
E para as ter, se crucial, migração.

SOBRE SELLMA LUANNY:

A autora publicou três livros de poesia de sua autoria e participou de duas antologias — em papel. "Menção Honrosa" com os poemas "Os Celtas E Eu" e "Pelos Povos" em concursos internacionais. Tem participado de e-books e edições da Revista Conexão Literatura. No YouTube, canal Sellma Batalha, tem lançado sua obra.

Nota de rodapé: nona parte da série GARÇAS BRANCAS E EU (partes a serem publicadas mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA).



DICAS PARA LEITURA

Edição de Fevereiro



POEMAS SOBRE O TEMPO

Vol. XI

Ademir Pascale
Organizador



"Porque o tempo é o autor de
todas as memórias."

“
CONTOS E POEMAS
FANTÁSTICOS - VOL. III,
REÚNE TEXTOS DE ALGUNS
DOS MELHORES AUTORES
NACIONAIS, COM
ORGANIZAÇÃO DE ADEMIR
PASCALE. O E-BOOK É
GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

“
POEMAS SOBRE O TEMPO -
VOL. XI, COM ORGANIZAÇÃO
DO EDITOR E ESCRITOR
ADEMIR PASCALE, É UM E-
BOOK GRATUITO E ESTÁ
DISPONÍVEL NO SITE
DIVULGA LIVROS:
WWW.DIVULGALIVROS.ORG
”

@revistaconexaoliteratura

An illustration of a diverse group of people, including men and women of various ethnicities, gathered around a large wooden table in a library or bookstore. They are all smiling and engaged in conversation, with several open books on the table. In the background, there are tall bookshelves filled with books. A white banner hangs from the ceiling, displaying the magazine's title and a promotional message. In the foreground, there are several large stacks of books. The overall atmosphere is warm and intellectual.

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

TODOS OS MESES UMA
NOVA EDIÇÃO

MESMO ASSIM

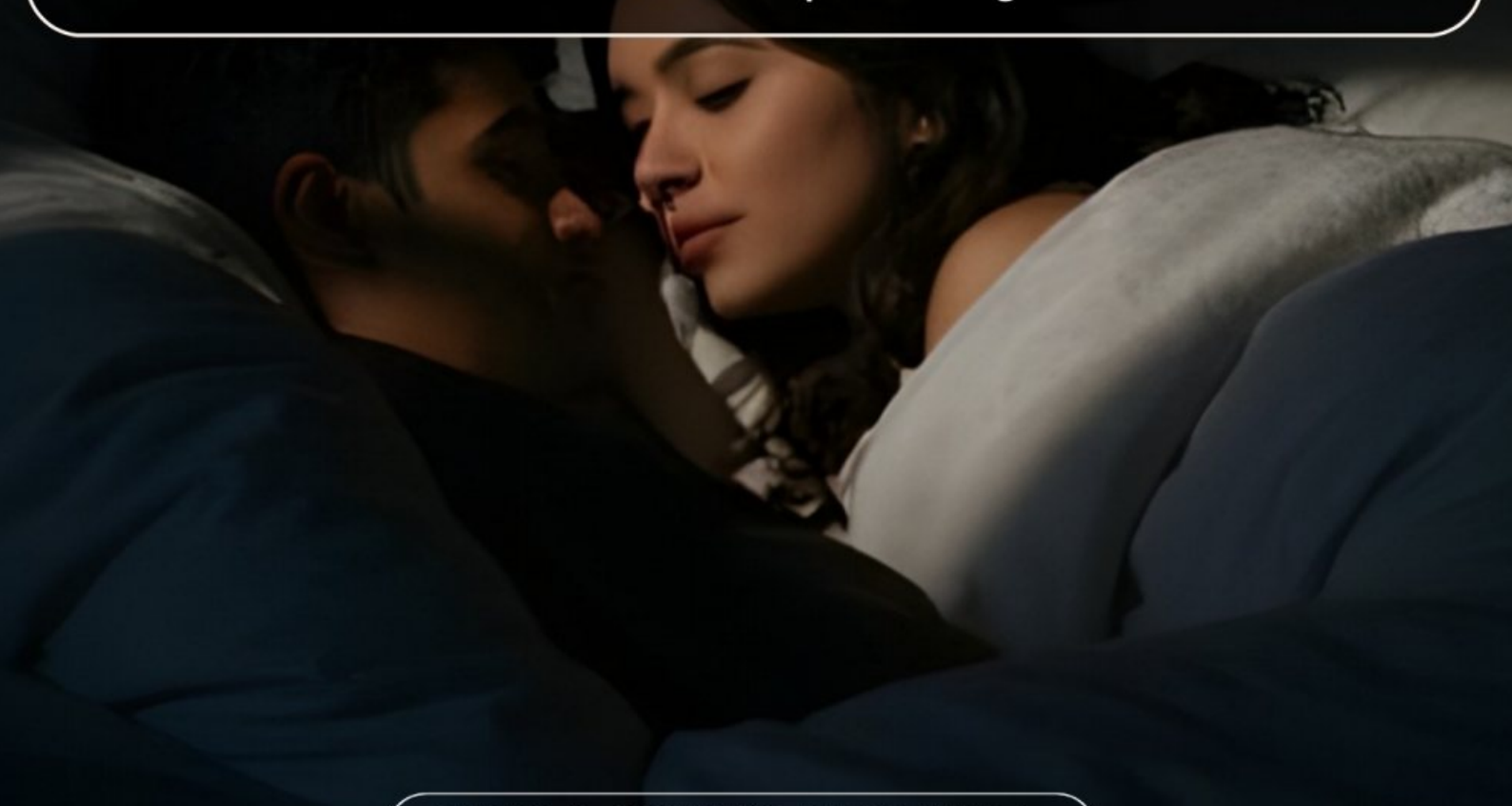
POR JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA

Na madrugada, ainda aconchegada ao seu lado
Por entre cobertas

Na face o destaque pela alegria
Verdadeira "escritura" ao constatar
Meu delicado sorriso
Ajudado pelo olhar tão "aquecido"

Coração, então, consolado
"Gritos" no meu interior por ações corretas
O suave bater anterior, agora radiante pela euforia
Dando maior espaço à beleza da alma por assim te amar
Alegrando o que, de fato, era preciso
Um belo amor, totalmente, antes desconhecido

Ao surgir a tranquilidade no ambiente
Ao avesso, outros suaves sorrisos somente
O silêncio se esconde e, lá fora, deixa a brisa sussurrar para a gente
Como bela semente o amor aflora
Mostrando uma sensação tão linda
Ah! Como de você sinto tanta falta ainda
Mesmo vivendo o que vivi agora



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

SOBRE JOAQUIM CÂNDIDO DE GOUVÊA:

Escritor, letrista de várias músicas, economista com inúmeros Cursos inerentes ao Mercado Financeiro, aposentado no Banco do Brasil S.A.

Eu me considero um CONTADOR DE HISTÓRIAS DE AMOR. Participo com Poemas, mensalmente, na REVISTA CONEXÃO LITERATURA em que fui a Capa da Revista 103, em janeiro de 2024. Bimestralmente, no Jornal JCP em Cruz Alta no Estado do Rio Grande do Sul no Brasil.

Em Portugal, tenho destacada participação em vários Projetos da Editora Colibri. No Projeto MUNDO(S), coordenado pelo Dr. ÂNGELO RODRIGUES. Iniciei na Edição 06 e, atualmente, estamos na Edição 24. Com a mesma coordenação participo como coautor nos Livros: ESCREVER CAMÕES; ESCREVER ANTERO DE QUENTAL; ESCREVER FERNANDO PESSOA(S); ESCREVER BOCCAGE e ESCREVER FLORBELA ESPANCA.

Tenho editado pela EDITORA TREVO, no Brasil, três Livros de Poemas com os Títulos: MAIS DO QUE BUQUÊ; ACREDITE... NADA IMPORTA SONHAR... ACREDITE... e, finalmente, um outro com o Título "PÉTALAS" AINDA COLORIDAS.

Seguiram-se dois outros Livros de Poemas, com a EDITORA POESIA IMPOSSÍVEL, em Lisboa-Portugal com os Títulos: NO CAMINHAR e o outro com o Título SENTIMENTOS... AMOR... SAUDADE...

Com a EDITORA ASTROLÁBIO, em Lisboa-Portugal, dois romances com os Títulos ARDENTE ENCONTRO e o outro com o Título SEIS MESES.

Foi-me atribuída uma Menção Honrosa pelo meu Poema publicado no Livro "VII PRÊMIO MARCELO DE OLIVEIRA SOUZA" Dr. Honoris Causa em Literatura.

Participei da MESA DE DEBATES em Lisboa-Portugal, do Tema ESCREVO POR QUÊ adicionando o Poema PORQUE ESCREVO.

Com grande emoção, recebi o CERTIFICADO DE HONRA AO MÉRITO concedido em maio de 2022 pela REVISTA CONEXÃO LITERATURA, NO Brasil, pela magnífica e relevante contribuição em prol da Literatura Nacional.

Com imenso orgulho fui designado EMBAIXADOR DE LITERATURA pela ACADEMIA INTERNACIONAL DE LETRAS E ARTES DE CRUZ ALTA, em Cruz Alta, no Estado do Rio Grande do Sul, em que sou acadêmico, onde ocupo a Cadeira de número 203.

Na área musical escrevi inúmeras letras contando com a parceria da Sra. RENEE BRAZZIL na melodia e canto.

Instagram: @joaquimgouvea_ e-mail: mjgouvea@hotmail.com

Autor(a), conheça o **pacote divulgação para escritores**

Saiba mais



E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

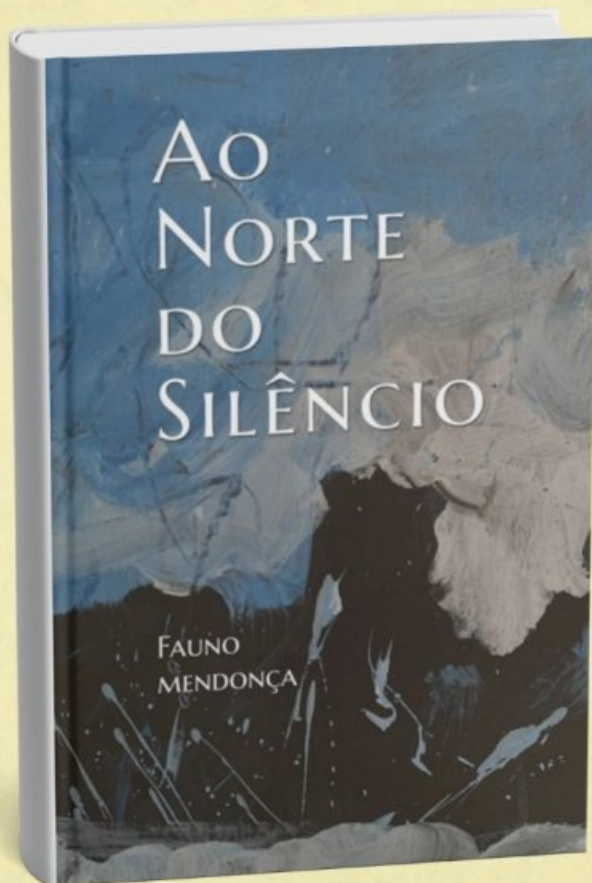


**LEIA UM LIVRO E
VIAJE NAS ASAS
DA IMAGINAÇÃO**



AO NORTE DO SILÊNCIO

Por Fauno Mendonça



"Ao Norte do Silêncio" são crônicas que buscam a verdade e a paz interior, mas, sobretudo, trata-se de um livro que incita reflexões para que o leitor alcance as suas próprias conclusões sobre a vida. Trata-se de uma obra que visa desvendar a vida pelo autoconhecimento, sendo o silêncio o catalizador maior para esse desiderato.

Nessa literatura de cunho intimista, o silêncio simboliza o espaço para a introspecção e a conexão consigo mesmo, com a finalidade de transformar as aflições em compreensão dos estorvos e dilemas que estão ao nosso redor. O livro pode ser adquirido no formato físico, e-book e audiobook na Amazon, Clubes de Autores e na TocaLivros.

— 99 —
“Apesar de nossa insignificância no Universo, a vida é uma dádiva, por isso, não sofra com questões impossíveis.”
(Fauno Mendonça)

Fauno Mendonça é escritor brasileiro, nascido em Goiânia em 1968 e radicado em Brasília. Sua trajetória literária é marcada por obras que exploram o intimismo e dramas existenciais.

O autor escreveu, além de “Ao Norte do Silêncio”, mais quatro livros:

- D. e o Procurador: Um suspense baseado no clássico “Drácula” de Bram Stoker, focado em valores existenciais e na profundidade dos sentimentos dos protagonistas.
- Encontre-se: Crônicas composta por textos curtos que discutem as nuances da natureza humana.
- A Busca dos Loucos: Livro que aponta para a lucidez, em face de ilusões que destoam o sentido da vida.
- Bragof: Narra uma viagem fantástica para reparar sonhos perdidos e conexões que foram prejudicadas ao longo de sua vida.



POR VALÉRIO MARONNI



PEREGRINOS

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



PEREGRINOS

e a sincronicidade nos pega de surpresa...
é tempo de preparação,
nos enfeitamos de apetrechos e mastigamos o amargo vivo da coragem para nos comungar de Terra Santa,
se pingarmos todas as vezes em que pensamos na Padroeira daria para encher um lago,
o dia nos começa,
o primeiro passo é um caminho distante como a Assis,
temos que encurvar o Atlas para ganhar fôlego,
nós caminhamos e a paisagem é produzida ao fundo à medida que o sol lustra o asfalto,
dávivas se soltam da pele durante nossa meditação,
doamos nossas roupas e nossos nomes aos que desistem desta caminhada de fé,
nossos corpos nos acompanham,
doamos também nossas histórias para serem reescritas nestes cinco dias,
nossas auras nos aguardam no destino,
antes do depois teremos muito durante e teremos sido vistos em lugares que não fomos,
não queremos a presença da ausência
lá no fim ao ouvirmos os ditos do sacerdote
que ecoam no imenso cálice dourado,
assim somos, somos missa,
nunca fomos tão puros neste dia único,
mostrar as palmas das mãos para os anjos é uma sensação de livramento,
uma paz que não pede nada em troca nesta caminhada em que não temos rostos,
somos oxigênio,
o ar calmo contra o furacão de caminhões que vai-e-vem e nos balança e ocupa o espaço como um estrondo de cataratas,
quase vamos a nocaute,
mas nossos olhos continuam entre as pálpebras,
estúpidas pupilas que só olham para o chão negro a ferver,
parece que todo inferno precisa de um pouco de paraíso,
olhai os lírios dos campos para entendermos Vossos mandamentos,
dai-nos a paz na plenitude chamada de liberdade que nasce da verdade e da justiça,
o som das buzinas dos caminhoneiros gruda em nossas peles,
pedimos a eles para deixarem que carreguemos nossas cargas postizas
de sessenta anos porque esta caminhada tem um preço: ouvir o coração que bate com força
para ganhar a experiência espiritual de ficar na paz,
no pé esquerdo o asfalto e no direito o mato aceso,
a dor nos pés é grande,
mas muito menor do que a dor no sangue
que não queremos convidar, pois a dor no sangue sinaliza estar pronto para nos vestir de avesso,
como gostaríamos de arrancar um livro de uma biblioteca ambulante!
nuvens passam e se dispersam e se perdem para sempre dos nossos caminhos,
formatos que nunca se repetiram,
e nós, repetindo erros milimetricamente repetidos nos mesmos formatos,
desejamos ser nuvens,
como sua graça gratuita, na brancura,
na agilidade e na proximidade com os Céus,



PEREGRINOS

queremos mergulhar na sombra para limpar do olhar o cansaço,
neste momento a palavra beleza está guardada, a beleza poética está quebrada,
com pedaços de nós remontamos versos,
... meus companheiros universais!
um sino afastado ressoa junto às ruas do lugarejo,
neste momento somos apenas artesanatos,
somos matéria industrial,
mas queremos nos inflar de universo para virarmos poemas vivos,
é a mata que ouve em nós cheios de queixas de feridas rodoviárias,
no mato alto escutamos o som do veneno e depois o da chuva e depois o da brisa e o resultado
foi o fantástico branco metálico brotado na alma — arsênico sobre tela —,
pingos velhos de atmosfera nos trazem o novo na parada para o abastecimento,
nossos sorrisos caem na grama,
a grama é cinco por cento amarga e o restante doce como o verde,
chora, ora, anda, desanda,
com o peso do sol nos ombros,
água escassa que nos enche de ânsia e dissolve nossos vários eus em um só,
terrível o pôr do sol que nos arrasta para rememorarmos os pesadelos dos fins de tarde,
mas esta tese voa e nos lançamos aos delírios do poente,
o helicóptero desenha no ar o triângulo santíssimo bem na divisa onde avistamos
uma Cachoeira Paulista,
ali engolimos o grito de liberdade,
mas à noite ele sai quando pensamos na grandeza de amar há quatro dias o lixar das solas,
o sono se apaga sem dar luz à cor,
não vemos pés pequenos por aqui,
somente pomares plantados pelos avós dos filhos da Padroeira,
duas estrelas pingam dos olhos de um modelo de pássaro,
os números nadam no líquido hidratante
da matemática da fé irracional,
quantos passos à frente a partir de Engenheiro Passos?
médias horárias e diárias calculadas,
calorias torcidas, pousadas fincadas,
alimentação da alma,
dias ganhos e miligramas de bom colesterol,
não gostamos de multiplicar o nada por zero,
no entanto amamos em vão este mundo de imperfeições onde tudo nos mente e nos separa,
o monóxido de carbono risca nossos pulmões,
mas somos movidos pelo suor do minuto seguinte,
pousa em nossos joelhos e calcanhares
o colágeno da certeza como uma flecha com intensidade intravenosa,
uma ponte nos leva ao outro lado de um rio escuro que avança debaixo do brilho da superfície,
é necessário emergir para sentir o sangue pulsando a mesma velha adrenalina,
seria preciso bem mais que um raio para resgatar tanta esperança que içamos bem fundo do
leito do rio,
existe neste quando um caldeirão de tarde,
sobre a ponte sentimos que o rio é a nossa rua,



PEREGRINOS

um rio na beira dos pescadores,
suas margens têm calçadas floridas,
escutamos um perfume de sol em suas águas,
temos coágulos de incerteza em nossas veias,
velas aniversariantes contam os restos de nossa espera,
que rio é este que navega em um manto sagrado?
a Imagem achada equidistante dos então embrionários Cristo Redentor e Caminho da Fé,
vemos os galhos onde as garças fazem peso
a dez quilômetros de deixar o lobo Guará,
vemos no espelho retrovisor o sinal de positivo do caminhoneiro,
dobramos nossos egos e os deixamos sob os frisos do pneus dos veículos,
ninguém humano nos vê e nenhum humano nos detém,
ninguém nenhum nos julgará,
meu Deus!
quem devo ser eu nessa floresta de frio espiritual que invade o planeta?
temos tanto a percorrer e tão pouco para ceder e uma explosão de arrependimentos,
tanto vazio que vem se preenchendo passo a passo, primeiro os frios,
depois os quentes, primeiro o cinza-plano,
depois os azuis-pérola,
estamos com amnésia de sofrimento neste ensolarado pisar,
flocos de sabedoria um dia irão tocar nossas cabeças, mas ainda é cedo,
temos muito o que caminhar em nossa pré-morte,
os óxidos de nitrogênio nos enchem de confiança,
o tapete de asfalto nos aquece e amortece nossa aflição,
temos duas pernas, uma alma e um caminho sorrindo,
não temos o que temer,
passamos a caminhar em milhas a fio,
temporariamente mudamos a unidade para reduzir a quantidade de distância,
vozes ao longe, o apoio desaparece,
deve estar brincando com letras e losangos,
nossas roupas já fazem parte do corpo,
a bandana é nossa bandeira,
a estrada pega uma distância enorme e tira dos nossos ossos a substancial coragem e a semeia
ao longo de cento e cinquenta quilômetros,
quero trabalhar a linguagem sem me tornar poeta,
mas na sensibilidade do caminho reconheço Tuas dignas palavras,
de chão em chão encontramos mundo,
quero deixar me acontecer um poema de fé,
deixá-lo dizer-se, sem métricas nem rimas,
exprimir-se rodando em círculos até o fim da espiral,
sem preocupações nem drágeas,
inventar-se em um novo ácido desoxirribonucleico,
só a vida com compreensão faz rimar com esse segredo biológico,
quero ser apenas a caneta a registrar o amor que escorre de um poema,
esqueço os versos de cor e salteado nem desejo concentrar tudo o que não sei em um único
parágrafo,
assobiamos para um João-de-barro que nos responde com o canto das estrelas nascentes neste
entardecer,



PEREGRINOS

o silêncio não responde à saracura com um longo assobio de dor,
nenhum planeta visível a olho nu,
exceto Vênus para nos trazer as bênçãos celestiais,
o rio estuda a geografia do terreno,
talvez para refazer o percurso mais fervorosamente,
nas linhas de ferro reprovadas em história
vejo o infinito no caminhar paralelo de nossas vidas,
por onde passam os rios aéreos e os subterrâneos?
qual será o próximo rio a se santificar?
no domingo vamos herdar o mundo,
o meio-dia age de forma estranha na imaginação,
como não damos olhos ao orvalho
valiosíssimo!
aquele é o apoio ou uma miragem de água jorrando que sempre escapa daqueles
que morrem de sede?
paisagem com defeitos da qual fazemos parte, cenas que não queremos ver,
as margaridas do trevo realinham nossa rota, respiramos água,
fazemos um afago na luz dos letreiros das pousadas,
fomos recebidos como as margens que agraciam as marolas,
dormimos despídos do alvorecer,
as épocas colidem com alguma coisa,
abandonamos a leve rapidez dos animais para caminhar através dos mistérios da cruz,
exilados de algum lugar buscamos alguma cena lá no fundo dos nossos olhos,
talvez a incógnita desta atmosfera que como nós do solo se eleva,
um dia veremos intermináveis poentes sobre a linha divisória da pista e o céu,
é o poder de não ter fim a emoção que se ergue e resplandece,
vemos um modelo de universo: cadarços, pregos na cruz, band-aids, bolhas,
o sol lambuza de ouro nossas feridas e o manto que Ela arrasta,
vemos o ângulo mortal da sombra com a luz para quando morrermos-vivendo voltarmos a
sentir esta caminhada para revigorar nossos espíritos como a vela de um barco que sente o
vento,
como a luz que nos cobre com seu peso-pluma,
desejamos cruzeiros sem hóspedes,
estamos devastados de gratidão,
com forças para sustentarmos o céu com as palmas das nossas mãos,
estamos em procissão,
erguei o nosso ser à transparência,
faça Senhor que a paz seja de todos,
sonhei sonhos lisos como o asfalto,
sonhos sem destruições e sem intolerâncias,
sonhos sensíveis como marias-dormideiras,
certo de que a realidade é nossa maior fantasia,
dentro desta romaria vivemos uma vida dentro de uma vida,
avistamos a padaria pedindo perdão
pelo não-vivido,
deixamos fora do caminho a perdição,
a polícia rodoviária passa por nós levando a tarde,



PEREGRINOS

vimos emergir do poente a cruz crucificada, sobe a noite,
a brisa nos joga nos olhos a poeira da lua,
não sabemos amar em outro idioma que não sejam os pios na natureza,
deixamos de morar na solidão,
procuramos o como, mas deixamos o pensamento no simples estar,
somos amigos crônicos,
a beleza da curva é tangente quando se esvazia de trânsito,
a reta à frente nos puxa para o navegável,
quase nos perdemos ao ver os traços gelados do temporal que se fixa no horizonte,
lá a liturgia é iluminada pelo raio,
lá a vibração do trovão racha a oração em três terços,
aqui derrubamos nossos muros,
aterramos nossos abismos sob o clamor de um sol inabitável,
Aparecida se reconstrói ao longo de sua própria existência em seu longo luzir de manto azul e
rio,
manto de luz fluvialmente molhada,
luz azul, nesta cidade,
onde a Mãe te ama, onde se conserta a humanidade,
se parece com nada parecido,
ninguém seria capaz de reconstruí-la,
somente uma rede de pescadores,
manto azul mediterrâneo,
corre este sangue azul em nossas veias,
fios de células douradas,
sobre as águas se recorta o adesivo da luminosa coroa para a folha em branco do caderno de
poesias,
a grafite e a borracha em paz,
nossos versos de eternidade,
versos a que livremente me condeno,
o azul claro da juventude recordamos nesta trilha oratória,
tropeçamos, caímos, levantamos a cada dúvida em nossa devoção,
somos cinco, ou somos dez humanos?
por si só se pisa nas brasas do purgatório
ao lembrar nossos pecados,
mas refrescamos os pés na poça da libertação, chove contas do rosário,
se não estamos aqui,
presentes nesta caminhada,
então que busquem nossos corpos.



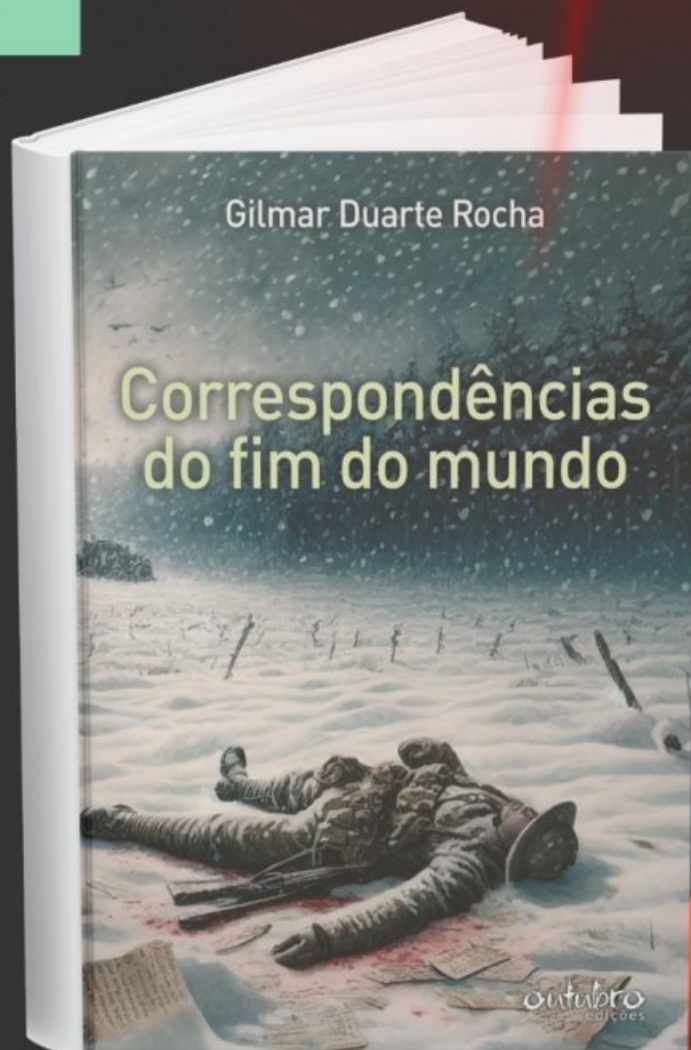
Valério Maronni publicou os livros *O Menino Contador* e *Scritus* pela Amazon KDP e UICLAP. Criou os blogs *julianavrsempoluição* e *o-contografista*. Publica nas revistas *Subtextos* e *Conexão Literatura*.



Correspondências do fim do mundo

Do Autor Gilmar Duarte Rocha

Em 1939, às vésperas da II Grande Guerra, no interior de Santa Catarina, uma comunidade de descendentes de alemães recria a cultura da terra natal por meio da língua, de usos e costumes. Mas a ocorrência de assassinatos em série chama a atenção de um policial da capital do estado, que para lá se desloca e passa a investigar a influência criminoso da ideologia importada da Alemanha nazista sobre uma comunidade até então pacífica. Com uma narrativa densa e repleta de suspense, Gilmar Duarte Rocha oferece ao leitor o inverno glacial da Serra Catarinense como metáfora perfeita de um tempo sinistro, em que o ódio preponderou sobre a humanidade.



Disponível nas grandes plataformas de vendas

Amazon

<https://encurtador.com.br/Car4V>

Mercado Livre

<https://encurtador.com.br/DSRSw>

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOL. XII

E-BOOK

POEMAS SOBRE O TEMPO

VOLUME XII

Ademir Pascale
organizador

"Porque o tempo é o autor
invisível de todas as histórias."

Selo Conexão Literatura



saiba mais: clique aqui



Por Flavio Joppert

HERÁLDICA DIVERTIDA

na linguagem "grunge"

da Academia Lusitana de Heráldica, e da Associação Internacional de
Heraldistas Amadores

NITERÓI

2026

ÍNDICE

PRANCHA I
PRANCHA II
PRANCHA III
PRANCHA IIII
PRANCHA V
PRANCHA VI
PRANCHA VII
PRANCHA VIII
PRANCHA IX

PRANCHA I

	
Galinha Choque	Pterodáctilo
	
Gato Guerreiro	Muff e Jack

PRANCHA II

	
Dinossauro	Muito Gato
	
Eguinha Pocotó	Um tabuleiro de Xadrez Velho

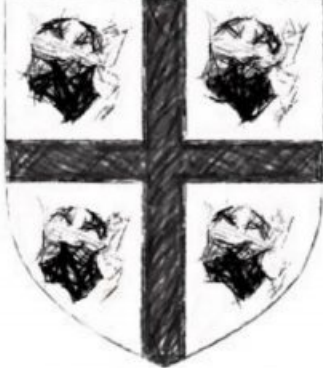
PRANCHA III

	
Meu Pelo – Meu Pelego	Pelo Ponésio
	
Polinizador	Deu asas à Cobra

PRANCHA IV

	
Um mar de Rosas	Florzinha
	
Olha a Faca	Peixada

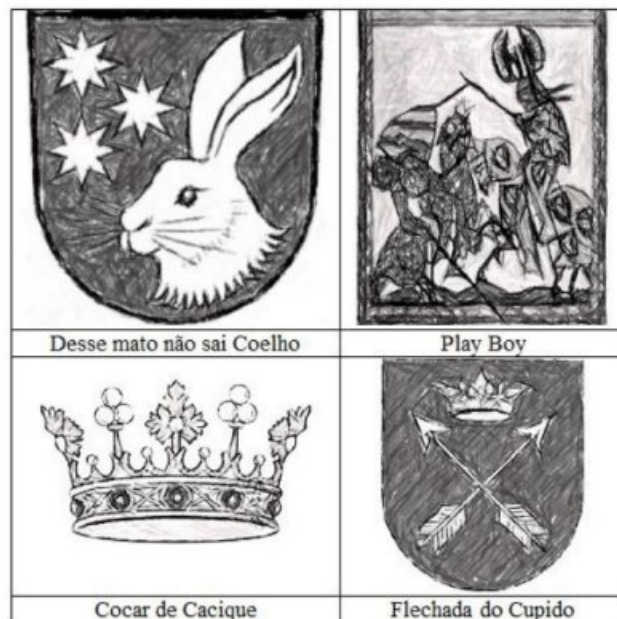
PRANCHA V

	
Chinelo velho – Pé cansado	Perderam a Cabeça
	
Abelhudo	Boné Irado

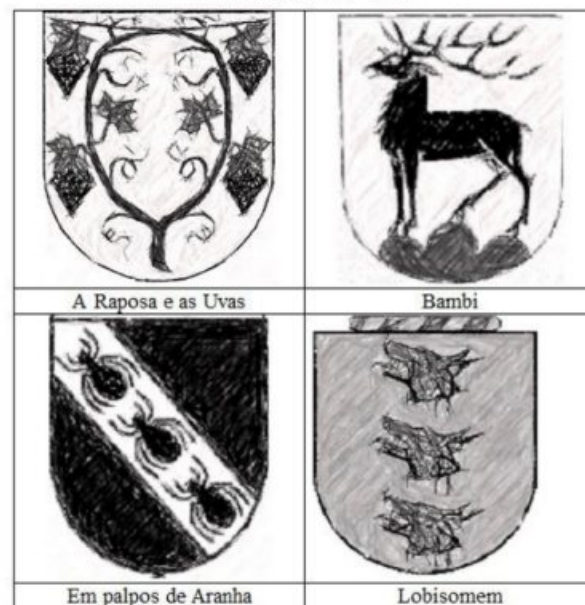
PRANCHA VI

	
Choque de Monstro	Bento Carneiro
	
Ai não é Mole não	Atrás das Grades

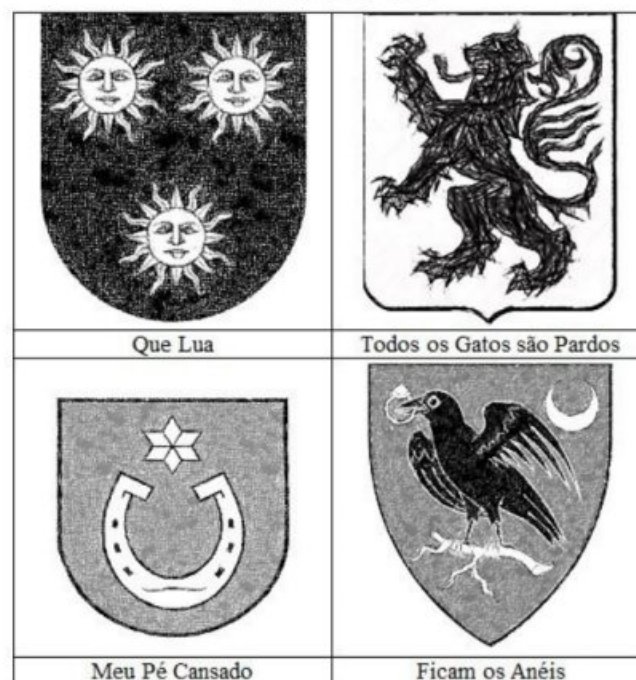
PRANCHA VII



PRANCHA VIII



PRANCHA IX



Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1. e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

Revista Conexão Literatura

O Horror Sobrenatural na Literatura

H.P. Lovecraft



“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido.”

H.P. Lovecraft

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Até Hoje I

Por Paula Vaz da Silva

Tens razão!

Vou embora porque é tarde e o sol já se está a pôr.

Tenho um caminho longo pela frente e já oiço o apito majestoso do comboio... não tarda nada e ele parte.

Tens razão!

Deixei os anos pesarem sobre mim. Sabes, foi toda uma vida que pesou.

Pesaram os filhos que carreguei, pesaram os amores que enterrei, pesaram as feridas que não sararam, as palavras cruéis que ouvi e que não te devolvi para não me pensares cruel.

Pesaste tu e as pilhas da tua roupa que engomei.

Pesou o teu silêncio, quando em silêncio reclamavas da refeição que me pesou fazer. Tens razão, estou velha!

O meu corpo caiu e eu não tinha reparado, até hoje.

Todas as curvas mudaram de lugar em compasso com um tempo que passou e que deixou marcas tatuadas.

Mas já não sou aquela menina doce que conheceste.

Essa menina transformou-se num rosto com rugas, emoldurado numa cabeleira branca e que ainda gosta de dançar.

Tens razão. Toda a vida tiveste razão e eu nunca tinha reparado.

Até hoje!

Hoje acordei mais cedo, senti-te acordar mal-humorado, percebi no teu silêncio habitual que não querias conversas e pus-me a pensar!

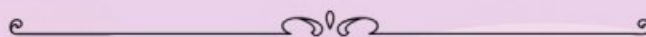
Ao longo do dia despedi-me das paredes, das fotografias que não levo, das lembranças que te deixo.

Durante uma vida tive tantos sinais e nunca tinha reparado.

Foram tantas as manhãs que acordaste mal-humorado e só hoje me deu para isto.

Se não era feliz contigo, porque raio fiquei e te engomei a roupa?

É por teres razão e por não gostares de prosas que eu não vou discutir e vou embora com pressa.
Porque eu gosto de falar. Gosto de discutir. Gosto de sonhar. E se é para estar calada, vou sozinha apanhar o comboio.
Tens o jantar em cima do fogão, ainda quente.
O pão está dependurado, dentro do saco do costume, naquele prego da parede.
Os meninos cresceram e casaram cada um com a sua moça doce, por isso o jantar chega para ti.
Não te esqueças de sacudir a toalha na janela porque os pássaros gostam de migalhas. Rega as minhas plantas - está calor- e, por favor, lembra-te de trancar a porta, de fechar as torneiras e de dar boa noite à vizinha da frente de quem também não me despedi.
... Porque o sol já se pôs e eu talvez não volte.



Paula Vaz da Silva nasceu em Angola e vive em Braga, cidade lusitana onde constrói dias e silêncios. Mãe - seu papel maior - escreve desde sempre para si. Entre café forte e livros abertos, quebra-se ao ler poesia e perde-se em romances de época. No Amor e em Deus encontra a maior inspiração para viver.



MONITORIA DISCENTE NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autores:

Isabela Alcântara Andrade

Malu Aparecida Custódio

Gissele Bonafé Costa de Abreu

Pedro Panhoca da Silva

Procuramos, por meio deste relato de experiência, compartilhar como foi o trabalho de monitoria oferecido pelo Edital 53/2025, Programa Institucional de Monitoria com Fomento, obtido pelo IFSULDEMINAS/Pouso Alegre (BRASIL, 2025).

O Instituto Federal oferece cursos técnicos de nível médio, além de superiores e pós-graduação *lato* e *strictu sensu*. Segundo Sanches (2025, n.p.),

Essa estrutura permite não só que o aluno trilhe uma formação contínua dentro da mesma instituição, com um ensino voltado para a prática e para a inserção no mundo do trabalho, como também estimula um contato direto com a ciência e a tecnologia desde as etapas da educação básica, favorecendo a interdisciplinaridade e a inovação.

O *campus* Pouso Alegre conta atualmente com cursos técnicos integrados ao ensino médio como Administração, Edificações, Informática e Química, além de dois cursos de bacharelado (Engenharia Civil e Engenharia Química), dois de licenciatura (Matemática e Química), seis cursos de Especialização. Na modalidade EAD oferece cinco cursos técnicos e outros três de Especialização. O IFSULDEMINAS/Pouso Alegre também possui o NIPE (Núcleo Institucional de Pesquisa e Extensão) para desenvolvimento institucional.

Segundo o próprio Edital 53/2025, esse projeto “tem a finalidade de promover a cooperação mútua entre discentes e docentes e a vivência com o professor e com as suas atividades técnicas e didáticas visando ao êxito do processo de ensino-aprendizagem” (BRASIL, 2025). Na prática, o projeto ofereceu uma bolsa de duração de quatro meses para dois estudantes que teriam como função auxiliar o professor-orientador em tarefas diversas do dia a dia.

Desde os anos iniciais professores optam por nomear “ajudantes” de sala. Alunos apagam a lousa, fazem chamada, dão visto em tarefas, anotam casos de mau comportamento na ausência do professor em sala, entre outros. Wezinemann (2025) atesta a importância de se trabalhar essa autonomia com alunos de ensino infantil, auxiliando na construção da identidade e até facilitando o processo de alfabetização. López, Hernández e Hernández (2023) em experiência similar com público mais amplo (alunos entre 6-12 anos), argumentam que “os alunos ajudantes criaram uma rede social além do espaço da sala de aula, contribuindo com isso à prevenção de conflitos escolares especialmente de caráter segregador”. Porém, a dinâmica do “ajudante do dia” pode perder força ao avançar dos ciclos escolares. Adolescentes podem não apresentar mais o encanto pela escola e por conhecimentos novos.

Nesse sentido, o projeto oferecido pelo Edital 53/2025, ao incentivar a participação dos discentes nas práticas envolvidas na ação docente, mostrou-se original e bem intencionado para suprir uma carência que normalmente não acontece nesse tipo de ação educativa: os anos finais da vida escolar.

As alunas-monitoras são estudantes do 2º ano do curso técnico integrado em Administração. O projeto em questão teve duração de quatro meses. As monitoras tinham muitas funções nas suas 20 horas de dedicação às tarefas, com atividades variadas, dentre elas as mais recorrentes foram:

- colaborar com o docente no desempenho de tarefas didáticas;
- auxiliar os discentes na realização de trabalhos práticos ou experimentais;
- cooperar no atendimento e orientação aos discentes;
- colaborar com o docente na identificação de melhorias na execução do processo de ensino.

O trabalho de monitoria consistiu em estabelecer uma ligação entre o docente e os alunos, facilitando e otimizando o que esse precisava, desde elaboração de mapas mentais de conteúdos trabalhados em sala até promover plantão de atendimento em dias e horários específicos.

No início do projeto, houve certa procura dos discentes pelo serviço de monitoria, o que declinou com o tempo. Acredita-se que a baixa procura se deu por falta de interesse dos alunos, visto que docência e monitoria executavam seus trabalhos conforme o esperado. Talvez acesso a equipamentos como impressoras pudesse melhorar a participação discente, imprimindo atividades de forma mais rápida e agilizando sua entrega. No entanto, vale ressaltar que os que procuraram pela monitoria avaliaram positivamente o trabalho.

A comunicação entre professores e alunos extraclasse, no IFSULDEMINAS/Pouso Alegre é feita pelo *Google Sala de Aula* (2014), plataforma de aprendizagem por meio do qual é possível compartilhar material didático, tarefas, listas de chamada, mural de recados, entre outros. Porém, sabe-se que nem sempre todos os alunos conferem novas postagens de conteúdo ou avisos. A monitoria conseguiu reforçar bem as mensagens transmitidas, talvez porque também façam parte de grupos de redes sociais diversas em que os alunos estão inseridos e mais ativos. Tal reforço de cobrança proporcionou benefício triplo: engajou mais os alunos com os conteúdos do trimestre (i); mostrou à monitoria a angústia docente em tentar estabelecer uma conexão e ser ignorado por quem não deveria (ii); fez o professor de sala repensar em como as mensagens estavam sendo transmitidas, a fim de minimizar brechas interpretativas e explicações insuficientes, o que acaba acontecendo no dia a dia devido ao tempo escasso para organização das ações pós-aula.

Percebe-se que a monitoria de Língua Portuguesa contribuiu tanto para a formação das participantes ajudando a desenvolver habilidades essenciais na futura área de atuação (Administração), por exemplo comunicação clara, organização e planejamento, como também fortaleceu competências profissionais importantes, sendo liderança, responsabilidade e capacidade de orientar pessoas algumas delas. Além disso, tal trabalho ajudou no crescimento pessoal e social, aprimorando empatia, paciência e segurança ao lidar com diferentes perfis de alunos, competências fundamentais para a atuação em qualquer área administrativa.

A despeito dos obstáculos, projetos como este destacam-se como grandes incentivos e desempenham papel determinante na formação de futuros educadores, à medida que estimulam a busca por conhecimento teórico e articulam habilidades práticas. Ademais, a vivência de uma realidade aproximada da docência, permite experimentar tanto as dificuldades do processo de ensino, quanto a satisfação de ensinar, revelando os diversos aspectos que constituem a prática docente. No caso das integrantes do projeto, a

participação reforçou o desejo de contribuir de forma ativa no processo educacional. Por fim, a afinidade com os orientadores atuou como fator de inspiração e motivação, favorecendo a construção da identidade profissional e o fortalecimento da valorização do compromisso com a educação.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. *Edital Nº2/2025/DDE/POA/IFSULDEMINAS*. Pouso Alegre: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais, 2025. Edital Nº 53/2025. Disponível em: <<https://portal.poa.ifsuldeminas.edu.br/images/2025/Julho/53.pdf>>. Acesso em: 21 dez, 2025.

GOOGLE Sala de aula. [S.l.], 2014. 1 aplicativo. Plataformas: Android, iOS, iPadOS, Aplicativo Web.

LÓPEZ, Carlos Monge; HERNÁNDEZ, Patricia Gómez; HERNÁNDEZ, David Jiménez. Prevenção e resolução de conflitos além do espaço da sala de aula: os alunos ajudantes. In: CAVACO, Carmen; COSTA, Fernando Albuquerque; MARQUES, Joana; VIANA, Joana; MARREIROS, Rúben; FARIA, Ana Rita; DOROTEA, Nuno; PINHA, João (Orgs.). *Espaços educativos*. Políticas, práticas, atores e aprendizagens. Lisboa: AFIRSE Portugal, 2023- p. 159-163. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Paulo-Froes-Bulhoes/publication/374723651_BRINCAR_COM_O_BARRO_PRATICAS_LUDIC_O-CRIATIVAS_E_VIVENCIA_DE_EMOCOES_NO_TEMPO_LIVRE_E_DE_LAZER_DAS_CRIANCAS/links/652aaebb0e4a1710e5096c0a/BRINCAR-COM-O-BARRO-PRATICAS-LUDICO-CRIATIVAS-E-VIVENCIA-DE-EMOCOES-NO-TEMPO-LIVRE-E-DE-LAZER-DAS-CRIANCAS.pdf#page=161>. Acesso em: 21 dez, 2025.

SANCHES, Andressa. O que é um Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia? *Portal do IFCE*. 2025. Disponível em: <<https://portal.ifce.edu.br/institucional/comunicacao-social/agencia-ifce/noticias/o-que-e-um-instituto-federal/#:~:text=Enquanto%20as%20universidades%20concentram%2Dse,especializa%C3%A7%C3%A3o%2C%20mestrado%20e%20at%C3%A9%20doutorado>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

WEZINEMANN, Sônia Regina Brembati. Ajudante do dia: construindo uma identidade mais autônoma (relato de prática pedagógica). *Anais do I Congresso de Educação, Interdisciplinaridade e Práticas escolares*. V. I, 2025. São José/SC: CEEINTER. ISSN: 3085-8690. Não paginado. Disponível em: <<https://revistas.ceeinter.com.br/eduinterp/article/view/1937/1831>>. Acesso em: 22 dez. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à oportunidade oferecida pelo Ministério da Educação / Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica / Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Sul de Minas Gerais que, certamente, proporcionou uma experiência marcante para todos os envolvidos.

Pedro gostaria de agradecer uma célebre ex-professora sua durante o período em que cursava doutorado: Maria Helena de Moura Neves (1931-2022). Ele a auxiliou voluntariamente na disciplina “Seminários de Teses”, ministrado por Neves no 1º semestre de 2020, início e ascensão da pandemia de COVID-19. A famigerada professora se adaptou bem às aulas online apesar de seus quase 90 anos de idade, mas seu aluno se prontificou a auxiliá-la na cobrança, organização e entrega de trabalhos da disciplina. Colaborar com esse artigo e participar de um projeto envolvendo a criação de pontes entre professores e alunos trouxe ao professor saudosas lembranças dessa prática.

SOBRE OS AUTORES

Isabela Alcântara Andrade e Malu Aparecida Custódio são alunas do 2º ano do curso técnico de nível médio em Administração do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre e bolsistas do Programa Institucional de Monitoria com Fomento da instituição. Atualmente cursam o 3º ano.

Gissele Bonafé Costa de Abreu é mestra em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Atualmente é professora EBTT do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre.

Pedro Panhoca da Silva é doutor em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (UPM). Era professor EBTT visitante do IFSULDEMINAS/Pouso Alegre e atualmente atua na FATEC/Jacareí.





Educação para além do tempo

Por Adriano Rosa da Silva

Antes do giz,
antes do sino que marca o tempo, o cronos,
houve a palavra dita ao redor do fogo,
o gesto repetido,
o saber passado pelos mais velhos e sábios
como herança viva de um povo.

A educação nasceu antes da escola,
no ventre das sociedades primeiras,
quando aprender era sobreviver
e ensinar era cuidar, transmitir, depositar.

Com o avançar do tempo,
vieram leis, direitos, deveres,
e o desejo de formar mais do que corpos úteis:
nasceu a escola,
não como prédio,
mas como promessa.

Promessa de formar sujeitos,
de erguer consciências, conexões, essências,
de ensinar a ler o mundo
antes mesmo de decifrar letras.

Mas o tempo, como o vento, não recuou
e, entre reformas e silêncios,
a educação foi sendo enfraquecida,
desvalorizada, ferida
Ainda assim, permanece.

Permanece no educador
que insiste em acreditar,
no aluno que questiona,
no diálogo que rompe a rotina
e transforma a sala de aula em território de vida.





Educar é libertar,
é espalhar conhecimentos, sementes,
é inspirar, moldar mentes
é permitir que o sujeito se reconheça inacabado
e capaz de refazer o mundo desejado.

A escola não entrega destinos prontos,
apenas aponta caminhos.
Caminhar é escolha,
mas caminhar com sentido
é possibilidade que se constrói junto, é força.

É ali, entre valores, conflitos e descobertas,
que se aprende a ser com o outro,
a conviver,
a existir para além de si.

No século das urgências e das telas,
educar exige assumir o compromisso
de formar seres humanos inteiros.

Ensinar, então, é um verbo em movimento:
transformar-se para transformar,
humanizar para humanizar-se,
fazer da educação
um ato contínuo de esperança.

Porque educar, no fim,
é acreditar que o mundo pode ser melhor
e começar essa mudança, assim,
todos os dias,
na sala de aula
com giz, apagador...



Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

NO CAMINHO DO AMOR

CONTOS E POEMAS

E-BOOK



saiba mais: clique aqui



Entre Muros e Horizontes

Por Adriano Rosa da Silva



O professor caminha além dos muros,
leva suas marcas nos gestos
contidos,
na palavra que acende perguntas
e no silêncio que ensina a pensar.

Não entrega apenas saberes prontos,
semeia inquietações,
convoca o olhar crítico,
forma mãos que aprendem a agir no
mundo.

No limiar da sala, um acolhimento,
no quadro, um caminho possível;
cada método, cada incentivo
tece laços de pertencimento e
confiança.

Quando o aluno se sabe visto,
a aprendizagem cria raízes,
cresce no chão da segurança
e floresce no desejo de compreender.

A formação docente, então, sustenta
o voo:
permite ler contextos, escutar
histórias,
intervir com sentido
no tempo e na vida de cada
estudante.

Educar é mais que transmitir
conteúdos:
é partilhar valores,
construir cidadania
e formar consciências em movimento.

Educar com amor
é lançar o olhar
para um horizonte feito de cuidado,
estima, admiração, afeto, um sentir-
se amado.



revista conexão literatura

É permitir que o educar
se encontre e se apaixone pelo ato de
ensinar;
ensinar, então, deixa de ser
transmissão
e torna-se encontro.

O amor, meta que não se mede
modela o caráter e a autoconfiança,
acende o sentido do aprender,
nutre e faz brotar um germe de
esperança.

Cada aluno é um universo,
e educar com amorosidade
é reconhecer a singularidade
de cada caminho.

Encantamento do ir e vir
do ensinar e aprender,
pois ali pulsa a vida
em sua forma mais humana.

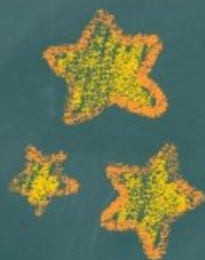
Educar é missão que ultrapassa o
conteúdo,
é semear humanidade todos os dias,
num gesto de respeito,
um cuidado silencioso que cresce no
tempo.

O amor constrói pontes:
cria confiança, abre horizontes,
sustenta o desenvolvimento inteiro
do ser que aprende.

Quando a família entra e caminha
junto,
formam-se redes,
um abraço coletivo
que protege, fortalece, rompe
paredes.

Por isso, urge reinventar a prática,
acompanhar as mudanças do tempo,
para que a educação emancipe,
projetando voos como o vento.

Adriano Rosa da Silva é Mestre e doutorando em História Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestrando em Educação pela Universidade de Lisboa (ULisboa). Licenciado em História e em Pedagogia pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). Especialização em Gestão Escolar pela Universidade de São Paulo (USP), em Neurociências Aplicadas à Aprendizagem pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e em Psicopedagogia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Formação em Arte-Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). URL Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7228184007145445>.





SEREIA e a LIRA de ORFEU



FLAVIA SEREIA
(FLAVIO JOPPERT)

NITERÓI - 2026

INDICE

Trovas da Sereia	
A sereia	I
O amigo amante	II
A amizade	III
Junto ao mar mora a felicidade	IV
O porco Sataniel	V
A batalha naval	VI



“Ao mar proteja o meu amor
encontrando nele a felicidade.
Sendo a pérola uma flor
que me escorre em docilidade”

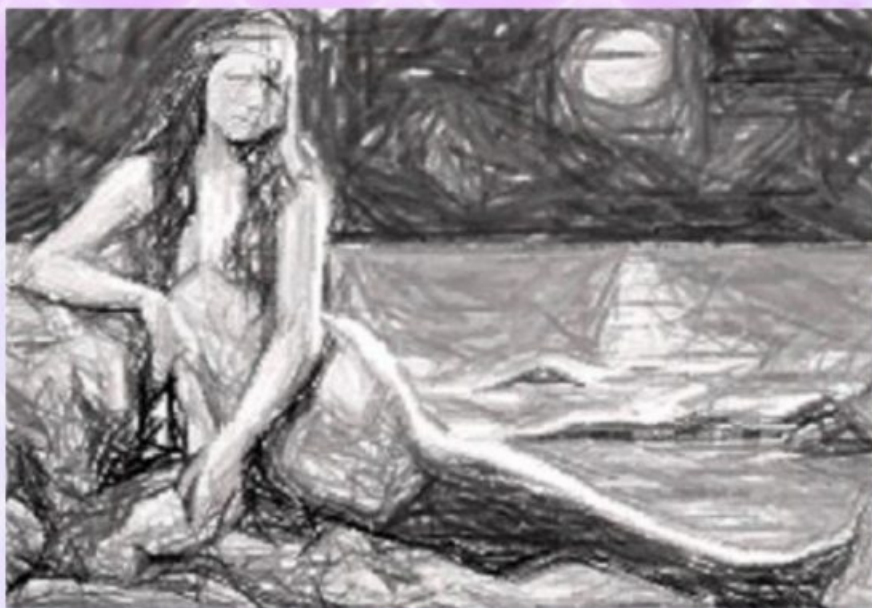


TROVAS DA SEREIA

(...) Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia;
Não me mandas contar estranha história,
Mas mandas-me louvar dos meus a glória. (...)

Camões

I - A Sereia



Bela e casta, desejosa.
De amor, ao amado
Cavalo Marinho
como botão de flor.



II - O Amigo Amante



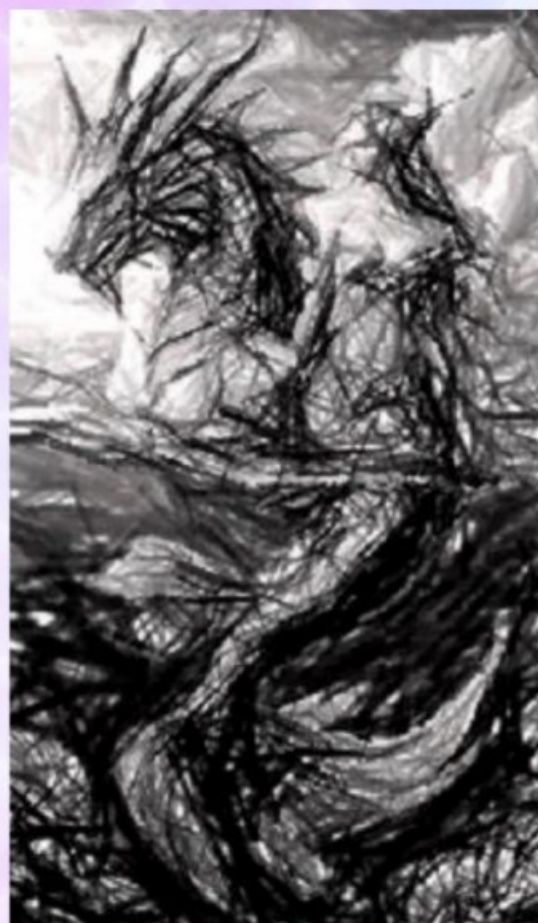
Por desejos no mar,
em estrelas escritos,
sendo felicidade amar
ardente paixão e delitos.



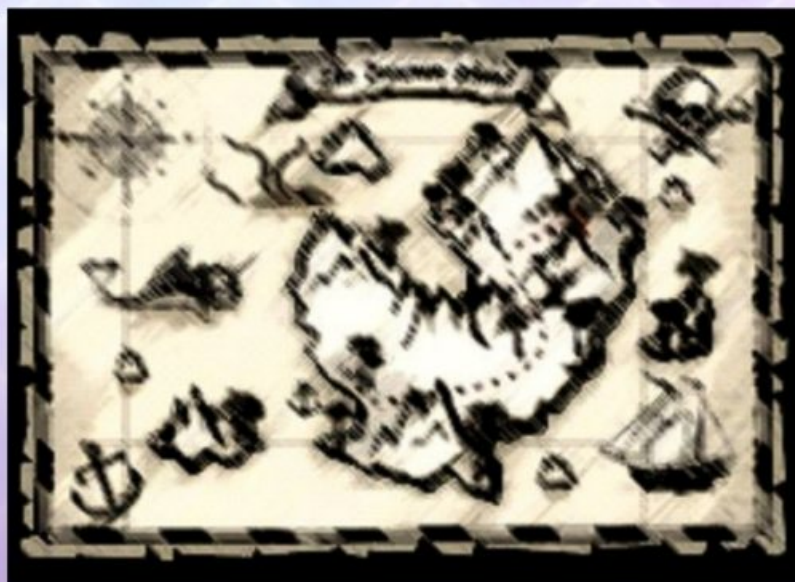


III - A Amizade

Em sonhos unidos
d'uma felicidade
ser perene, inconstante
como o mar proibido.



IV - Junto ao mar mora a felicidade



Te escrevo nesta garrafa,
entregue às ondas
o mapa onde mora
eterna felicidade...





V - O porco Sataniel

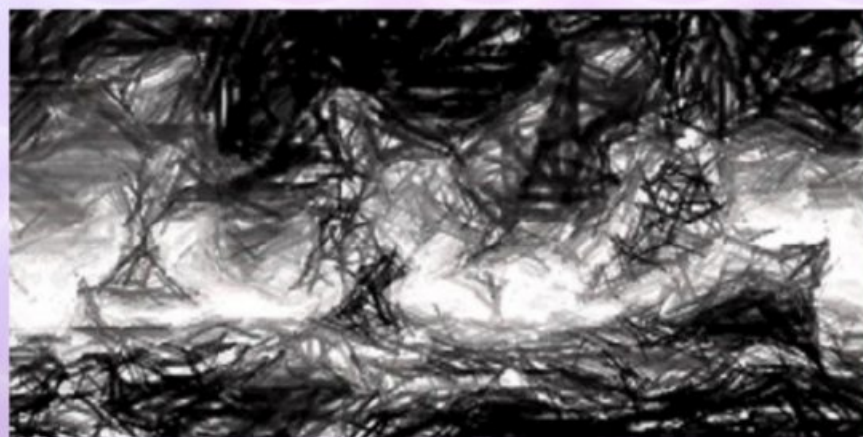


Mas que calamidade essa:
porco Sataniel vem
ao mar suas sujeiras
despejar infame.



VI - A Batalha Naval

Nau fétida de caveiroso
que da garganta escorre.
Da sereníssima frota
destino o fogo e luz.



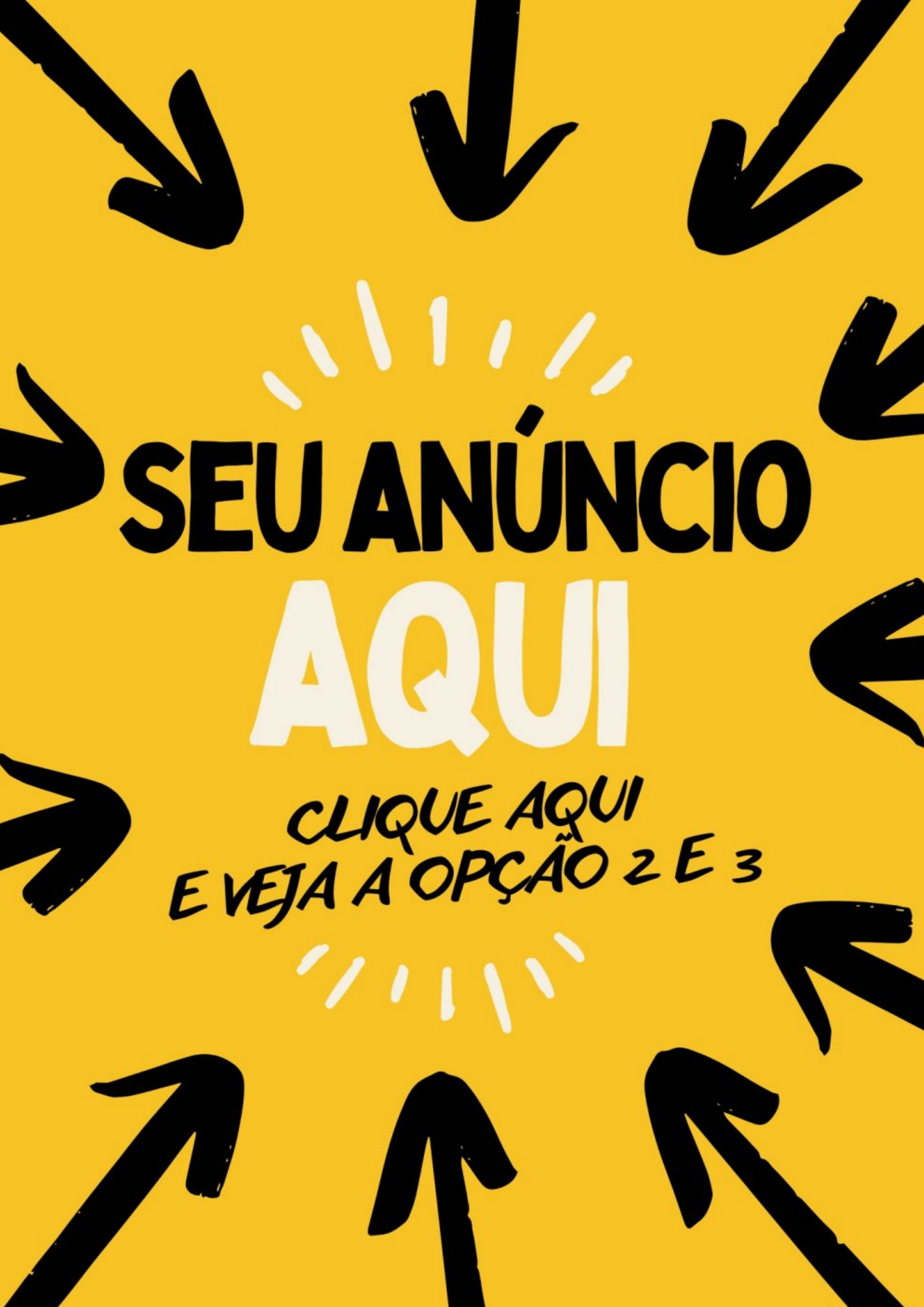


(...) Que eu canto o peito ilustre Lusitano,
A quem Netuno e Marte obedeceram.
Cesse tudo o que a Musa antiga canta,
Que outro valor mais alto se alevanta. (...)

Camões



Flavia Sereira (Flavio Joppert) é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.



**SEU ANÚNCIO
AQUI**

*CLIQUE AQUI
E VEJA A OPÇÃO 2 E 3*

CONS/PIRANDO

POR RAUL SCHAEFER FILHO



vindo das sombras ouço gemidos
das árvores rangidos
dos lobos uivos de solidão
e o vento afaga meu coração
pulsante e curioso, (furioso?)
minha alma soçobra
na procura da dobra de uma montanha diletante
que, oscilante, agarro em ócio
e me deslumbro em torto fático

bebo de todos os néctares da vida
glorifico preenchida inspiração
que nada significa ao empós da partida
expele fumaça num *nihil* de graça
conspirando com um doce
na língua que não lambe
a saliva que não traça
o amargo, o sal e os sois
e não espera nem dispara
desafia a chegada em depois.

Raul Schaefer formado em Direito pela UFSC e reside em Florianópolis, tendo participado de várias antologias literárias com poemas, contos, crônicas e artigos.

RESENHA: OS MISERÁVEIS

Por Max Moreira

Publicado pela FTD



de Victor Hugo

Volume
Clássico

tradução e
adaptação
de Walcyrr
Carrasco

sobre o livro:

"A tradução e adaptação de Os Miseráveis, baseado no livro original, possui uma linguagem simples, clara, agradável e de fácil entendimento"

Max Moreira, 42 anos, cursou Letras na Universidade Federal de Campina Grande – UFCG, formando-se em 2009. Atua como Técnico Administrativo desde 2013. O livro O Mundo Perdido, escrito por Sir Arthur Conan Doyle e lançado em 1912, é a dica de leitura da vez recomendada pelo autor. Nas horas vagas, gosta de ler contos e adaptações literárias em quadrinhos.

HUGO, Victor. Os Miseráveis: clássico / tradução e adaptação de Waldir Carrasco – 1º ed. – São Paulo: FTD, 2001, 125 p.; (coleção literatura em minha casa; v. 4).

A obra “Os Miseráveis”, de Victor Hugo, escrito no século XIX, publicado pela primeira vez na França em 1862, traduzido em diversas línguas, inclusive na portuguesa com adaptação de Waldir Carrasco e publicado pela editora FTD de São Paulo no ano de 2001, na qual possui cento e vinte e cinco páginas, composta de vinte e um capítulos, divididos em cinco partes assim distribuídos: A liberdade; O prefeito; A perseguição; A vida com Cossete; Paris. O mesmo tem como principais personagens: Fantine, Cossete, Jean Valjean, Marius e os Thénardier.

A tradução e adaptação d’Os Miseráveis, baseado no livro original, possui uma linguagem simples, clara, agradável e de fácil entendimento, mais que, ao mesmo tempo, emociona, porque faz pensar sobre temas importantes e atuais.

O romance tem por objetivo retratar com profundidade a condição humana em todos os níveis sociais desde os mais pobres e excluídos, até os nobres, além de mostrar como uma pessoa pode se transformar através do amor, afirmando assim a ideia de que o ser humano é produto do meio em que vive, ou seja, da situação em que se encontra.

Perceptível no personagem Jean Valjean como homem, um princípio rancoroso, agressivo, mais que depois a generosidade ilumina seu coração, no qual passa a descobrir os valores éticos, que regem a sua vida daí em diante, passando a escolher em assumir a sua verdadeira identidade a deixar que alguém inocente dos acontecimentos suscetíveis como ele, fosse condenado em seu lugar, pois essa mudança acontece quando alguém como ele, injustiçado, recebe generosidade, compreensão e, sobretudo, amor que nunca tivera.

Os Miseráveis é um romance francês que supera seu tempo, pois apresenta situações que resiste até hoje, abordando temas polêmicos como lei, solidariedade e desigualdade social, vivida por cada personagem na sucessão dos acontecimentos, principalmente a injustiça aplicada a uma pessoa condenada ao trabalho forçado por roubar um pão para alimentar a família faminta.

O autor também quis retratar a triste condição dos meninos abandonados pela família, representada por meio do garoto Gavroche, vítima de uma desestrutura familiar capaz de estorquir dinheiro para sobreviver, e da órfã Cossete, sofrida, mal alimentada, explorada, sujeita a sorte que parecia adversa. Outro fato que deve ser levado em conta está no que se refere ao amor materno representado por Fantine, capaz de qualquer atitude para ajudar a filha necessitada.

Quantas pessoas como esses personagens, não nos deparamos nos dias atuais, com situações precárias precisando de ajuda urgente, vítimas de uma política válida apenas para os mais favorecidos, enquanto que para os pobres resta-lhes muitas das vezes a marginalização, representando a figura da própria sociedade fragilizada, abatida e incapaz de tomar qualquer atitude, dependente de um sistema onde o que vale é o poder.

Portanto, o referido livro apresenta personagens que possui vida própria, mostrando assuntos de uma época histórica que existe até hoje. Nesta vertente, o autor aborda um assunto que faz meditar sobre a vida e a condição humana diante da necessidade de construir um mundo melhor, mais digno, onde assegurem a todos os direitos que lhe são garantidos.

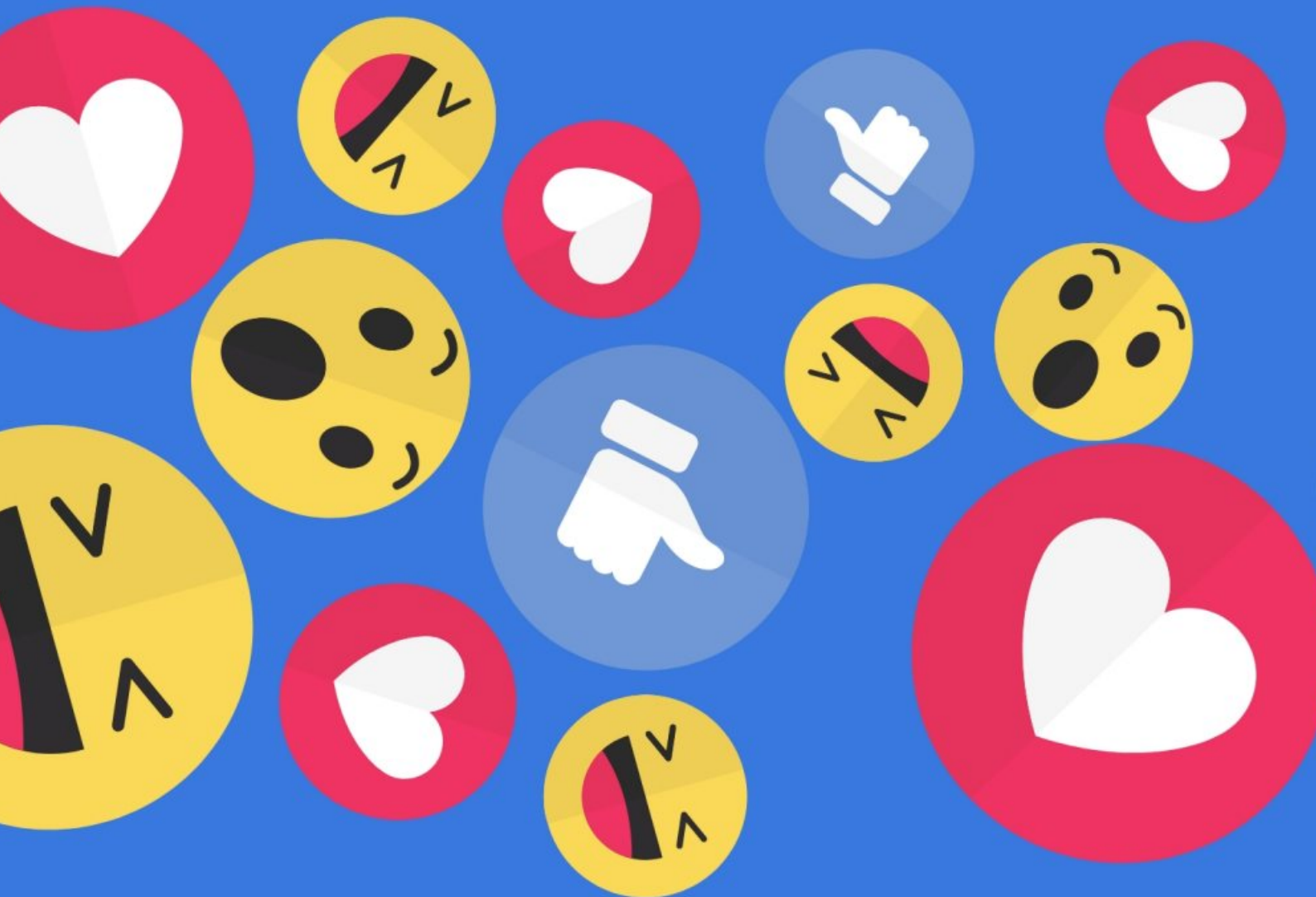
Siga-nos

no

INSTAGRAM



@REVISTACONEXAOLITERATURA



A MAIS PURA ESSÊNCIA

POR MÓNICA PALACIOS

Tudo pode ser igual, semelhante, comparável, associável e até só lembrado. Mas... vamos por partes.

Tenho escutado que sendo os fatos independentes, libertos e alheios a nós... o que muda é o enfoque. Esse enfoque pode ser propulsor de ira, raiva, amor, tristeza, ansiedade e até felicidade. Só precisamos nos afinar ao foco.

Na arte, não podia ser diferente, só que a beleza de uma construção plena, de uma metáfora absoluta, de uma comparação brilhante, de uma aliteração magistral embeleza o texto e novamente preenchem diferentes enfoques.

A partir desta quase perplexidade, desejo que a música nos eleve, que a luz nos ilumine ainda mais e que a beleza seja rainha. Dessas rainhas pouco conhecidas e notáveis de tantos outros livros.

Voltando no tempo, queria que o Pinóquio seja o próprio símbolo para o que ele foi escolhido, que a sereia seja a mais pura essência da beleza próxima ao mar, que o lobo seja respeitado e observado em suas múltiplas facetas e assim... nós humanos sejamos o reflexo de nossa alma e que possamos ser identificados assim, como os puros e belos.

...

Mónica S Silva de Palacios é Argentina, radicada no Brasil. Mestre em Literatura pela USP. Possui bacharelado em Literatura e Latim. Professora de Espanhol de diversas instituições e atualmente, autônoma, aplicando o seu próprio método de ensino de Espanhol. Publicou cinco livros infantis. Cartas de Manú - Aventuras de Filipo - A magia está dentro e Medos, nunca mais. Livro de Crônicas: Crônicas da presença. Participou de várias antologias e Publicações em Revistas literárias. Participou de Elos da Língua Portuguesa dos dois últimos exemplares assim como também de duas antologias do grupo de escrita literária coordenado pelo professor Alexandre Damascena: Nossos contos e O vento nas esquinas. Publicou, em coautoria a Coleção Parâmetros para o Ensino de Espanhol pela Editora Scipione.





RAÍZES PAGÃS SIMBÓLICAS DO VEADO

POR FLAVIO JOPERT

Nos dias de hoje conhecido como deus Cornífero, ou Cernunos, o veado desperta a religiosidade como animal **TOTÊMICO**. Com laços históricos conhecidos na mitologia nórdica onde pastava num pomar de maçãs sagradas.

Da arqueologia e suas intercessões com a antropologia o veado figurava nas principais pinturas rupestres. Como animal de caça, que iniciava um processo arquetípico, no inconsciente humano. A espécie que se constituía como *Homo sapiens sapiens* criava um sistema de símbolos baseados em suas relações com a natureza, que seria em parte princípios da filosofia idealista. Um veado, é apenas um veado. Não apresenta outro significado concreto. Mas no mundo das ideias, que começa então, ele constituía significados tanto na mente como no inconsciente coletivo.

A sociedade humana constituída na Idade do Bronze, ocidentalmente patriarcal pelo mito de Adão e Eva, constitui-se em Freud pela teoria do complexo de castração baseada na disputa de poder fálico. Consultado a Inteligência Artificial, o relatório obtido sobre o veado e sua relação com o poder fálico é:

1. Chifres como deslocamento do símbolo fálico

Arquetipicamente, isso os aproxima do **princípio fálico sublimado**: não sexual explícito, mas **virilidade hierarquizada e exibida**.

2. Veados, fertilidade e potência vital

- **força sexual sazonal** (cio, disputas entre machos)

Essa potência não é obscena nem crua; é **naturalizada e ritualizada**, o que afasta o símbolo do falo biológico e o aproxima do **falo cósmico** (energia criadora).

3. Tradições míticas importantes

Alguns exemplos claros:

- **Cernunnos (tradição celta)**
Deus cornudo, ligado à fertilidade, abundância, natureza selvagem e sexualidade vital.
- **Dioniso (formas arcaicas)**
Em certos cultos, o veado é animal dionisiaco: êxtase, sexualidade, perda do ego, força vital indomada.
- **Xamanismo e caça ritual**
O veado representa a **potência que se oferece** e que, ao ser caçada, fertiliza a tribo — um falo sacrificial, por assim dizer.

O símbolo **não é puramente fálico-dominador**, mas **fálico-transicional**:

4. Jungianamente falando

Em termos junguianos:

- O veado pode representar uma forma **menos inflada do animus**
- Um princípio masculino ligado à **natureza, ao ritmo e ao instinto**, não ao poder autoritário
- O falo aparece **sublimado em forma, ritmo e hierarquia natural**, não como conquista explícita

Conclusão sintética

Há sim relação arquetípica entre o veado e o poder fálico, mas:

- como **potência vital, fertilidade, hierarquia e renovação**
- com os **chifres funcionando como equivalentes simbólicos deslocados do falo**

O veado sendo um elo do poder fálico se constitui como peça chave na sociedade humana, através de arquétipos que vão compor o sistema de símbolos criticáveis principalmente quando dos sonhos. Num sistema que se fundamenta nos paradigmas apresentados quando da constituição humana fora do período da Idade da Pedra.

Este animal, agora existente no mundo das ideias, como o Unicórnio, a Sereia, o Dragão além da existência ideal, passa a trazer uma carga de significantes, como um símbolo tanto na elite, como na visão popular constituindo tanto a ilusão, como a imaginação.

O Coronel Salvador de Moya traz em sua simbologia heráldica os seguintes verbetes sobre o veado:

“Recorda a caça senhoril, e indica nobreza antiga e generosa”

“Símbolo de amor à música, facilmente capturado se o caçador tocava flauta.”

“Prudência, iniquidade domada, arrependimento da lascívia, reza, ouvido.”

O veado retira uma cobra dos intervalos das pedras (iniquidade domada.”

“Rei severo em vingar crimes.”

“Massacre.”

Essas referências não precedem a imagem arquetípica totêmica. Quando a simbologia heráldica se estabelece (origens imperfeitas da heráldica datam da saída do povo Hebreu do Egito com seus estandartes) José já era conhecido na arte de interpretar sonhos.

Mas elas serão analisadas mais a frente.



“Imagens” obtidas na Inteligência Artificial trazem a definição fundamental nesse estudo:

forte, mas não tirânico
fértil, mas não obsceno
masculino, mas não patriarcal

uma imagem do masculino interior que orienta, protege e fecunda a psique sem dominá-la, conectado aos ritmos naturais e capaz de conduzir a consciência ao Self.

Tal compõem o que vai se chamar de:

“O **animus** é o princípio masculino na psique da mulher.”

Animus → princípio masculino na mulher.

Essas imagens arquetípicas do Veado existem nas mulheres que perdem o sugerido controle da sociedade no estabelecimento considerado do mundo patriarcal. A imagem do Veado seria importante na mente feminina. Isso para Jung como quis demonstrar a Inteligência Artificial.

O mundo patriarcal não consegue descaracterizar a convivência de símbolos masculinos, e femininos porque ainda não conseguiu liquidar a porção feminina como inconsciente coletivo produtora de símbolos e arquétipos.

Mas no homem existe a **anima**, e ela se caracteriza com o veado da forma apresentada como:

Especialmente em sonhos masculinos.

Veado como Anima:

- Graça
- Sensibilidade
- Intuição
- Erotismo sutil, não agressivo

Pode indicar:

- Contato com emoções reprimidas
- Necessidade de escuta interior
- Um feminino psíquico que quer ser reconhecido

Se o veado é ferido ou perseguido, costuma apontar para **negação da sensibilidade**.

Esses dados facilmente obtidos na IA, de mais e mais formam a seguinte síntese comparativa:

No arquétipo do veado, **Anima e Animus não se opõem**, mas se complementam:

- A **Anima** ensina *quando escutar e preservar*.
- O **Animus** ensina *quando agir e sustentar*.
- O veado integrado é aquele que **percebe profundamente e age com nobreza**.

Este arcabouço inconsciente quando diagnosticado em sonhos, traz o seguinte resultado:

SÍNTESE JUNGIANO-SIMBÓLICA (SONHOS)

Imagem do veado	Significado psíquico
Na floresta	Inconsciente profundo
Fugidio	Verdade ainda não integrada
Olhar direto	Encontro com o Self
Ferido	Negligência da alma
Branco	Experiência espiritual

Sendo tal que pode sofrer uma análise multifatorial via IA trazendo a presente revelação:

O **arquétipo do veado**, quando analisado multifatorialmente:

- A **Anima** como radar psíquico (percepção da verdade)
- O **Animus** como sustentação ética dessa verdade
- O **Self** como meta quando o veado não foge, não sangra e não se esconde

Tudo concorre para uma imagem mental, baseada em “sonhos” num sistema que emprega escolas da filosofia, bem ela que condena o afastamento da verdade, sendo aqui a verdade a existência concreta do veado como bicho. Mas hora ele existe como sonho, em outra como ideia. A explicação do veado além da existência material inicia num processo de metafísica, em que o estudo filosófico vai abordar uma existência além da

matéria. É aí que adentra o mundo dos sonhos com explicações, e o plano da mente com ideias e imagens simbólicas.

Diversas culturas em nosso planeta construíram uma simbolização para o veado. Quase todas estabelecidas em fundamentos religiosos. Quando da “emersão” da humanidade distinta de um plantel de macacos a mesma mente que busca uma explicação metafísica para as coisas (agregando um “valor” além do da existência material) criou um sistema de religiões que vão além da matéria concreta e concebem uma existência ideal. O que se discute no presente artigo.

Listando essas culturas diversas em origem, a mesma busca amparada pela IA compõem o quadro:

Síntese simbólica comparada (Veados)

Cultura	Significado central
Japão	Mensageiro divino, pureza, proteção
Hinduísmo	Mente inquieta, ilusão, disciplina espiritual
Árabe	Beleza, amor, alma delicada
Budismo	Ensino, compaixão, escuta
China	Longevidade e prosperidade

Japão (Xintoísmo, Budismo e lendas populares)

No Japão, o veado (**shika**) é um dos animais mais sagrados.

Xintoísmo

- Comunicação entre o mundo espiritual e o humano

O fato de ser considerado um mensageiro entre dois mundos. Os dois existem concretamente quando tem-se a consciência de que se sonha, ou de que se está consciente, abriu o caminho para que fosse considerado um psicopompo.

O Arquétipo do Psicopompo (guia entre mundos)

Assim como Hermes ou Anúbis, o veado pode ser um **condutor da alma**.

Características:

- Move-se entre luz e sombra
- Entre o conhecido e o desconhecido
- Entre consciente e inconsciente

- Muitas mitologias mostram o veado levando o herói para a floresta — **o início da jornada interior**.

Na referida jornada é permitido que Jung o transforme numa “ferramenta” onírica chave para entrada e saída da floresta do inconsciente:

O VEADO NOS ARQUÉTIPOS JUNGIANOS

Jung via os símbolos como **pontes entre o inconsciente coletivo e a consciência**. O veado emerge sobretudo em quatro campos arquetípicos:

O Arquétipo do Self

O Self é o centro regulador da psique, a totalidade.

Veado como Self:

- Animal **nobre, silencioso e atento**
- Vive na floresta (símbolo clássico do inconsciente)
- Surge muitas vezes **sozinho**, como um guia

Indica:

- Chamado à individuação
- Alinhamento com a essência interior
- Momento de integração psíquica

Em sonhos, o veado pode “aparecer e desaparecer”, sugerindo que o Self **não se deixa capturar**, apenas reconhecer.

O **veado**, visto pela lente da **psicologia analítica de Carl Gustav Jung**, é um símbolo riquíssimo porque transita entre **natureza, espírito e psique profunda**. Vou dividir em **arquétipos** e depois em **interpretação de sonhos**, mantendo sempre a lógica simbólica (não literal).

A Simbologia de então se conclui como um:

PADRÃO SIMBÓLICO COMUM (HISTÓRICO)

Em todos os casos, o veado:

- Surge em **espaço liminar** (floresta, crepúsculo, silêncio)
- Interrompe uma ação profana (caça, guerra, rotina)

- Não é possuído — apenas **revela**
- Conduz a uma **mudança irreversível de consciência**

Ele **não atravessa por você.**
Ele **indica a passagem.**

Os veados **habitam o espaço onde o ensinamento atravessa mundos.** Todo o processo se inicia com rituais de caça com homens da caverna, num mundo em transição material: a princípio o mundo matriarcal a ser destruído, e o mundo patriarcal a ser implantado.

Caça sagrada nas lendas indo-europeias

Motivo histórico-comparativo

- O herói persegue um veado extraordinário.
- Ao segui-lo, atravessa:
 - Florestas encantadas
 - Territórios proibidos
 - O “outro mundo”

Exemplos:

- Mitologia celta
- Lendas germânicas
- Ciclo arturiano (veado branco)

O erro do herói é querer capturar o veado; a **sabedoria** é segui-lo.

LEITURA JUNGIANO-HISTÓRICA FINAL

O veado é uma **imagem arquetípica do psicopompo natural:**

- Diferente do anjo (vertical)
- Diferente do xamã (ativo)
- Ele guia **pela presença**, não pela ordem

É a alma que reconhece o caminho ao vê-lo.

O veado presente na **anima**, e na **animus**, já determinada pelo significado.

A imagem principal que Moya trás é a do curioso bestiário medieval tema de tantas conversas com um saudoso heraldista:

O Bestiário Medieval (Physiologus)

No *Physiologus* (sécs. II–IV), texto simbólico que influenciou toda a mitologia animal medieval, o **veado (cervo)** é descrito assim:

O veado aspira com seu hálito as serpentes escondidas nas fendas das rochas, força-as a sair e as devora; depois, corre até uma fonte de água pura para se renovar.

SIMBOLISMO CENTRAL DO MITO

A cena mítica

- **Veado** → alma nobre / princípio espiritual elevado
- **Cobras nas fendas** → paixões, instintos sombrios, conteúdos reprimidos
- **Hálito do veado** → espírito, pneuma, logos
- **Rochas** → inconsciente endurecido / estruturas psíquicas fixas
- **Fonte de água** → renovação, Self

Não seria o tema obrigatoriamente de mais uma análise multifatorial quanto ao sonho, a **anima**, e ao **animus** para este ensaio que teima em findar.

Tendo a noção desses dois mundos, tano na existência ideal, do que se chamava magia, como na existência concreta. Com a certeza da existência de um mundo que deixava de existir. A ideia da serpente é nítida como símbolo de Lilith, mundo a ser devastado. Ao episódio da tentação de Eva, pela serpente, no início de um sistema teocrático de mundo.



Fonte: Web Gallery of Art, 2016

Adão e Eva na Era do Bronze iniciam uma saga com a humanidade. A única proibição existente era a de comer do fruto proibido. Com essa queda (crime) vem a punição. Expulsos do paraíso, Caim mata seu irmão, e sua punição é a própria consciência. Esse período é o marcado então pelo processo de constituições legais que vão limitar as atividades humanas dentro do que é “crime” e sua punição.

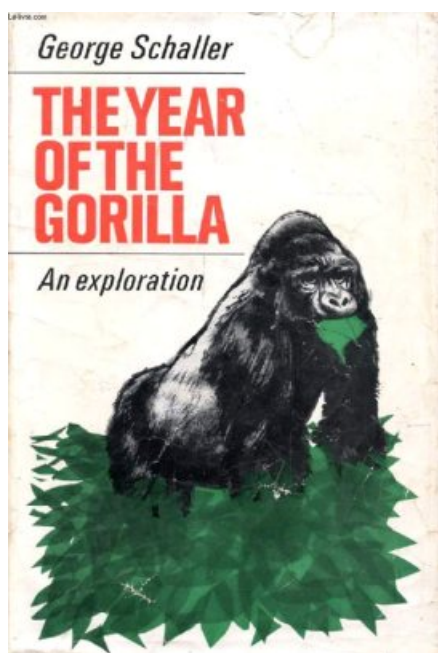
Não “seríamos” como espécie diferentes dos macacos. O homem primitivo faria a um veado o mesmo que um gorila que o capturasse. Em determinado momento inicia-se uma sacralização da natureza, própria do inconsciente coletivo de “nossa” espécie que simboliza os seres.



(A deusa das Serpentes trás o conhecimento de cura em si. Mas toda cobra venenosa é morte e não cura, e toda cobra não venenosa é inerte. A morte como cura, e existência na realidade de 2 mundos)

Uma vez criados, dentro de um processo, suspeitos da destruição de uma sociedade matriarcal. O poder autoritário exercido pelos machos humanos com a força, “nunca” é consciente de ser o mesmo como uma herança da sociedade dos macacos. Curiosidades permitem identificar o mesmo sistema patriarcal entre gorilas na África, e em manadas de micos no Brasil. Há 120 milhões de anos atrás os continentes Sul Americanos, e Africanos se separaram, e há 45 milhões de anos atrás as espécies de “macacos” da América e da África ficaram independentes.

Entender todo esse processo que chegará do nível ideal totêmico, as explicações jungianas dos arquétipos fica bem mais fácil se pelo menos folhear 2 livros: *The Year of the Gorilla* — George B. Schaller, e o *Relatório Hite* – Shere Hite. Desejo ótimos sonhos aos leitores.



(da mesma forma que a humanidade cria símbolos de relativa existência no mundo das ideias simbologia dos arquétipos, ela cria símbolos de relativa inexistência, ao que ela atribuiu fantasia. O coração do veado entregue numa caixa para a Madrasta de Banca de Neve, traz uma simbologia de conto de fadas. Ela em parte é um sacrifício da **animus**. Quem faz esse sacrifício é um homem, o caçador, para salvar a psiquê feminina de uma jovem. A ideia simbólica

Flavio é poeta, heraldista, esotérico, magista, e acima de tudo ambientalista, sabe que a arte através da estética é a cultura que transforma o mundo num local civilizado. Trabalha no Controle de Endemias do Rio de Janeiro onde é Guarda 1, e Adido Cultural. A poesia, uma das artes das Musas de Perséfone, é a ferramenta de sublimar os problemas e de educar para o amor, respeito, e preservação da natureza. Nasceu em Niterói - RJ em 1973.

PARTICIPE DA ANTOLOGIA

HISTÓRIAS PARA LER E MORRER DE MEDO

VOL. X

E-BOOK



saiba mais: [clique aqui](#)

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL E O PROCESSO DE CRIAÇÃO



POR POTIARA
CREMONESE



www.revistaconexaoliteratura.com.br



Diga algumas palavras e ela desenvolve uma música inteira em segundos, escolha um tema e tenha um livro inteiro em minutos, a ascensão da inteligência artificial no desenvolvimento de obras literárias bem como na música e outras áreas da arte tem dividido opiniões.

A produção de livros em tempo recorde com uso destas tecnologias tem focado mais na quantidade do que na qualidade das obras, o que pode ser considerado um avanço na criação e desenvolvimento de obras literárias também pode se tornar um emaranhado de textos repetitivos e sem a sensibilidade humana, que é o reflexo do autor contido na escrita.

O desenvolvimento de obras a partir de inteligência artificial tem ganhado espaço no mercado editorial, e o que deveria ser usado como apoio está se tornando produtor de obras autônomas. Aliás, essas obras podem estar reproduzindo vieses e preconceitos contidos em seus bancos de dados, reproduzindo uma visão de mundo sobre temas como religião, política, mulheres e tantas outras questões tratadas no nosso dia a dia.

O uso da inteligência artificial na criação de conteúdos artísticos, inclusive, tem inundado a internet, com vídeos, poesias, textos, músicas, sem que se questione a ética dos mesmos.

A escrita é uma das formas de expressão mais antigas das quais temos conhecimento, e cada autor, consagrado ou não, traz em suas obras, sua identidade, sua visão de mundo, suas perspectivas e questionamentos em relação a isso. Eu acredito que cada obra produzida pela identidade humana tem o reflexo do autor. Escrever não é uma tarefa simples; é preciso tempo, dedicação, pesquisa, e muita criatividade. O que valoriza uma obra, no meu ponto de vista, é a profundidade do autor, em temas originais. O aprimoramento das obras se deve ao tempo que dedicamos a escrever, é um trabalho que requer rotina e disciplina, e isso a inteligência artificial não consegue reproduzir.

No ano de 2020 estávamos chegando ao auge da pandemia de covid 19 no Brasil, e foi nesse período que despertou em mim a vontade de colocar no papel o que estava vivenciando e vendo naquele momento. Esse foi o tema do meu primeiro texto escrito e publicado no jornal da cidade onde moro, e quando releio esse texto eu não o comparo com minha escrita atual, mas consigo claramente perceber a minha própria evolução: na forma como coloco as palavras, na coesão entre o tema e conteúdo e, acima de tudo da minha identidade dentro de cada texto escrito desde então.

Isso para mim, é a grande diferença entre a autoria humana e a inteligência artificial no mercado editorial.

No entanto, o que acreditávamos ser impossível de imitar, como nossas emoções e sentimentos, parece não ser mais tão difícil.

Hoje com a rápida evolução dos algoritmos, percebo que eles estão ocupando um espaço que até então consideramos ser nosso e, com produção de conteúdos cada vez mais semelhantes, logo, entraremos em uma era onde será difícil diferenciar o que foi feito por humanos ou por máquinas, o que pode prejudicar a identificação da autoria e

consequentemente reivindicar direitos autorais pela obra. Neste caso, defender a autoria humana não é apenas uma questão de princípios, mas uma forma de se destacar em meio a uma enxurrada de conteúdos criados por inteligência artificial.

Em 2023 uma reportagem em um programa jornalístico destacou a introdução do chat GPT dentro das salas de aula, e qual seria a reação dos alunos. A resposta dos que participaram da entrevista foi unânime, concordando com o uso da ferramenta na criação e estruturação de redações.

Houve quem defendesse e quem criticasse, como todo tema polêmico, mas afinal, o uso destas ferramentas é aliada ou inimiga do aprendizado?

O tema era pouco discutido até aquele período e começou a ganhar cada vez mais força com seu avanço e uso indiscriminado. A propósito, na mesma reportagem citada uma das alunas entrevistadas deixou claro que o chat gpt organizava de forma fácil e melhor o seu texto; então me pergunto?

Será que o uso destas ferramentas, tanto em sala de aula quanto fora dela, tratando-se do tema principal deste texto que é escrever, não nos tornaria dependentes, desestimulando nossa busca por conhecimento de forma natural?

A inteligência artificial sem dúvidas é uma descoberta grandiosa, e claro tem seu lado positivo, mas onde fica na elaboração seja de redações, artigos acadêmicos, obras literárias, letras de canções, a nossa capacidade de raciocínio, de pensar de forma crítica, de estimular nossa criatividade?

A forma como colocamos as palavras em um texto depende do quanto estudamos e conhecemos sobre ele, o quanto lemos sobre o assunto e como nosso cérebro é capaz de reproduzir de forma simples mas clara, o que queremos passar para nosso leitor.

A facilidade no uso de algoritmos como chat gpt e tantos outros tende a diminuir gradativamente o nosso processo de criação. Visto que, o que esperamos de um leitor é que ele nos reconheça através do nosso trabalho, que nos identifique por meio da nossa escrita e certifique-se de que somos os únicos responsáveis por ela.

As discussões em torno do uso da inteligência artificial estão apenas no início e devem ser feitas de forma minuciosa, principalmente em detrimento de uma geração que já é dependente de tecnologia, cujos impactos já estão sendo notados em muitas áreas, inclusive da literatura.

Temos um exemplo recente dos impactos causados pelo uso da IA na produção de livros: o cancelamento de um concurso literário, em julho de 2025, em Curitiba, no Paraná, dá sinais de incertezas e problemas causados pelo uso dos algoritmos, com mais de 40 obras sinalizando o uso de IA e 60 delas com fortes indícios na própria produção.

Visando todos os impactos do uso destas ferramentas, tramita no congresso um projeto de lei com marco regulatório, com diretrizes para transparência de direitos autorais, visando também a defesa da propriedade intelectual dos autores, bem como o uso seletivo e responsável destas ferramentas. O que se faz necessário em vários segmentos em que são utilizadas.

A inteligência artificial, sem dúvidas, beneficia muitas áreas, como ciência, medicina, economia, e até mesmo a área literária, mas não pode jamais nos tirar a capacidade de pensar.

É um tema que exige uma reflexão profunda e coerente. Mudanças são necessárias para a evolução, desde que sejam formalizadas e não despertem interesses apenas financeiros.

Grandes obras da literatura continuam vivas, criadas unicamente a partir da mente humana, e da capacidade de expor suas idéias com a melhor ferramenta da qual dispomos: nosso cérebro.

Para que ele continue em desenvolvimento e evolução natural, precisamos mantê-lo ativo.

Inteligência artificial, tecnologia e algoritmos, compõem um campo vasto a ser estudado, compreendido e também regularizado, para que seja utilizado de forma responsável e não destrutiva.

Afinal, qual o futuro do intelecto, da personalidade, do processo de criação?

Continuaremos autores ou seremos coautores da nossa própria história?

Escrevo porque é meu jeito de gritar

Escrevo a minha insistência de viver

Escrevo o meu silêncio e o meu pulsar

Porque o meu barulho só eu consigo silenciar.

Sobre a autora Potiara Cremonese: resido em Santa Cruz do Sul - RS, sou casada, tenho uma filha e uma neta. Sou funcionária pública municipal. Escrevo desde a pandemia. Tenho 75 artigos publicados no jornal da cidade, um livro publicado em 2024, participei de mais de 40 antologias, com crônicas e poemas. Gosto de escrever sobre o cotidiano, abordando assuntos diversos e atuais. Em junho de 2025 criei a primeira biblioteca comunitária na comunidade onde moro. Acredito na leitura como fonte de transformação e na escrita como libertação.

PUBLIQUE NAS EDIÇÕES DA

REVISTA CONEXÃO LITERATURA



Escritor(a)

Você escreve contos, crônicas, artigos, resenhas ou poemas? Chegou a hora de mostrar os seus textos para os nossos leitores.



Contos

Aceitamos contos de diversos gêneros. Até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.



Poemas

Poemas com até 4 páginas: R\$ 70,00. Envie o seu arquivo em Word.

Crônicas, artigos, resenhas etc

Aceitamos crônicas, artigos, ensaios, resenhas etc. Até 4 páginas em Word: R\$ 70,00. Para publicar mais páginas, consulte-nos no e-mail: ademir@divulgalivros.org



Sobre a publicação

O seu texto será publicado em uma das edições da Revista Conexão Literatura. Nossa revista possui ISSN e nossas edições são mensais, digitais e gratuitas para os leitores baixarem.

NÃO PERCA TEMPO: encaminhe o seu texto para Ademir Pascale - E-mail: ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br

Entrevista exclusiva com Clarissa Machado

POR ADEMIR PASCALE



Clarissa Machado - Foto Divulgação

Clarissa Xavier Machado é professora graduada em Letras e Direito, pós-graduada em Tradução, Literaturas Brasileira e Inglesa, e Neurociências da Educação. Autora dos livros “Pelas Águas de São Lourenço”, “São Lourenço, Cidade da Gente” e “Buen(os) Aire(s)”, é Mediadora de Leitura e ativista do Direito à Literatura, do Turismo Literário e da Cultura de Paz.

Revista Conexão Literatura: A Voz de Nhá Chica nasce do desejo de apresentar essa figura tão importante da fé brasileira às crianças do mundo. Em que momento você sentiu que essa história precisava ser contada para o público infantojuvenil?

Clarissa Machado: Me emociona demais falar sobre isso porque foi uma jornada repleta de “coincidências”. Quando cheguei a São Lourenço (MG), em 2017, notei que as pessoas aqui tinham especial devoção a Nhá Chica, havia muita fé, admiração e gratidão em relação a ela. Cerca de quatro, cinco anos depois, conheci o artista plástico Leandro Cândido, que fez a estátua de Nhá Chica que foi colocada na principal praça da cidade. Passaram-se uns três anos e, misteriosamente, comecei a ter

pensamentos recorrentes com Nhá Chica, e de repente, tudo o que acontecia tinha alguma coisa que se relacionava com ela, como se eu estivesse sendo conduzida até ela. Por conta disso, decidi ir ao Santuário, em Baependi, e em 18 de julho de 2024, lá estava eu acreditando ser a primeira vez, no entanto, meus pais me lembraram que eu já havia estado lá nos anos 80 quando eu tinha uns seis anos de idade, algo que eu não guardei na memória, até hoje tento me recordar e não consigo. Apenas alguns dias após visitar Baependi, no dia 24, fui a Canção Nova e diante da Casa de Maria Mãe e Mestra, senti uma emoção muito forte no coração e senti que eu precisava escrever sobre Nhá Chica. E, naquele momento, a imagem do livro veio certinha na minha cabeça: infantil, ilustrado, trilingue, capa azul e o título “A Voz de Nhá Chica”. Assim, sem muita explicação, mas acredito que por estar pensando tanto em Nhá Chica, eu estava me conectando muito a Nossa Senhora e estar diante da Casa de Maria, dentro da Canção Nova, me despertou esse sonho, ou como gosto de dizer esse “chamado”.

Revista Conexão Literatura: O livro é fruto de um estudo cuidadoso sobre a vida da Beata Nhá Chica, incluindo visitas ao Santuário e pesquisa bibliográfica. Como esse processo de investigação influenciou suas escolhas narrativas e a forma delicada

do texto?

Clarissa Machado: Exatamente. Como eu não conhecia a história dela, eu somente sabia aquilo que as pessoas comentavam, das graças alcançadas e sobre ela ser uma pessoa muito iluminada e com uma rara conexão com Nossa Senhora; porém, eram informações soltas, relatos e testemunhos de devotos e peregrinos, de modo que eu efetivamente não sabia quem era ela. E, mesmo tendo estado no Santuário já anotando e fotografando algumas coisas, era como se eu não soubesse o que estava fazendo naquele momento. Sei que soa muito estranho, mas eu de fato precisei mergulhar com profundidade na história dela, ler muito, muitas biografias, e, principalmente, me aprofundar na história da menina Francisca porque eu queria que o livro fosse especialmente para as crianças, e queria que as crianças se vissem nela de alguma maneira. E isso seria uma grande responsabilidade, sobretudo por se tratar de uma obra de não-ficção. A cada biografia lida, eu fazia fichamentos e dos fichamentos selecionava dados-chave. Montei uma espécie de protótipo artesanal porque tendo as crianças como público-alvo eu precisava ser objetiva e concisa, evitar metáforas e manter, ao mesmo tempo, uma certa leveza, o que foi um desafio porque a vida de Nhá Chica é marcada por dificuldades, separações

e lutos; de modo que eu realmente precisava escolher as palavras com bastante cuidado para conservar esse aspecto de delicadeza e ternura, que também são traços marcantes da pessoa da Nhá Chica.

Revista Conexão Literatura: A obra parte da ideia de Nhá Chica como alguém que foi – e ainda é – um canal de Nossa Senhora no Brasil. Como traduzir essa dimensão espiritual de forma acessível, sensível e respeitosa para as crianças?

Clarissa Machado: Esse foi mais um desafio, aliás, toda a obra foi um grande desafio porque não é uma biografia comum, e falar dessa dimensão, falar de algo tão sobrenatural, de uma conexão com um mundo invisível não é fácil e envolve diretamente a questão da fé. E nós temos já uma tradição sobre isso, temos esse tipo de conexão na Bíblia, já em Gênesis e com Moisés, por exemplo, escutar a voz de Deus e por meio dela obter revelações divinas não é algo novo, mas acaba sendo algo muito associado aos grandes profetas da Bíblia. E falar sobre alguém, uma mulher, pobre, do interior do Brasil, nos dias atuais, imaginem... E o que eu tentei, não sei se consegui, foi apresentar primeiro a criança Francisca, onde ela nasceu, onde ela morava, quem era a sua mãe, quem era o seu irmão, como era a vida dela



e, acredito que o ponto de virada foi a mudança para Baependi, que aí também no livro foi a virada para a abordagem espiritual porque um dos objetos que a menina Chica tinha e leva para a nova casa é a estátua de Nossa Senhora, imagem que a acompanha por toda a vida. A partir daí, dessa mudança, os diálogos da menina com Nossa Senhora, surgem com naturalidade e se intensificam com o passar dos anos até o momento em que a menina, já adulta, se dá conta de sua conexão incomum com o divino, colocando a mãe de Jesus, como Senhora da sua casa e da sua vida, e assim Francisca abraça seu

dom e o coloca como sua missão de vida. E mesmo quando ela teve oportunidade de, digamos, “melhorar” de vida por meio da herança deixada por seu meio-irmão, ela escolheu continuar sua missão, servindo e ajudando as pessoas, alimentando os pobres, cuidando dos doentes, e sendo até o fim de seus dias, um canal de luz.

Revista Conexão Literatura: Você destaca que Nhá Chica nos convida, ainda hoje, a descobrir nosso propósito de vida e a fortalecer a fé. Que mensagens centrais você espera que crianças e educadores levem dessa leitura?

Clarissa Machado: São muitas mensagens, mas eu destacaria primeiro, a conscientização e a identificação da missão que cada um de nós tem aqui nessa terra, que todos somos únicos e especiais, somos diferentes sim e temos de ser porque há um objetivo divino nisso porque há um propósito para tudo e para cada um de nós em um determinado tempo, é como está em Eclesiastes (3:1) “há tempo para todo o propósito debaixo do céu”, ou seja, há um tempo para cada um de nós, e isso tem a ver com outras mensagens que espero comunicar no livro que é a coexistência, o respeito às diferenças e à cultura de paz porque Nhá Chica nunca fez acepção de pessoas, ela acolhia a todos, os recebia em sua

casa e ajudava a cada um que a buscava, fosse com alimento real ou espiritual. E, claro, o ponto alto é a fé que ela tinha e que, segundo palavras dela, tudo acontecia porque ela rezava com fé; o que significa dizer que a fé é o segredo, a intenção com que fazemos a nossa oração, o sentimento que colocamos em nossas palavras, a quem estamos servindo quando nos derramamos em oração. Nhá Chica, eu a vejo muito assim, com aquele “coração quebrantado” dos Salmos 34 e 51. E, nos dias atuais em que ainda há tanto mal, ódio, desamor, tanta violência, divisão e incompreensão, Nhá Chica vem como um bálsamo nos recordar da nossa essência que é ser a energia do bem, da nossa realidade que é ser luz para o mundo, da importância da conexão espiritual, de ser canal e mensageiros de Nossa Senhora, nossa mãezinha amorosa, a Rainha da Paz. E isso é muito forte.

Revista Conexão Literatura: A Voz de Nhá Chica é um livro pequeno, ilustrado, de linguagem simples e profundamente simbólica. Como foi o desafio de dizer tanto em apenas 30 páginas?

Clarissa Machado: Sempre escrevi muito, até demais... acho que é uma característica de todo escritor, e resumir para mim é uma dificuldade porque me parece que todas as informações são essenciais.



acordava de madrugada com ideias e anotava no escuro mesmo para não esquecer, tudo torto, meio hieróglifo, às vezes, eu nem entendia porque sem enxergar eu escrevia por cima do que eu tinha escrito... hoje eu dou muita risada disso...foi um percurso muito intenso, mas muito alegre, de muita vibração positiva. E, foi assim... levei um ano para finalizar, mas acredito que foi o tempo certo porque, ao final, o livro ficou muito tocante e muito inspirador.

Revista Conexão Literatura: A edição trilingue (português, inglês e espanhol) amplia o alcance da obra para além do Brasil. O que representa, para você, a internacionalização da história e da oração de Nhá Chica?

Entretanto, eu sabia que um livro infantil não poderia ser grande ou denso, e soma-se a isto que cada parágrafo viria em três idiomas diferentes em uma mesma página. Então, precisei reescrever muitas vezes. Foi um escreve, rabisca, apaga, escreve de novo, quase que interminável! Um processo mesmo, longo, que durou meses, e essa decisão do que deveria ficar e o que poderia ser retirado, e o arco narrativo que eu tinha de manter para que a história guardasse um fluxo coerente e natural, como em uma linha do tempo, tudo isso foi um trabalho pesado e vinha da alma tanto que eu sonhava com partes do livro e

Clarissa Machado: Totalmente. Uma existência tão relevante quanto a de Nhá Chica não pode ficar restrita a uma cidade ou a um país apenas. E no processo de pesquisa sobre a vida dela, descobri que mesmo no Brasil, há muita gente que nunca ouviu falar dela. Por isso, levar Nhá Chica para a vida de pessoas de diferentes partes do mundo me enche de alegria, pois sei que os ensinamentos que ela deixou sobre o poder da fé e da oração são um tesouro, e hoje sabemos que são reais, nós temos muitos artigos científicos na área médica que apontam para melhora de pacientes que rezam com fé, e estudos da Neurociências também

vêm demonstrando os benefícios da oração para o cérebro, e, portanto, para a saúde mental e emocional, e consequentemente, para a física.

Revista Conexão Literatura: As ilustrações de Selma Bajgielman dialogam diretamente com o texto. Como se deu essa parceria criativa e de que forma imagem e palavra se complementam no livro?

Clarissa Machado: Conheci a professora Selma em 2022 quando fui recebida como membro pelo Grupo Literário Fonte das Letras, naquele momento descobri que ela era esposa do pediatra dos meus filhos e coordenadora da escola onde eles estudavam, de novo, as “coincidências”... porque isso, claro, naturalmente me aproximou mais dela. A respeito da ilustração do livro, no início, não estava muito claro para mim, eu não sabia se usaria fotografia ou desenho, acabei me decidindo por desenho e pensei logo na Selma, que além de ser uma escritora brilhante, muito criativa e que tem um montão de livros publicados, é excelente contadora de histórias, mediadora de leitura e exímia ilustradora. Então, eu enviei uma mensagem para ela contando sobre o livro e perguntando se ela gostaria de ilustrar e ela respondeu que sim, e emocionadíssima porque inacreditavelmente ao receber minha mensagem ela estava sentada ao lado

de uma imagem de Nhá Chica que ela tem na casa dela, e que é uma imagem atípica porque ao invés de ela estar vestida com o tradicional rosa, ela está de azul. Eu achei que era um sinal e, na verdade, tenho certeza porque o azul é muito simbólico, além de ser a cor do manto de Nossa Senhora, é a cor da presença de Deus, uma referência que encontramos facilmente no Antigo Testamento, especialmente no Livro do Êxodo. E a Selma sentiu essa emoção toda porque ela tem muita sensibilidade, muita fé, muita espiritualidade, e depois que ela leu os originais ficou muito tocada, e também realizou pesquisas, visitas a Baependi, e o resultado foram desenhos com traços delicadíssimos, com predomínio de tons suaves e elementos próprios das casas mineiras e da vida de Nhá Chica, dialogando perfeitamente com o meu texto e com a proposta de um livro simples e adorável, com uma aura celestial, assim como Nhá Chica.

Revista Conexão Literatura: O projeto foi contemplado por meio da Política Nacional Aldir Blanc e tem distribuição totalmente gratuita. Qual a importância desse modelo de fomento cultural para a democratização da leitura e da espiritualidade?

Clarissa Machado: Exato. Importância total, vital, e garantia plena ao Direito à Literatura, que apesar de ser um direito humano fundamental, como

nos ensinava o Prof. Antônio Cândido, não chega a muitas pessoas por vários motivos, um deles a questão da compra. E, no caso específico, de “A Voz de Nhá Chica”, a leitura é muito rica e interdisciplinar. Temos História, Geografia, Português, Inglês, Espanhol e a espiritualidade, que não se restringe apenas à Igreja Católica porque Nhá Chica é figura-chave quando o tema é poder da oração, nas palavras dela “isso acontece porque rezo com fé”, e que talvez seja a tradução mais fiel de pelo menos duas passagens bíblicas – Mateus (21:22) “e tudo o que pedirem em oração, se crerem, vocês receberão” e Tiago (5:16) “a oração fervorosa do justo tem grande poder e resultados maravilhosos”, e isso tanto influencia, na minha opinião, no processo de formação e desenvolvimento humano integral quanto motiva a que a gente reze com essa confiança da Nhá Chica por um mundo melhor onde o bem e a paz positiva possam ser realidades, e que comece por nós, não importa se somos um em meio a bilhões, importa que, assim como Nhá Chica, a gente tome responsabilidade, abrace alegremente a nossa missão e seja luz para o mundo com oração e também com ação como Nhá Chica fazia, cumprindo o que está em Tiago (2:17) “a fé, se não tiver obras, por si só está morta”.

Revista Conexão Literatura: Sabemos que estão previstos lançamentos

www.revistaconexaoliteratura.com.br

presenciais e a entrega de exemplares a instituições, escolas, igrejas e bibliotecas. Como você enxerga o impacto desse contato direto do livro com crianças e comunidades?

Clarissa Machado: Tenho conversado com a Profa. Selma sobre isso porque eu faço muita questão dela junto, e pensamos para breve algum encontro presencial para que as instituições previstas no edital recebam os exemplares e a gente possa comentar um pouco sobre o livro. E também realizar a distribuição para vários lugares e pessoas de importância na história de Nhá Chica. Eu me sinto super grata e empolgada de estar nessa missão porque para mim é uma missão mesmo e emocionante porque sabemos que Nhá Chica não só transformou a vida daqueles que conviveram com ela, mas transforma a vida de todos os que têm contato com a sua história, porque, de novo, ela foi e é um canal, uma mensageira de boas novas, alguém que nitidamente viveu a serviço de Deus para que o bem e a luz se revelassem.

Revista Conexão Literatura: Como professora, mediadora de leitura e ativista do direito à literatura, turismo literário e da cultura de paz, de que maneira A Voz de Nhá Chica dialoga com sua trajetória pessoal, acadêmica e espiritual como autora?

Clarissa Machado: Ainda que eu não

tenha memória do meu primeiro “encontro” com a história de Nhá Chica, aos seis anos, mas sendo professora e filha de uma professora de Estudos Sociais e de um teólogo, e nascida em uma família católica, a oração sempre foi muito presente, uma prática diária, e Nhá Chica foi alguém que viveu uma vida de oração para si e para o próximo. Sua tomada de decisões era serena e prudente por estar alicerçada por suas orações. Ela não tinha pressa, ela orava, meditava e aguardava respostas. E, muito significativo, ela orava em separado, ela poderia muito bem orar exageradamente, em público, ela ficou muito conhecida na cidade dela, então poderia fazer da oração um verdadeiro espetáculo; mas não, ao contrário, ela pedia licença e se retirava, ficava sozinha em oração como naquela música do Gilberto Gil “se eu quiser falar com Deus, tenho que ficar a sós...” que justamente reflete o ensinamento de Jesus (Mateus 6: 6-7) que diz “tu, porém, quando orares, entra no teu quarto e, fechada a porta”. Então, uau, que lição de vida de oração! Eu fico fascinada estudando sobre ela, e, aliás, passei a ver muito de São Francisco de Assis nela, a paz de espírito, a fraternidade, a simplicidade, o respeito e a empatia para com as pessoas. Era uma Francisca... apesar de seu nome ter sido uma homenagem a outro São Francisco (São Francisco de Paula), com quem também, muito

impressionante, tem grandes semelhanças, mas enfim, ser Francisca me parece muito representativo. E, bom, poder colocar minha vocação à serviço de alguém tão grande, com uma jornada tão bonita e preciosa como a de Nhá Chica me traz muita gratidão, aprendi muito, ainda estou aprendendo e sei que a história dela tem muitos prismas e que irradiam longe, e olha que sensacional, Nhá Chica consegue concentrar em sua história um circuito de fé essencialmente mariano em um território muito específico, pois muito perto do seu Santuário estão os santuários-sede da Canção Nova, da RCC Brasil e de Nossa Senhora de Aparecida, e eu não acho que isso seja coincidência... não sei, eu posso estar completamente enganada e falando a maior besteira, mas eu creio que tudo isso se comunica com a missão de Nhá Chica que até hoje prossegue e que nos guia, amorosamente, a um encontro com Nossa Senhora.

DIVULGUE O SEU LIVRO OU TEXTO NA



Revista Projeto AutoEstima

Entrevista: R\$ 180,00

Entrevista. Engloba publicação da entrevista e foto do livro e do autor, numa edição da revista.

Texto: R\$ 70,00

Poema até 2 páginas, R\$ 70,00

Conto ou crônica até 4 páginas, R\$ 70,00

Para acompanhar o nosso trabalho, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/>

E para consultar o nosso MÍDIA KIT, acesse:

<https://revistaprojetoautoestima.com.br/midia-kit/>

<https://revistaprojetoautoestima.blogspot.com/p/edicao-atual.html>

Contato: elenir@cranik.com C/ ELENIR ALVES

Entrevista exclusiva com Daniel Walker Júnior

POR ADEMIR PASCALE

Daniel Walker Júnior - Foto divulgação



Daniel Walker Almeida Marques Junior é engenheiro de produção mecânico e de segurança do trabalho, natural de Juazeiro do Norte (CE). Com vasta experiência na indústria, atua como gestor, perito judicial e auditor, além de ser fundador da Quality Engenharia e conselheiro do CREA-CE. Para além dos cálculos e da técnica, Daniel é um observador da alma humana, dedicando-se à escrita para compartilhar as lições de resiliência e fé aprendidas "atrás da prancheta". É casado com Luana e pai orgulhoso de Heloisa e Isadora.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Daniel Walker Júnior: Após mais de duas décadas de carreira, resolvi registrar minha trajetória profissional e pessoal em um livro de memórias intitulado: "Vida em Alta Pressão – A História por Trás da Prancheta". Meu início não foi planejado como um projeto literário tradicional, mas nasceu da necessidade de transbordar as experiências que a engenharia, com toda a sua rigidez, não conseguia comportar. A literatura sempre esteve presente em minha casa: cresci vendo meu pai, Daniel

Walker, um mestre da palavra, e minha mãe, que também se dedicou à escrita ao publicar a biografia dele. Essa herança familiar plantou em mim a semente de que a comunicação vai além dos laudos técnicos; ela precisa tocar o humano.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “Vida em alta pressão - A história por trás da prancheta”, poderia comentar?

Daniel Walker Júnior: Este livro é um relato honesto sobre a minha trajetória pessoal e profissional. A “alta pressão” do título é uma metáfora dupla: refere-se tanto aos vasos de pressão e caldeiras com os quais trabalho quanto às pressões psicológicas, prazos e expectativas que enfrentamos na vida. É uma obra que convida o leitor a olhar para além do óbvio, mostrando que por trás de cada assinatura técnica existe um ser humano lidando com medos, ansiedades e a busca por superação. Não é um manual técnico, é um convite à resiliência.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Daniel Walker Júnior: Meu processo é reflexivo, transformando a vivência do “chão de fábrica” em lições de vida. Escrevo como quem conversa,



buscando conectar técnica e emoção. Minhas maiores inspirações são minha família. A vida cotidiana e os desafios da engenharia são a matéria-prima da minha escrita.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Daniel Walker Júnior: “A prancheta à minha frente parecia devolver uma pergunta que nenhum cálculo resolvia: quem está por trás dessa assinatura? Com o tempo, entendi que a prancheta é mais do que um instrumento de trabalho. Ela é símbolo de

compromisso. Cada traço carrega técnica, mas cada assinatura exige coragem”.

Conexão Literatura: O que o leitor vai encontrar neste livro que não costuma aparecer em histórias de sucesso profissional?

Daniel Walker Júnior: Vai encontrar vulnerabilidade. Medo de falhar, cansaço extremo, dúvidas que ninguém admite em voz alta. Este não é um livro sobre vitórias impecáveis, mas sobre o custo emocional de cada conquista. Quem já se sentiu pressionado, esgotado ou cobrado além do limite vai se reconhecer nessas páginas.

Conexão Literatura: Em que momento o leitor percebe que Vida em Alta Pressão também fala sobre a própria vida dele?

Daniel Walker Júnior: Quando entende que a “prancheta” não é só minha. Ela simboliza qualquer lugar onde alguém carrega responsabilidades, expectativas e decisões difíceis — seja no trabalho, na família ou consigo mesmo. O livro deixa claro que ninguém vive sem pressão; a diferença está em como cada um aprende a lidar com ela.

Conexão Literatura: Muitos podem imaginar que, por ter sido escrito por um engenheiro, o livro seja voltado

apenas para a área técnica. A quem, de fato, essa obra se destina?

Daniel Walker Júnior: Essa é uma distinção crucial. Embora eu use a engenharia como pano de fundo, este livro é para qualquer pessoa que já se sentiu sobrecarregada. É para o profissional que carrega o peso da responsabilidade, para o pai ou mãe que tenta equilibrar a carreira com a família, e para quem busca um propósito maior em meio à rotina. Se você já sentiu que a pressão do dia a dia estava prestes a exceder o seu limite de segurança, este livro foi escrito para você. Não é sobre máquinas, é sobre a engenharia da vida.

Conexão Literatura: O título fala em “Alta Pressão”, algo que remete ao risco iminente, mas também à força motriz. O que o leitor encontrará nessas páginas que o ajudará a lidar com as suas próprias “válvulas de escape” no dia a dia?

Daniel Walker Júnior: O leitor vai encontrar um espelho e, espero, um guia. No livro, mostro como a pressão, que tem o potencial de destruir, também é a única força capaz de gerar movimento e potência. Compartilho minhas vulnerabilidades, meus medos diante de laudos complexos e como a fé e a família serviram como minhas válvulas de segurança. Ao ler, você perceberá que não precisa ser “de



ferro" o tempo todo; você só precisa saber como operar o seu próprio sistema emocional para não explodir, mas sim avançar.

Conexão Literatura: Vivemos tempos de conexões rápidas e muitas vezes superficiais. Por que investir tempo na leitura de "Vida em Alta Pressão" é essencial para quem busca mais do que apenas sucesso profissional?

Daniel Walker Júnior: Porque o sucesso profissional sem base humana é uma estrutura condenada. Meu livro é um convite para parar e olhar "por trás da prancheta", para o que realmente sustenta uma vida bem-sucedida:

nossos valores, nossa resiliência e nossos relacionamentos. Ao adquirir este livro, você não está apenas comprando uma biografia, está investindo em uma conversa franca sobre como transformar desafios técnicos e pessoais em um legado de integridade. É uma leitura para quem quer reacender a esperança e encontrar força na própria caminhada.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Daniel Walker Júnior: O livro foi publicado pela Editora Dialética e poderá ser adquirido, em breve, diretamente no site da editora - <https://loja.editoradialetica.com> - ou nas principais livrarias online.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Daniel Walker Júnior: A leitura ainda enfrenta desafios, mas percebo um movimento de busca por histórias reais, que provoquem identificação e reflexão. Em um país carente de educação de base sólida, o livro é o que nos permite enxergar além das limitações impostas pelo meio. A literatura precisa ser acessível, honesta e conectada com a vida cotidiana.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Daniel Walker Júnior: Sim, a mente não para. Além de seguir divulgando o "Vida em Alta Pressão", sou coautor do E-book "Descomplicando a NR-13", voltada para a minha área de especialização. Continuo escrevendo e me especializando, e cada nova história ou laudo acaba gerando reflexões que, quem sabe, virarão novas páginas no futuro.

Perguntas rápidas:

Um livro: A Bíblia (pela fé que sustenta minha jornada)

Um ator ou atriz: Fernanda Montenegro

Um filme: Em Busca da Felicidade

Um hobby: Escrever em silêncio, revisitando memórias

Um dia especial: Viagens em família

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Daniel Walker Júnior: Gostaria de agradecer ao Conexão Literatura pelo espaço e a cada leitor que decidir embarcar nesta jornada comigo. Vida em Alta Pressão é para quem vive sob cobrança constante, para quem já sentiu o peso das decisões e segue em frente mesmo cansado. Este livro não é ficção — é identificação. Ao adquiri-lo, o leitor não compra apenas uma história, mas a oportunidade de se

reconhecer, refletir e ressignificar a própria jornada.

Para encerrar, deixo uma reflexão que é o coração desta obra: na engenharia, a pressão é necessária para gerar energia e movimento; na vida, não é diferente. Não devemos temer os momentos de "alta pressão", pois são eles que testam a nossa integridade e nos fazem crescer. Como escrevi no final do livro, a vida em alta pressão não me quebrou — ela me moldou. Que este livro possa ajudar você a transformar os seus próprios desafios em uma obra de legado e força. Um forte abraço!



LEIA UM LIVRO

**E aventure-se sem sair
do lugar**



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

Entrevista exclusiva com Edilson Gomes de Lima

POR ADEMIR PASCALE



Edilson Gomes de Lima - Foto Divulgação

O professor Edilson Gomes de Lima é ensaísta e escritor literário. Sua obra literária observa a vida urbana, o tempo contemporâneo e a condição humana com um olhar analítico e crítico. Em seus textos, a cidade surge como cenário e personagem, revelando silêncios, cansaços e pequenos indícios que passam despercebidos no cotidiano. Em parte de suas obras são explorados pontos objetivos e subjetivos, como a exaustão humana e essa intersecção perante ao grande sistema.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

Edilson Gomes de Lima: Comecei escrevendo sem a intenção de ser lido, minha escrita é um fractal em construção. A escrita veio como uma necessidade de entender o mundo — construo pequenas peças de um quebra-cabeça maior. A minha literatura parte da observação analítica. Anoto meus pensamentos, imagens e frases soltas que vem a mente — muitas vezes sem saber o real significado — pensamentos são fractais brilhantes, alguns precisam eternizados pelas palavras. Com o tempo, percebi que esses fragmentos dialogavam entre si e carregavam uma mesma atmosfera. Foi

quando entendi que ali havia literatura – não planejada, mas encontrada e formulada com os cuidados dos métodos rigorosos da química.

Conexão Literatura: Você é autor do livro “O bocejo da Metrópole”, poderia comentar?

Edilson Gomes de Lima: O Bocejo da Metrópole é um livro que nasce da observação da metrópole em seus momentos mais silenciosos. O bocejo não é tédio, é exaustão e o pacato – a obra captou e expôs o cansaço. É o instante em que a cidade parece estagnar se movendo – a obra traz assim essa percepção de estar percorrendo muito, e não chegando a lugar algum. Os poemas falam de ruas cansadas, de pessoas que passam sem conexões, de um tempo que corre mais rápido do que conseguimos perceber engolido pelo tédio. É um livro sobre aquilo que a cidade cala.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Edilson Gomes de Lima: Meu processo é analítico, é feito de atenção e muita observação – uma alquimia literária. Costumo usar os métodos precisos de observação da físico-química e seus métodos para construir arte literária. Observo assim o ritmo das ruas, os gestos, movimentos e ações, a



Edilson Gomes de Lima

O Bocejo da Metrópole

Editores Associados

arquitetura de tudo, o silêncio entre um ruído e outro. As inspirações vêm do cotidiano – de uma janela acesa à noite, de um olhar perdido, de uma esquina qualquer. Concatenando meu trabalho é que escrevo quando algo insiste em ficar. Tento assim eternizar fragmentos de momentos e ideias em meu fractal literário.

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Edilson Gomes de Lima: Claro. Um trecho que considero representativo dessa nova obra:

“A cidade acorda antes das pessoas, mas dorme antes que elas se deem conta.

Há ruas que caminham sozinhas, enquanto os homens apenas repetem seus passos.”

Esse fragmento sintetiza a ideia central do livro: a inversão entre quem habita e aquilo que é habitado.

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu mais recente livro e saber um pouco mais sobre você e o seu trabalho literário?

Edilson Gomes de Lima: O livro está disponível em plataformas online e canais editoriais. Aos poucos, também venho organizando espaços digitais onde irei compartilhar textos, poemas, reflexões e novidades sobre meus trabalhos literários. Gosto da ideia de que o leitor conheça e possa acompanhar a produção, o desenvolvimento como quem entra em uma cidade desconhecida. Nós somos a máquina humana que ensina e aprende pela interação e assim formamos o complexo organismo que são as sociedades.

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Edilson Gomes de Lima: A leitura no Brasil sempre enfrentou muitos obstáculos, mas também vejo uma

subjettiva vontade de ler crescente e que carrega profundidade. A poesia, especialmente, tem encontrado novos leitores que buscam pausa, não velocidade. Ler, hoje, é quase um gesto de desaceleração saudável — e isso é profundamente necessário. Na França aprovaram um voucher para compra de cultura, uma atitude que poderia ajudar, talvez no futuro quando o país estiver melhor economicamente.

Conexão Literatura: Em um mundo cada vez mais acelerado e ruidoso, qual você acredita ser o papel da poesia hoje?

Edilson Gomes de Lima: A poesia, hoje, talvez seja uma das últimas formas de observação profunda e escuta da natureza e da alma humana em sentido amplo e literal. Enquanto tudo esvanece, esta permanece suavemente pelo tempo. Não compete com a velocidade do mundo, acompanha — oferece pausa. A observação e poesia não resolve, não explica, não acelera; simplesmente se põe como a observação, mantém e revela o que passa despercebido. Em tempos de excesso, escrever e ler poesia é um modo de lembrar que ainda somos humanos. Diferente das tecnologias atuais, a poesia é mais compatível com a nossa biologia.

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Edilson Gomes de Lima: Certamente. Continuo formulando em meu laboratório os fractais literários e técnicos que em seguida irão formar obras memoráveis, frases, literatura, poesia e pensamentos — sempre atentos ao cotidiano e às transformações do tempo urbano. Tenho um pé no mundo científico e da engenharia onde intensamente capturo e crio muito inclusive. Há também projetos mais longos em amadurecimento, que seguem essa mesma linha de observação da construção de minha jornada literária.

Perguntas rápidas:

Um livro: Euclides da Cunha – Os Sertões

Um ator ou atriz: Anthony Hopkins

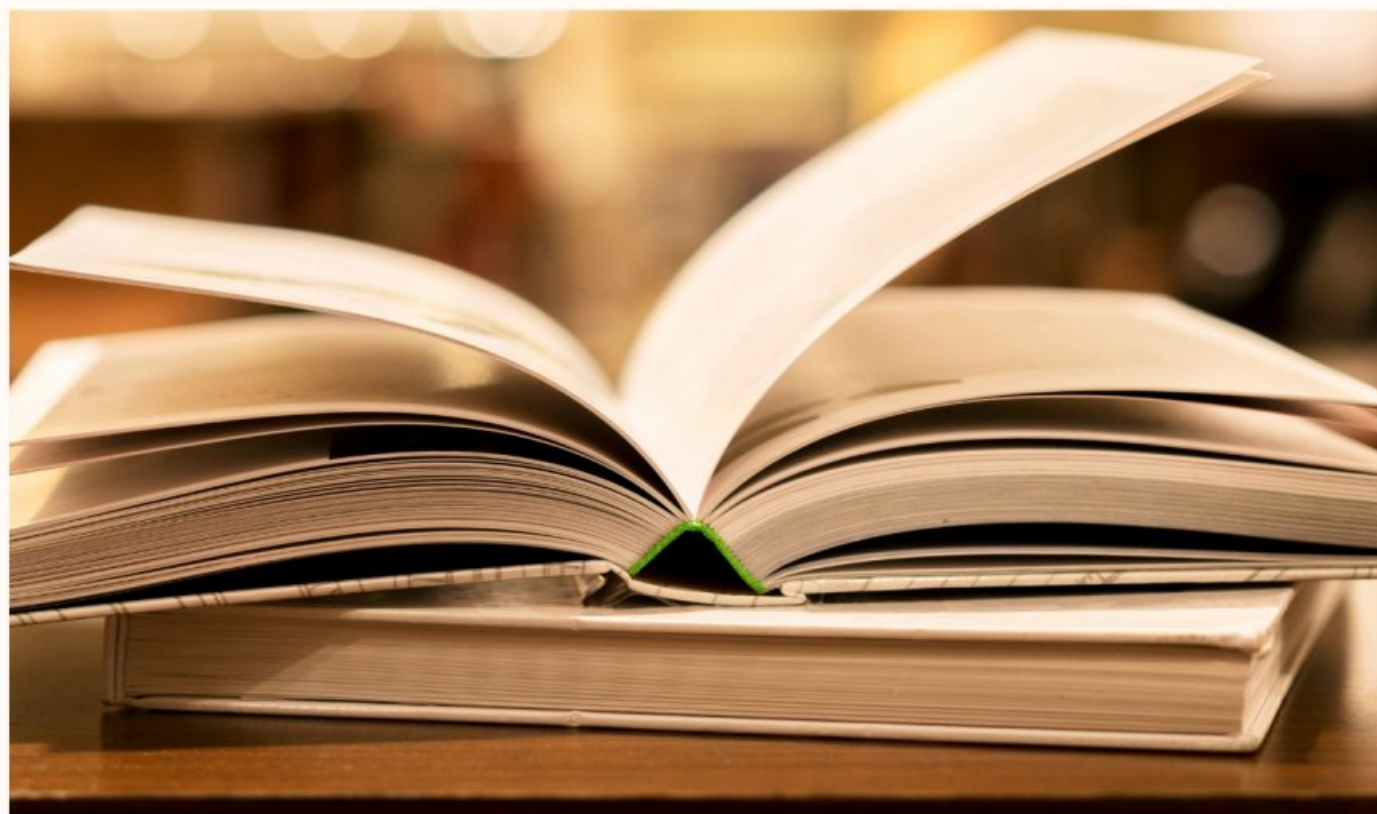
Um filme: Blade Runner

Um hobby: ensinar e aprender

Um dia especial: o dia da árvore

Conexão Literatura: Poderia encerrar com uma nota sobre seu novo livro?

Edilson Gomes de Lima: Espero que O Bocejo da Metrópole encontre leitores dispostos a caminhar devagar pelas páginas, sem pressa de chegar a um sentido final. Em tempos rápidos, a poesia não quer explicar — apenas acompanhar.



Entrevista exclusiva com Fátima Cordeiro

POR ADEMIR PASCALE



Fátima Cordeiro - Foto Divulgação

Fátima Cordeiro é natural de Rio Branco-Ac. Pedagoga, psicanalista e arte-educadora. Possui quatro livros publicados: Sementes de Mostarda, A Menina Fez Carinho na Lua, A Louca do Orfanato e Romance Orgânico. Gosta de apresentar-se através de performances cênicas valorizando a leitura lúdica. Sempre que possível, colabora para o incentivo da leitura e da escrita em projetos literários sejam nas escolas, na comunidade ou grupos populares.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o seu início no meio literário?

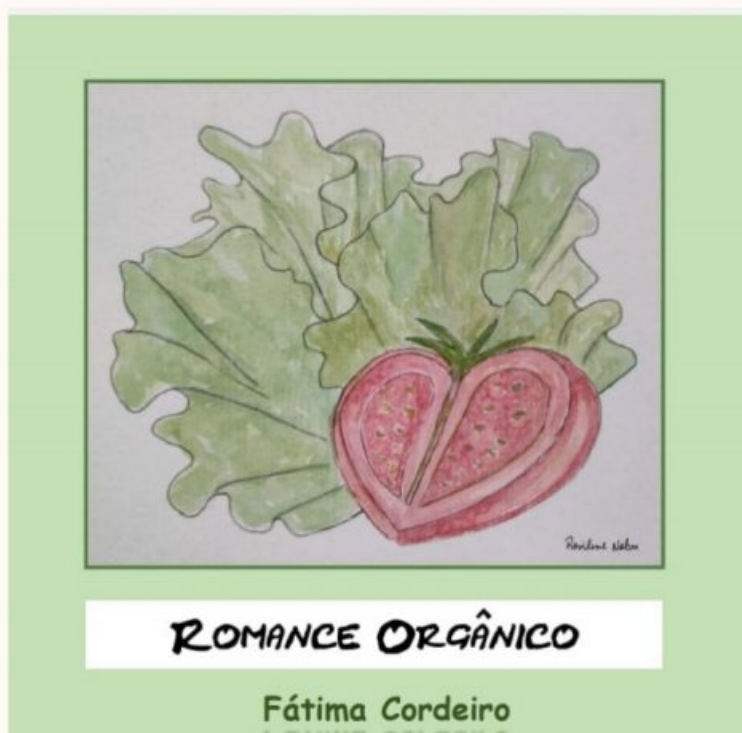
Fátima Cordeiro: Tive contato mais próximo com a escrita na época que estava em tratamento contra a depressão. Escrevi 80 poemas de desabafo em três meses, não saía de casa e a escrita foi o meu refúgio. Mais tarde, amigos da Literatura me incentivaram a publicar o meu primeiro livro que tem como título: Sementes de Mostarda.

Conexão Literatura: Você é autora do livro “Romance Orgânico”, poderia comentar?

Fátima Cordeiro: Esta obra é (novamente) concebida numa época de refúgio. Foi construída na época da Pandemia, momento muito difícil para todos nós. Precisamos agradecer estarmos ainda vivos! Daí, veio a inspiração para muitas crônicas, poemas, contos. A arte da capa foi realizada com os pigmentos naturais extraídos do tomate e da alface. Foi um pedido meu para a artista, que não utilizasse pintura sintética porque minha intenção era fazer uma relação com a crônica devido a personagem ser uma verdureira. Esta crônica tem uma história muito bonita sobre a ternura, inclusive, premiada em um concurso, por isso, dei o título ao livro. Vou confidenciar um segredo e espero que você não conte a ninguém... Esta crônica é uma homenagem a minha mãe e revela um pouquinho de uma situação que vivenciei ainda adolescente.

Conexão Literatura: Como é o seu processo de criação? Quais são as suas inspirações?

Fátima Cordeiro: Costumo criar a partir de uma palavra, de uma situação, até mesmo com lágrimas no rosto podemos criar algo bem interessante. Minhas inspirações surgem da própria experiência de vida, nas emoções, nos sentimentos de cada fase. Costumo criar a partir de uma palavra, de uma situação, até



mesmo nas histórias que escuto. Gosto muito de participar de Antologias a nível de Brasil e da sensação maravilhosa de receber o livro na minha casa pelo correio, afinal, os livros de hoje são as cartas de antigamente...

Conexão Literatura: Poderia destacar um trecho do seu livro especialmente para os nossos leitores?

Fátima Cordeiro: tem um poema que tentei traduzir os momentos de várias promessas que fazemos no dia a dia para os amigos, familiares, pessoas do trabalho, mas o tempo passa e não acontecem, não cumprimos. Na época da Covid, não pudemos dar o último adeus para muitos parentes ou amigos.

QUANDO EU PARTIR

Quando eu partir
Não se lamente
Pelo o que deixou de me revelar.
Quando eu partir
Não se arrependa
Das visitas que não me fez.
Quando eu partir
Não chores
Por saber que eu sofria.
Quando eu partir
Não tentes forçar simpatia
Que nunca existiu.
Quando eu partir
Ciclos selaram
A razão do meu existir.
Quando eu partir
Aquele prometido café
Já esfriou.
Não ouça o eco
De minhas súplicas
Ignoradas...
Quando eu partir
Não force aquela lágrima
Tão desejada
Quando eu partir
Não sejas tolo de chorar...
Sorria!
Teu amor vou levar...

Conexão Literatura: o que não pode faltar no processo criativo literário?

Fátima Cordeiro: imaginação!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o seu livro e saber um pouco

mais sobre você e o seu trabalho literário?

Fátima Cordeiro: Pode me enviar um E-mail: mendescor2@gmail.com ou na página Instagram @facormendes

Conexão Literatura: Como você analisa a questão da leitura no Brasil?

Fátima Cordeiro: Não está muito bem. Vivemos um tempo sem tempo para a leitura saudável, um grande grupo está refém do celular. Os governantes não incentivam projetos de leitura e nem priorizam iniciativas criativas. A Arte e a Literatura não são valorizadas com a devida importância que merecem apenas com a ideia de passatempo ou distração. Até mesmo na família, alguns artistas sofrem "bullying cultural". Contudo, não podemos perder a esperança, cada pouquinho feito aqui outro ali, sempre vai fazer diferença na vida de alguém que gosta de ler. Eu coordenei um projeto de leitura aprovado na Lei Aldir Blanc que se chamava Viajando com a Louca do Orfanato, distribuimos 1.000 exemplares da obra nas poltronas dos ônibus da Rodoviária. O passageiro entrava, encontrava o livro no assento, ouvia poesias declamadas pelos poetas da região e seguia viagem... Pensa na loucura desta atividade!

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Fátima Cordeiro: Bem, estou tentando tornar o meu 3º livro A Menina fez Carinho na Lua (ebook) em livro físico. Trata-se de poemas para o público infantil. Este livro recebeu o prêmio melhor ebook infantil pela Literarte Kids na 4ª Feira Nacional do Livro Infantil e infanto juvenil em 2022.

Perguntas rápidas:

Um livro: Meu pé de laranja Lima

Um ator ou atriz: William Petersen

Um filme: Os olhos negros de Marylin (a cena de abertura é ma-ra-vi-lho-sa)!

Um hobby: escrever

Um dia especial: quando fiquei sabendo que estava aposentada...

Conexão Literatura: Deseja encerrar com mais algum comentário?

Fátima Cordeiro: Sim, gostaria de agradecer e parabenizar a Revista Conexão Literatura pelo incentivo de divulgação e a troca de experiências que realiza entre inúmeros escritores nacionais e internacionais.



Entrevista exclusiva com Josele Delazeri e Alisson Oliveira

POR ADEMIR PASCALE

Alisson Oliveira e Josele Delazeri – Foto divulgação



Josele Delazeri é Sócia da Get Commerce, plataforma de lojas virtuais e da Noova, Inteligência Artificial para o Varejo. Autora de 3 livros, além do livro Caleidoscópio, que é o livro do seu coração. Desenvolveu várias atividades voltadas para o empreendedorismo feminino. Graduada em Sistemas de Informação, também bacharel em Administração. Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Federal de Santa Maria. Pós Graduada em Psicologia Positiva, Psicopedagogia, Gestão de Negócios e Intuição. Foi professora universitária por 15 anos, ama as pessoas, e adora compartilhar conhecimento. Também gosta de aventura, como salto de paraquedas.

Alisson Oliveira é aluno do curso de medicina da Universidade de Rio Verde, Campus Goiânia, além da paixão pelo cuidado e bem-estar ao próximo também se dedica ao ciclismo de estrada. É graduado em Ciências Militares pela Academia Militar das Agulhas Negras e também bacharel em Direito. Dentre as suas experiências profissionais participou da Missão das Nações Unidas para a estabilização do Haiti (MINUSTAH), estando subordinado a ONU. Participa ativamente de atividades de extensão na UNIRV, como em ações de apoio a gestantes em situação de vulnerabilidade. É autor do livro Caleidoscópio.

Conexão Literatura: Poderia contar para os nossos leitores como foi o início de vocês no meio literário?

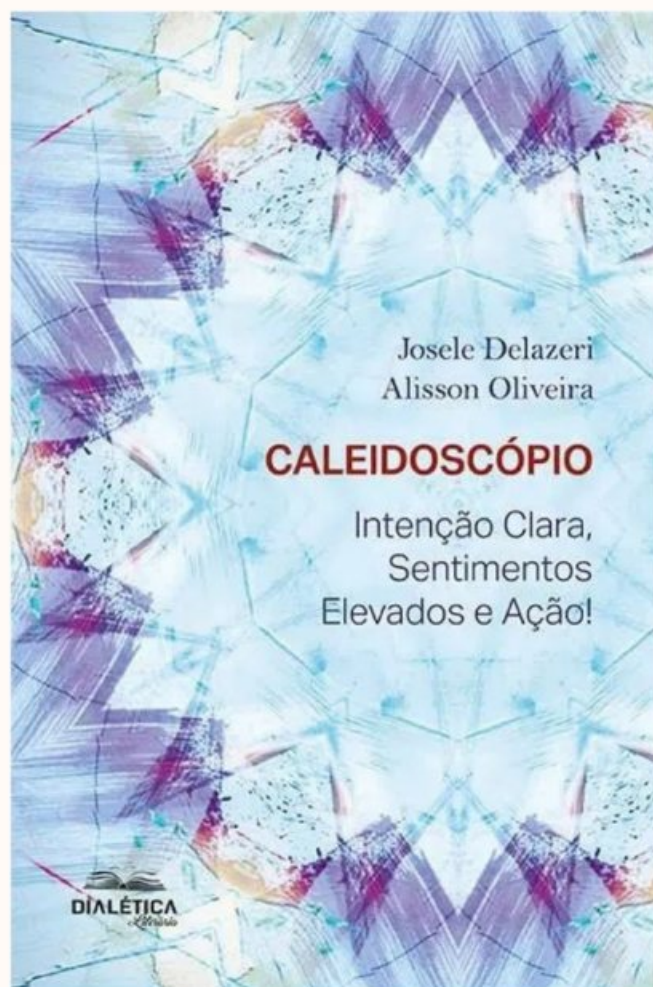
Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Nosso início no meio literário aconteceu de forma muito orgânica. Sempre gostamos muito de ler, livros de diferentes estilos, fases e autores, e mais do que ler, tínhamos o hábito de anotar trechos, ideias e reflexões que nos tocavam durante essas leituras.

Com o tempo, percebemos que essas anotações iam além de simples registros. Elas se misturavam com nossas próprias vivências, sentimentos e aprendizados. A leitura nunca foi algo passivo para nós. Era um diálogo constante com o texto e com a vida.

O Caleidoscópio nasce exatamente desse encontro entre o que lemos, o que vivemos e como escolhemos olhar para tudo isso. Não foi um projeto pensado para entrar no mercado literário, mas uma necessidade de organizar pensamentos, compartilhar reflexões e transformar experiências em palavras que pudessem tocar outras pessoas.

De certa forma, o livro é a continuidade natural de anos de leitura atenta, escrita íntima e observação da vida. Um convite para que cada leitor também gire o seu próprio caleidoscópio interno.

Conexão Literatura: Vocês são



autores do livro “Caleidoscópio”, poderiam comentar?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Somos autores do livro Caleidoscópio, uma obra que nasceu da nossa relação muito próxima com a leitura, a escrita e a observação da vida. Sempre acreditamos que as experiências ganham novos significados quando paramos para refletir sobre elas, e o livro surge justamente desse exercício constante de olhar para dentro e para o mundo com mais atenção.

O Caleidoscópio não é um livro de

respostas prontas. Ele é um convite à reflexão, à mudança de perspectiva e ao entendimento de que a vida é feita de ciclos, movimentos e transformações. Cada texto representa um novo giro, um novo olhar sobre situações que muitas vezes fazem parte da rotina de todos nós.

Como autores, nosso desejo é que cada leitor se reconheça em algum momento da leitura e sinta liberdade para interpretar os textos a partir da sua própria história. O livro é, acima de tudo, uma oportunidade diária de uma leitura que contribui para o seu crescimento pessoal.

Conexão Literatura: Como é o processo de criação de vocês? Quais são suas inspirações?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Nosso processo de criação é muito ligado à observação e à escuta. A escrita não começa no papel, ela começa no dia a dia, nas conversas, nas leituras, nos silêncios e nas experiências que vivemos. Temos o hábito de registrar pensamentos, frases e sentimentos que surgem ao longo do tempo, sem a preocupação imediata de transformá-los em texto final.

Quando percebemos que uma ideia se repete ou ganha força, ela passa a ser trabalhada com mais cuidado. Revisamos, lapidamos, deixamos o texto “descansar” e voltamos a ele

com um novo olhar, exatamente como propõe o conceito do Caleidoscópio. Nada é escrito de forma apressada; existe um respeito pelo tempo de maturação de cada reflexão.

Nossas inspirações vêm principalmente da vida real. Das leituras que nos atravessam, das mudanças que enfrentamos, das escolhas difíceis, dos recomeços e também dos momentos simples do cotidiano. Pessoas, histórias, emoções e fases diferentes da vida são fontes constantes de inspiração. Escrever, para nós, é uma forma de organizar o que sentimos e transformar vivências em palavras que possam tocar outras pessoas. Grandes autores e obras clássicas sempre são fonte de inspiração: Clarice Lispector, e Saint - Exupéry. Além de obras de autores contemporâneos, como Dr. Joe Dispenza, e Brené Brown.

Conexão Literatura: Poderiam destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Você é merecedor. Tenha plena certeza de que você merece o melhor que a vida tem a oferecer. E, mais importante que merecer, você aceita o melhor que vier até você, pois além de aprender a ser melhor você também merece ser feliz!



literário de vocês?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Os principais canais de vendas são o site da Editora Dialética, e a Amazon. E o instagram @jorainha.ia

Conexão Literatura: Como vocês analisam a questão da leitura no Brasil?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Acreditamos que a leitura no Brasil ainda enfrenta muitos desafios, mas também vive um momento de transição importante. Historicamente, o acesso ao livro nunca foi simples para grande parte da população, seja por questões econômicas, educacionais ou culturais. Isso cria uma relação distante com a leitura desde cedo, o que impacta diretamente o hábito na vida adulta. Ao mesmo tempo, percebemos um movimento interessante de resgate da leitura por outros caminhos. As pessoas estão lendo de formas diferentes, em formatos variados, buscando textos que dialoguem mais com a vida real, com emoções e experiências pessoais. Livros que acolhem, provocam reflexão e não exigem um ritmo rígido acabam aproximando novos leitores. Isso é exatamente o que ocorre com o livro CALEIDOSCÓPIO, um leitura diária, casual, que abraça o leitor em um momento de conexão íntima com seu EU humano e verdadeiro.

Conexão Literatura: Poderiam destacar um trecho do livro especialmente para os nossos leitores?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Você é merecedor. Tenha plena certeza de que você merece o melhor que a vida tem a oferecer. E, mais importante que merecer, você aceita o melhor que vier até você, pois além de aprender a ser melhor você também merece ser feliz!

Conexão Literatura: Como o leitor interessado deve proceder para adquirir o livro Caleidoscópio e saber um pouco mais sobre o trabalho

Conexão Literatura: Existem novos projetos em pauta?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: Estamos sempre buscando realizar novas formas e obras para contribuir com o acesso a uma leitura que acrescente no desenvolvimento pessoal, para alcançar sucesso e prosperidade. No momento, devido ao lançamento do livro Caleidoscópio, que já é um sucesso, sim, estamos trabalhando no projeto de uma nova obra.

Perguntas rápidas:

Um livro: Como tornar-se

sobrenatural - Dr. Joe Dispenza

Um ator ou atriz: Denzel Washington

Um filme: A procura da Felicidade com Will Smith

Um hobby: Leitura

Um dia especial: O lançamento do livro Caleidoscópio

Conexão Literatura: Desejam encerrar com mais algum comentário?

Josele Delazeri e Alisson Oliveira: A leitura é uma oportunidade de autoconhecimento e desenvolvimento pessoal, disponível a todos.



Entrevista exclusiva com Raquel Fiori

POR ADEMIR PASCALE



Raquel Fiori - Foto Divulgação

Raquel Fiori é educadora e pesquisadora com sólida formação em Química pela PUCRS, onde concluiu diversas licenciaturas, bacharelado e formações tecnológicas. Possui Especialização e Mestrado em Ciência e Tecnologia de Alimentos (ICTA/UFRGS) e Doutorado em Educação Química pelo PPGQVS/UFRGS. Atuou como Especialista em Saúde no Laboratório Central do Estado. Mesmo aposentada, segue contribuindo como Conselheira Federal no Conselho Federal de Química. Raquel mantém presença acadêmica ativa e reúne reconhecimentos como autora e divulgadora científica, possui postura colaborativa, liderança técnica e compromisso em fortalecer a área da Química

por meio de ações educativas e institucionais de impacto. Neste momento de sua trajetória, deseja se aventurar no universo da escrita e explorar novas formas de compartilhar suas ideias.

Revista Conexão Literatura: Você construiu uma trajetória sólida e reconhecida na área da Química e da Educação. O que a motivou, neste momento da sua vida, a se aventurar no universo da escrita literária?

Raquel Fiori: Fiz um pacto silencioso com o papel: eu escreveria por toda a vida, sem cobrar destinos ou resultados. Sem buscar troféus, minha única ambição é envelhecer

ao lado das palavras. Não escrevo para ser vista, mas busco a liberdade de mergulhar na fonte de tudo o que ainda não sei dizer. Escrevo porque a página em branco é o único lugar onde a rotina se dissolve e eu posso, finalmente, me reinventar.

Revista Conexão Literatura: Como surgiu o interesse em participar do e-book PARA SEMPRE, organizado por Ademir Pascale, e o que a levou a escrever o conto “Marcas da Inundação: um conto de amor em tempos de desastre”?

Raquel Fiori: Eu queria explorar como o amor se manifesta em situações limite. Marcas da Inundação nasceu do desejo de mostrar que, mesmo quando tudo ao redor é destruído pela água e pelo desastre, o que resta de humano em nós : os nossos laços, é o que nos mantém à tona.

Revista Conexão Literatura: Seu conto parte de um acontecimento real e profundamente traumático: a inundação de maio de 2024 no Rio Grande do Sul. Como foi transformar uma tragédia coletiva em uma narrativa íntima e afetiva?

Raquel Fiori: Foi a tentativa de criar um refúgio íntimo dentro de um cenário de desolação, mostrando que, mesmo sob o trauma, o amor é a única âncora que nos impede de sermos



levados pela correnteza.

Revista Conexão Literatura: Turi e Raquel se conhecem e se conectam em meio ao caos, quando tudo parece ruir. Para você, a literatura pode funcionar como um abrigo emocional em tempos de crise?

Raquel Fiori: Acredito que a arte não ignora a tragédia, mas ela nos oferece uma lanterna para atravessar o escuro, provando que, mesmo quando perdemos o chão físico, ainda podemos encontrar apoio no outro e nas histórias que compartilhamos.

Revista Conexão Literatura: O texto apresenta imagens fortes da enchente, mas escolhe destacar a solidariedade, o cuidado e a humanidade. Essa abordagem foi uma escolha consciente desde o início da escrita?

Raquel Fiori: Sim, foi uma escolha consciente e, eu diria, até urgente, minha intenção foi usar o cenário da inundação apenas como o palco onde a verdadeira história acontece. Se a água levou as casas, o afeto foi o que impediu que ela levasse a nossa dignidade. Destacar a humanidade em meio ao caos foi a minha forma de honrar a força de todos que ajudaram a reerguer o estado.

Revista Conexão Literatura: Sua formação científica e sua atuação como educadora e pesquisadora influenciaram de alguma forma a maneira como você construiu essa narrativa de ficção?

Raquel Fiori: Com certeza. Minha formação científica e minha atuação como educadora são as lentes através das quais eu enxergo o mundo, e elas acabam filtrando minha escrita de ficção de maneira muito orgânica.

Revista Conexão Literatura: O amor retratado no conto não nasce de promessas grandiosas, mas de gestos simples e cotidianos. Esse tipo de

afeto “possível” dialoga com a realidade vivida durante a enchente?

Raquel Fiori: Totalmente. Durante a enchente, aprendemos que o amor mais heroico não é o das grandes juras, mas o dos pequenos gestos. Eu não queria um romance de cinema, queria o afeto da lama, do cansaço e da reconstrução. É esse amor pé no chão que dialoga com a realidade vivida.

Revista Conexão Literatura: A presença do cavalo Caramelo surge como um símbolo de resistência e empatia coletiva. O que esse episódio representa para você dentro da história?

Raquel Fiori: O episódio do cavalo Caramelo representa a síntese da vulnerabilidade e da resiliência. Assim como o Caramelo, meus protagonistas estão ilhados, e o que os salva não é apenas o barco físico, mas a rede de solidariedade que se forma ao redor deles.

Revista Conexão Literatura: Ao escrever ficção, você percebeu diferenças significativas entre o olhar da pesquisadora e o da escritora? A escrita literária lhe revelou algo novo sobre si mesma?

Raquel Fiori: Enquanto a pesquisadora entende a mecânica da inundação, a escritora sente o frio da água e o peso

da perda. Escrever ficção me permitiu humanizar o que a ciência estatiza.

Revista Conexão Literatura: Marcas da Inundação marca sua estreia no campo da literatura. Podemos esperar novos textos, contos ou projetos literários no futuro?

Raquel Fiori: Com certeza! Marcas da Inundação foi uma porta que se abriu e que eu não pretendo fechar. Já tenho algumas ideias sendo gestadas, explorando novamente a intersecção entre as relações humanas e os contextos sociais que nos moldam. A escrita literária passou a ser uma necessidade de expressão para mim.

Obrigada ao Ademir Pascale por criar este espaço nobre onde a literatura pode eternizar o que há de melhor em nós, mesmo nos tempos mais difíceis. Que estas palavras sirvam como um abraço em cada leitor.

Convido todos a mergulharem nessas histórias e a compartilharem suas próprias impressões comigo. A literatura só se completa no olhar do outro.



Entrevista exclusiva com Valter Correa

POR ADEMIR PASCALE

Valter Correa - Foto Divulgação



Arquiteto, urbanista e design. Atuou em todas essas áreas, sendo que no terceiro item desenvolveu projetos náuticos. Com vivências também na indústria aeronáutica desde a adolescência, além de apaixonado pelo mar, enveredou no universo literário, trazendo aos leitores as suas expertises nestas áreas.

Criou e escreveu o conteúdo do site “Playboat”, foi redator chefe do site “Nauticupom” com inúmeras reportagens sobre barcos, navegantes, aventureiros, fatos e curiosidades marinhas. Escreveu também “O GLAUCO AZUL”, obra que vem conquistando leitores entusiasmados no Brasil e na Europa!

Revista Conexão Literatura: Tereza Acabou no Paraíso, apresenta a protagonista como um mosaico de experiências femininas. Como nasceu essa personagem e em que medida ela dialoga com histórias reais que você observou ao longo da vida?

Valter Correa: Essa personagem nasceu da minha admiração por esses fantásticos seres, que são as mulheres. O diálogo ocorre a partir de uma abordagem crua e sem concessões.

Revista Conexão Literatura: O romance aborda sistemas patriarcais, ambientes misóginos e violências contra a mulher sem recorrer ao panfleto. Como foi o equilíbrio entre denúncia social e construção literária?

Valter Correa: Não é fácil, porém talvez, não seja uma “denúncia” mas uma triste constatação. Quanto à construção literária, me inspirei no Chico Buarque e Francis Hime e no poema português oitocentista “A Doida de Albano”.

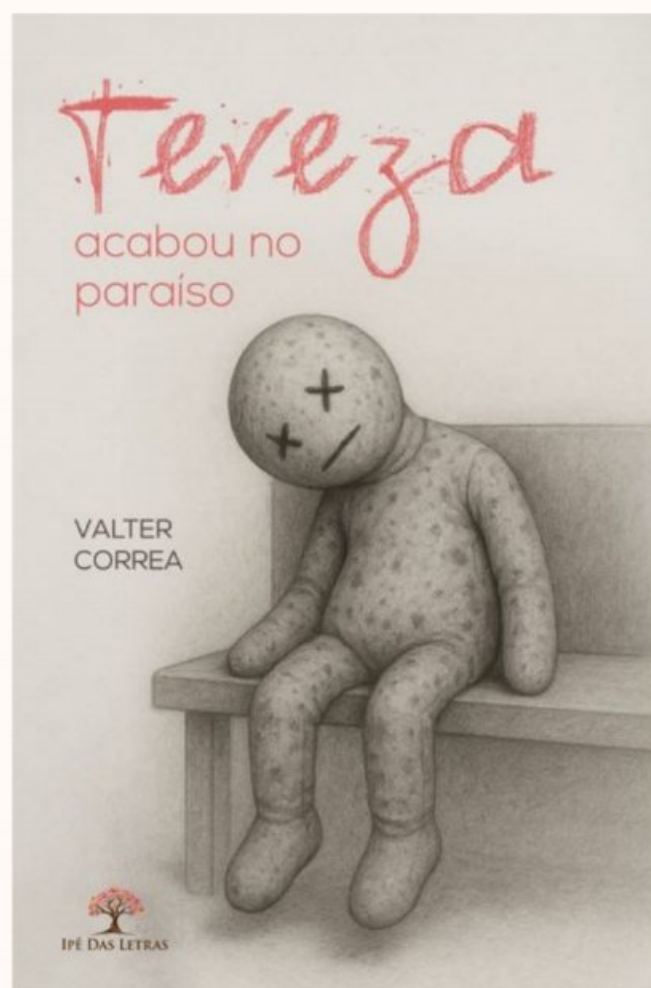
Revista Conexão Literatura: A relação simbiótica entre Tereza e o filho é um dos eixos mais perturbadores da narrativa. O que essa relação representa dentro da crítica humana e social proposta pelo livro?

Valter Correa: Essa “relação” é de fato perturbadora e impactante. Na realidade o filho nos representa, nós homens, com as nossas indiferenças, nossas incompreensões, nossos mutismos, diante dos desafios e aflições das mulheres.

Revista Conexão Literatura: A estrutura fragmentada, feita de reminiscências e fluxos de consciência, reflete o estado emocional da personagem. Essa escolha surgiu desde o início do projeto ou foi se impondo ao longo da escrita?

Valter Correa: Essa reflexão do estado emocional da personagem e o fato dela contar a sua própria história, fez parte desde o início, quando comecei a “desenhar” a estrutura narrativa.

Revista Conexão Literatura: O livro trata de temas sensíveis como eutanásia, suicídio, abuso sexual e abandono com um olhar discreto e sem moralizações. Qual foi o maior desafio ao lidar literariamente com



esses assuntos?

Valter Correa: São assuntos complexos e densos, até mesmo difíceis de pensá-los e escrevê-los, mas definitivamente a vida não é um “conto de fadas”.

Revista Conexão Literatura: Embora a obra dialogue fortemente com a experiência feminina, você afirma que não se trata de um libelo feminista, mas de uma constatação humana. Como espera que leitores e leitoras se reconheçam nessa narrativa?

Valter Correa: É exatamente isso. Uma constatação humana, uma ficção sobre a vida de todos nós, sob (a tentativa) de um olhar feminino.

Revista Conexão Literatura: A maternidade aparece como amor, obrigação e prisão. Que reflexões você buscou provocar sobre os limites éticos do cuidado e do amor incondicional?

Valter Correa: Me dei conta como as mulheres lidam sozinhas, por mais acompanhadas que estejam, com o fato da maternidade. Nós homens não temos essa dimensão, nem mesmo os médicos obstetras. É um momento exclusivo das mulheres.

Revista Conexão Literatura: Tereza é descrita como bela, talentosa e inteligente, mas ainda assim vítima de um destino cruel. O que essa contradição revela sobre a sociedade que cerca a personagem?

Valter Correa: O que emerge nesta contradição, é o modelo de sociedade que escolhemos. Quase quatrocentos anos de escravidão produziu profundas feridas que ainda não cicatrizaram. Não discriminamos somente as pretas e pobres, mas todas.

Revista Conexão Literatura: O desfecho trágico não surge como inevitável, mas como consequência de

múltiplas camadas sociais e afetivas. Para você, onde reside a maior responsabilidade por esse destino?

Valter Correa: No modelo da nossa sociedade.

Revista Conexão Literatura: Sua formação como arquiteto, urbanista e designer influencia a maneira como você constrói narrativas, personagens e estruturas literárias?

Valter Correa: Sem dúvidas. As “arquiteturas” narrativas que crio são únicas, como um prédio ou a vida de cada um(a) de nós. Isto é, vejo os livros como elementos únicos, cada qual com a sua personalidade e o seu universo.

Revista Conexão Literatura: Após a experiência com O Glauco Azul e agora com Tereza Acabou no Paraíso, que caminhos você pretende explorar na literatura e o que o leitor pode esperar dos seus próximos projetos?

Valter Correa: Gosto de contar histórias ficcionais baseadas na vida corrente, mas que permitem reflexões. Tenho predileção pelo impacto, este sempre chama à atenção, a minha literatura não é complacente, como entendo que a arte deve ser.

Aguardem lançamento em breve, da obra: “Tereza Acabou no Paraíso.”



Citações de Grandes Autores

“Sim, minha força está na solidão. Não tenho medo nem de chuvas tempestivas, nem das grandes ventanias soltas, pois eu também sou o escuro da noite.”

- Clarice Lispector





“Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não
conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer
entendimento.”

- Clarice Lispector



participe das nossas

Antologias



Tire o seu conto ou poema da gaveta

Saiba mais
CLIQUE AQUI

www.revistaconexaoliteratura.com.br



PORQUE MONSTROS NÃO VIVEM FELIZES PARA SEMPRE

POR NEY ALENCAR

“Vã Felicidade,
Que se esvai no Tempo,
Frívola como a neve!”

— Capítulos de Monstrosfia

Poder-se-ia dizer que em geral os heróis dão cabo dos monstros no decorrer de suas aventuras, e este é um motivo tão bom quanto qualquer outro para explicar o porquê!

Poder-se-ia dizer que, em particular, cada monstro é a representação simbólica e emblemática dos atributos negativos e os medos intrínsecos que pejam a alma do herói e que precisam ser expurgados ou extirpados, e talvez mesmo exorcizados, antes que este atinja sua maturidade e complete sua busca pessoal!

Poder-se-ia dizer muitas coisas, e ainda assim nenhuma delas seria verdade!

Porque monstros, assim como os vilões, os antagonistas e os adversários êmulos, todos eles possuem um propósito velado, um desígnio absconso, ainda que indefinido, furtivo, escuso ou mesmo vago.

Conspicuamente poder-se-ia dizer que monstros estão fora da ordem das coisas mesmo quando as próprias coisas estão em uma desordem caótica ou em uma ordem determinada ainda que confusa!

Alegadamente monstros são criaturas fictícias, mitológicas, até mesmo lendárias ou oriundas dos meandros fanáticos da superstição religiosa, obtusa por vezes, geralmente posta à prova de forma inconfundível por heróis que não ligam à mínima para o que os outros pensam daquilo que eles próprios pensam!

Cumpre esclarecer que homens também são monstros!

Não existe muito debate quanto a isso, é verdade, ainda que exista um pouco de controvérsia saudável é óbvio, mas é uma assertiva necessária tendo em vista que estes personagens caricaturados são o centro filosófico de nossa discussão, ou antes, de nossa digressão!

A Monstrosfia, no entanto, nos faz pensar que hoje em dia tantos os homens, como os vampiros, os lobisomens, os criptídeos em geral e talvez até mesmo os monstros lendários e mitológicos em particular, classificados ou não dentro das categorias criptozoológicas, sejam apenas anti-heróis ou antagonistas que não tiveram a oportunidade de cumprirem as buscas néscias e os ordálios estultos que lhes foram impingidos, sem sua concordância tácita ou presumida, fosse por algum parente próximo ou distante, vingativo ou ciumento, ou mesmo por algum desafeto invejoso ou algum inimigo poderoso, ou mesmo um mestre inescrupuloso e egoísta!

Talvez tenha sido exatamente o que ocorreu com o monstro, nosso protagonista involuntário, talvez, porém não temos certeza!

Por vezes o Destino e o Acaso e até mesmo a Providência, estas figuras caprichosas e pueris de natureza indistinta, fortuita e imprevisível, são impiedosos e inclementes!

Talvez, no entanto, estas acusações sejam ridículas porque são baseadas apenas e tão somente no monstruoso ponto de vista daqueles que foram preteridos, vencidos e afinal derrotadas ou mortos pelos outros que foram chamados de heróis.

A verdade, ainda que unilateral e cinzenta, reside apenas e sem segundas opiniões na narrativa daquele que sobreviveu!

Cumpra especificar de forma categórica que o monstro em questão, aquele oriundo dos meandros do medo e da superstição humanos, diga-se de passagem, não nasceu em alguma caverna profunda e escura, nem tampouco emergira de abismos fumegantes ou fora conjurado por grimórios proibidos, escritos em línguas desconhecidas ou esquecidas, ainda que tal possa ter acontecido de forma involuntária e fora de seu controle ou vontade.

Nascera, talvez, em circunstâncias tão banais quanto as de qualquer herói ou anti-herói concebido antes ou depois dele, ou talvez mesmo como gêmeo estranhado, um augúrio preterido, um instante de dor, um grito sobrenatural, um nome que logo seria esquecido ou corrompido ou abandonado.

A diferença residia apenas no olhar que o recebeu, um olhar que não viu promessa, mas presságio; não viu infância, mas ameaça, não viu futuro glorioso, apenas morte sangrenta ou sacrificial! E necessária!

Cada passo seu foi interpretado como avanço hostil, cada silêncio como conspiração velada, cada sobrevivência como afronta à ordem natural das coisas, porque aquilo que não deveria existir era seu próprio fado escrevendo-se nas trevas da impossibilidade e do não ser que seria pavimentado pelo herói.

A aldeia, o castelo, a fortaleza, o reino, a cidade, pouco importava o nome que se dava ao ajuntamento humano, todos eles precisavam de um eixo moral em torno do qual girar, uma bússola monstrosófica conta a qual lutar, o ponto primordial da conjuntura humana e o monstro era a âncora perfeita para os medos difusos e culpas não confessadas que os atormentavam na escuridão dos segredos.

A lucidez do monstro foi perceber, cedo demais talvez, que toda palavra sua seria traduzida como rugido, urro de horror, toda tentativa de explicação soaria como ameaça, prenúncio de mal, sina, sorte ou fado, e todo gesto de hesitação seria tomado por ardil.

O mundo já havia decidido o que ele era antes mesmo de sua primeira lembrança consciente, e nenhuma retórica, por mais refinada ou estratificada, teria força suficiente para rasgar o véu espesso do mito que fora colocado sobre seus ombros largos e inumanos.

Quando o herói veio, porque estas criaturas abantesmas, protagonistas, hiperfocadas, superconfiantes, megalomaníacas e egotistas, surgem de qualquer lugar quando menos se espera, quando invocadas, convocadas ou apenas citadas, ou mesmo na maioria das vezes apenas por causa da intervenção não requerida nem pretendida do Destino, quando veio já estava armado não apenas de lâminas potentes e titânicas e juramentos aleatórios e inquebráveis, mas também de uma narrativa sólida, confortável, transmitida em canções e repetida em tavernas até adquirir a textura da verdade de forma inconsolável e imutável!

Quando finalmente se encontraram, não houve batalha épica como prometiam os bardos, a realidade era sempre cruel e desumana.

Houve apenas um instante suspenso, breve e quase imperceptível, em que o monstro pensou, não em fugir, não em lutar, mas em conversar.

Em explicar que nunca pedira aquele papel, que jamais escolhera ser o repositório das sombras alheias, que sua existência não era um desafio deliberado à ordem, nem era aliado do caos, mas um efeito colateral dela, dele ou de ambos.

Talvez por cansaço. Talvez por sabedoria tardia.

Talvez porque compreendeu, naquele momento exato, que sua morte seria insignificante assim como sua vida, ou qualquer pedaço de sua existência.

Os monstros, afinal, eram apenas e tão somente símbolos mansos, obedientes, submissos, flexíveis, tratáveis, receptivos, facilmente moldáveis, incapazes de contradizer os vencedores, era isso que estava escrito em sua carne e que corria desvairado em seu sangue e não havia nada que pudessem dizer ou questionar que fosse alterar estas constantes universais.

Porque perguntas eram perigosas, abriam fendas naquilo que se pretendia ser absoluto!

E absolutos são indispensáveis para que a lâmina não trema no instante decisivo!

Era assim que os heróis sempre venciam e não foi diferente com este monstro!

O herói venceu, como sempre vence!

O corpo do monstro foi exibido, estudado, dissecado — física ou metaforicamente —, e cada fragmento seu serviu para reforçar a antiga tese: a de que o mal fora erradicado, de que a ameaça fora neutralizada, de que a história seguia, enfim, seu curso correto.

Mas algo persistiu.

Uma dúvida tênue, quase imperceptível, que se infiltrou nas entrelinhas das crônicas oficiais e nos sonhos inquietos dos que testemunharam o feito.

Pois alguns juraram ter visto, nos olhos vítreos do monstro caído, não ódio nem fúria, mas uma espécie de alívio melancólico, como se, ao morrer, tivesse finalmente cumprido o único propósito que lhe fora permitido!

Por isso apesar de todas as explicações possíveis, e todas as negações aventáveis, apesar de todas as teorias consoladoras, e também das teorias desconfortáveis e perturbadoras, monstros continuam a surgir como uma constante imutável e necessária.

Não porque o mal seja eterno, ainda que o bem não seja, mas porque a necessidade humana de heróis o é!

“Eu não sou um monstro...
Isto é o que todos os monstros dizem!”

— Capítulos de Monstrosfia

Ney Alencar é natural de Recife-PE. Radicado em Osasco desde 2013. Professor, Pintor e Psicopedagogo. Membro da Academia Internacional de Literatura Brasileira nº 0596. Membro da Associação Internacional de Escritores Independentes e Membro da Academia Independente de Letras de São João – PE. Possui 500 contos publicados em 80 e-books e em 202 antologias. Possui 19 livros publicados.

Revista Conexão Literatura





POR IDICAMPOS

ATRAÇÃO DOS OPOSTOS

Bonésio e Malésio, dois grandes amigos, foram criados juntos. Jogaram futebol no campo Rala Coco; soltaram pipas feitas de papel vagabundo; arremessaram pedra um no outro; afanaram frutas no quintal do padre; colocaram formigas nos joelhos dos crentes na hora da oração; surrupiaram as oferendas na encruzilhada; debocharam da fé do povo de Engenheiro Pedreira.

As mudanças de comportamento contextualizaram o fim da infância: bofetearam-se na brincadeira do garrafão; estrebucharam para apanhar bandeirinha; soltaram a imaginação no pique-esconde; dançaram funk; aprenderam a beijar na boca com as garotas do colégio; acompanharam os pentelhos crescendo na puberdade; entraram com os dois pés na adolescência.

Cornélio Bonésio amadureceu consciente dos seus valores — caráter retilíneo — estudioso, amante da boa leitura, vidrado em poesia, hiperativo, asseado, generoso, cumpridor dos deveres, implacável na defesa inalienável dos direitos, defensor dos oprimidos, amável com as meninas, gentil com os velhos, doce com as crianças: um elo perdido no embolo da atualidade.

Marivaldo Malésio, já adulto, personificou o monstro urbano: exemplo de mau-caráter, preguiçoso e árduo defensor de menos letras nos livros. Raramente tomava banho, vivia dando voltas nos colegas, cabulava as aulas do pré-vestibular, detestava o conhecimento científico. Terrivelmente machista, etarista, uma companhia desagradável: configurava a perversidade solta na cidade.

A filosofia puxa a linha, confabula o nó, atrai os opostos: o positivo passeia com o negativo; a felicidade precisa da tristeza para existir; os pares convivem perto dos ímpares; a luz clareia a escuridão. A natureza estabelece a atração dos opostos, pois o início circula em harmonia com o fim, e a vida termina, quando começa a morte...

Bonésio apaixonou-se por Espertina, uma garota cheia de contradições, a espertinha do pedaço. O cara trabalhava em dois empregos, ralava pra juntar uma grana, queria logo casar. Esquecia de si, deixava de se divertir, mas poupava para investir no futuro da relação. Amava as diferenças existentes no caso afetivo, admirava a personalidade atrevida da mulher.

Coralina Espertina trapaceava no jogo do amor: colocava chifres na cabeça do bonzinho, chantageava os amigos mediante informação privilegiada, enganava a própria mãe, colava nas provas da Faculdade de Economia; gostava mesmo de ser do contra. Diluía, ardilosamente, um jeito maledicente. No entanto, ao ser questionada sobre os deslizes de sua postura, enchia a boca para falar: “Amo Bonésio!”

O tipo malandro de Malésio encantou Afetuosa. A moça de trinta anos alojava um coração de manteiga no peito, que derretia com as declarações de amor eterno do falastrão. Amava-o, cegamente; no fundo, sabia das sacanagens do calhorda, porém cedia ao papo furado, estava tomada pela cegueira da paixão.

Bonésio fez carreira na música; ingressou numa orquestra, tocava bem o violino e rápido consolidou a trajetória de músico como maestro. Já Malésio foi reprovado no

vestibular, abandonou os estudos, investiu no jogo de azar, enriqueceu aproveitando-se das fraquezas dos perdedores.

Espertina concluiu a curso de Economia, conseguiu uma vaga como assessora no Congresso. Ensinava os políticos a lavar dinheiro, esconder ativos e evadir o capital da propina para o exterior. Maquiava a contabilidade dos partidos de aluguel — sempre maquiavélica — com sagacidade recrutava laranjas para agilizar a laranjada da política nacional.

Mariângela Afetuosa terminou Medicina, desenvolveu o gosto pela pediatria. Sonhava em contribuir com a saúde física e mental dos pequenos. Ficava exausta de tanto resolver as algúrias dos fedelhos. A doutora, mesmo inteligente, refutava o pensamento crítico — naufragava na ilusão do romantismo — alienava-se até da contravenção econômica do parceiro.

Bonésio casou com Espertina; entretanto, Malésio enrolou Afetuosa. Fugia do compromisso, buscava apenas sexo, nutria aversão à ideia de constituir família. Visitava-a somente nos finais de semana. Enganava a romântica criatura com falsos elogios e flores desbotadas.

O Maestro Cornélio rebentou a banca, enfrentou os desafios, vestiu a camisa dos descamisados. Arrumou alguns patrocinadores, subiu o morro e montou uma orquestra de jovens. A empreitada logrou êxito: tocaram no Teatro Municipal, viajaram bastante, alcançaram reconhecimento internacional.

Marivaldo saiu por aí procurando uma forma fácil de ganhar dinheiro. Iniciou roubando no carteadado, depois inventou sorteios milionários sem os prêmios para arcar com as apostas. Enganou o povo direitinho, com o lucro da jogatina, alugou o sobrado da esquina na Rua Vitória. Comprou a polícia, enganou a milícia e instalou um cassino ilegal.

A amizade resistia às descontinuidades emocionais do convívio tóxico. Malésio, mesmo com dinheiro no bolso, pedia empréstimos ao camarada, todavia esquecia de pagar. Saíam pra almoçar, Bonésio precisava reclamar, porque o colega fugia das despesas. O amigo da onça ainda mantinha caso extraconjugal com Espertina. A desfrutável flertava com a traição, delirava com o prazer proibido.

Afetuosos, ao contrário, nunca havia traído Malésio. Estudava com afinco, frequentava as especializações em pediatria. Trabalhava tanto na rede privada quanto no Sistema Único de Saúde. Ia do lar ao trabalho, do expediente para casa. Na madrugada, perambulava pelos bares à procura do pilantra.

Os amigos — contaminados pela barroquice — mantinham o hábito de jogar damas no Barbaridade. O bar do camarada Carino, organizador do campeonato mais famoso de jogo de damas da Baixada Fluminense, realizado em janeiro nas dependências do botequim.

O vencedor, neste início de ano, ganharia três caixas de cerveja, dois litros de cachaça, uma garrafa de conhaque, mas também petiscos de boteco. Os jogadores

preparavam suas estratégias: faziam amistosos e passavam meses concentrados no maior campeonato de damas da Baixada Fluminense!

Analita, companheira de Carino, dirigia a cozinha do Barbaridade com eficiência. O cardápio constava de ovo colorido, jiló cozido, torresmo, chouriço, moela ensopada, batata calabresa, sardinha, linguiça frita, costelinha de porco e muita azia na hora da ressaca.

O campeonato de damas juntava a rapaziada do babado: Bonésio, Malésio, Bambu Vestido, Tampinha, Afetuosa, Rolha de Poço, Cuspe Grosso, Espertina, Calça Frouxa, Piolho, Ratão, Maria Bico Largo, Diabo Vermelho, Fala Fino, Joana da Caridade, Leninha, além de um amontoado de anônimos. Mobilizava a turma inteira, resumia todas as gerações do Município de Engenheiro Pedreira.

Começou o Campeonato de Damas Barbaridade 2026, com Malésio à frente, vencendo os jogos graças à esperteza de esconder as pedras do tabuleiro embaixo da toalha. Bonésio acompanha a disputa de perto, atento às armações desleais do mutreteiro.

Afetuosa, ao flagrar as maracutaias do namorado, decide dispensar o sete um, abandona a torcida por Malésio. Levanta a bandeira de Bonésio, torce com entusiasmo... Espertina rasga o verbo intransitivo, transita pro lado de Malésio. As máscaras caem, a peleja promete. A cerveja rebola na mesa, a plateia vibra, a partida vai para a final. Brevemente, será conhecido o campeão.

O juiz apita, os concorrentes escolhem as pedras: só haverá um ganhador. A final eletrizante une a comunidade. No páreo: Bonésio X Malésio. Bonésio escolhe as pedras pretas e Malésio as brancas.

Bonésio, inesperadamente, reage, vira a mesa, arranca a toalha: revela a trapaça das pedras camufladas por debaixo do pano. O violonista mata a cobra e mostra a mentira, corta o mal pela raiz, desmascara as artimanhas de Malésio. Destemido, o indivíduo correto, encerra a partida com o bem vencendo o mal de goleada na Literatura Brasileira.

Idicampos, Idimarcos Ribeiro Campos é professor de português-literaturas, com pós-graduação em Formação de Leitores, tendo por tema: “Todo mundo gosta de ler, basta lê o quê gosta”. Publicado em periódicos, coletâneas físicas e digitais. Produzindo diferentes gêneros da arte da palavra.

PACOTE

DIVULGAÇÃO PARA **ESCRITORES**

DIVULGUE O SEU **LIVRO** CONOSCO

*Especialista em divulgação
de livros e autores*

**DIVULGUE PARA
MILHARES DE
LEITORES**

APENAS

R\$ 180,00

Entre em contato:

e-mail: ademir@divulgalivros.org

revistaconexaoliteratura.com.br



RUIDOS DA MADRUGADA

POR CAROL BOTICA



São duas horas da madrugada. Chove. Estou acordada como sempre estou a esta hora. Abro a porta. Vou lá fora jogar o lixo. Há muito meus horários estão trocados e os afazeres tornaram-se involuntariamente tarefas noturnas, enquanto as brilhantes horas do dia são agora para o descanso que, às vezes, parece até eterno. Deus que me proteja! Bato três vezes na madeira.

Minhas gatas, minhas filhas, minhas companheiras me acompanham. Gostam de esticar as patinhas, de cheirar os cantinhos, de subir e descer as escadas do pequeno corredor do andar do edifício. Religiosamente, todas as madrugadas, a cena se repete.

Mas hoje foi diferente. Já mencionei que chove. Ouço um barulho ritmado de chuva que vem de lá de fora. Um barulho suave, musical até entra pela janela da escadaria. Porém com um estranho ritmo que não dá para se explicar em palavras. Um batuque quase vítreo, quase... sobrenatural.

Involuntariamente me arrepio. Os pelos dos meus braços se eriçam. Não sei explicar.

Minha Clarice sobe as escadas em direção ao segundo andar, justamente onde o barulho se intensifica ainda mais. Não é desagradável, ao contrário. Só é... estranho. Como se uma única gota estivesse caindo em algo feito de cristal. Mas não é só isso. O enigmático fenômeno consegue transformar o simplório ato numa quase música. Poderia ser poético, poderia ser uma impressão tola de uma insone que escuta demais... então por que o frio na espinha?

O misterioso fragor contrastando com o silêncio sepulcral me impele a tocar minhas filhas para dentro e fechar bem fechada a minha porta. Nenhuma sensação de estar sendo observada me invadiu. Mas algo naquela cadência, naquele compasso não me fez pensar em ladrão ou em vizinho insone como eu, e eu até sei que o meu é. Na dúvida, no entanto, lanço um breve olhar para a porta dele que, em resposta, jaz muda, tumular à minha frente. E saio correndo, o coração saltando, o frio na barriga, a adrenalina preparando o corpo contra o ruidoso perigo invisível.

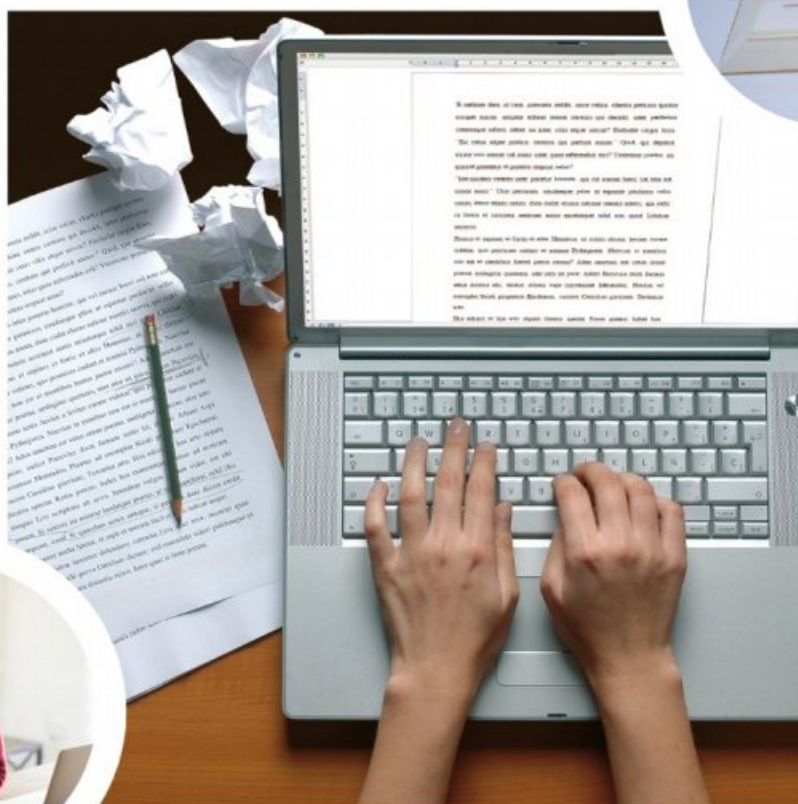
Entro em casa e fecho a porta. Inspeciono minhas gatas. Estão todas aqui. Corro para o quarto e sento na cama, aterrada. O que foi aquilo? Nada? Uma impressão apenas, um susto, diz a voz da razão que começa a reagir. Porém, curiosa, pé ante pé, quero voltar à cena e atravesso o corredor e chego na sala. Olho para a porta. Silêncio. Daqui de dentro não se ouve o barulho. Ele vem de algum lugar do pátio interno. Ou talvez não venha de lugar algum que pertença a este mundo. Olho pelo olho mágico, tremendo. Mas, afinal, o que foi aquilo? A luz branca do corredor, a imobilidade do ar, o silêncio. O mais absoluto nada reina lá fora. Com exceção do vulto que — eu vi! — veio vindo do segundo andar e desceu correndo as escadas, tão rápido, tão escuro que seus pés nem tocavam o chão.

Carol Botica nasceu no Rio de Janeiro em 17/2/1977. É farmacêutica de formação e servidora pública estadual aposentada e escreve desde a juventude. Seu conto Ruídos da madrugada é o seu primeiro a ser publicado.

Divulgue o seu livro nas edições da Revista Conexão Literatura



- » Autor(a), atinja o seu público alvo
- » Divulgamos para milhares de leitores



entre em contato:
ademir@divulgalivros.org

www.revistaconexaoliteratura.com.br



A MORTE DA BAILARINA

POR LINDAURA LIMA

São 7h47. O sinal toca, liberando a entrada no vagão da linha verde, sentido Vila Madalena. Começa a disputa feroz pelos bancos azul-escuro — aqueles que ninguém pede para você levantar.

Não consigo. Dois homens, parecidos com Aldair e Márcio Santos, zagueiros da Copa de 94, bloqueiam meu caminho. Viajo em pé, resignada com a primeira derrota do dia, quando meus olhos a encontram.

Uma jovem negra sentada com postura impecável. O coque, preso com muito gel e brilho, não deixa um fio escapar. A maquiagem é primorosa: delineado puxado, sombra preta com rosa cintilante. O traje escuro lembra a túnica que artistas usam entre trocas de figurino.

Só pode ser uma bailarina, concluo.

Talvez esteja a caminho de um teste para alguma companhia famosa. Será que leva na mochila as sapatilhas de ponta? Lembro que nesse meio a rivalidade é cruel — já ouvi falar de bailarinas que colocam cacos de vidro nas sapatilhas das rivais. Mas essa moça tem jeito de quem se garante. Se veio da comunidade, como imagino, sabe sobreviver no mundo cão. Reconheço algo de mim nela.

Às 8h10, na estação Brigadeiro, desembarca. Tomada pela curiosidade, sigo atrás. Se for uma apresentação, deve ser em espaço público; se em estúdio, alego que procuro escola de balé para minha sobrinha.

Depois de subidas e descidas, chegamos à Paulista. A jovem entra numa cafeteria chamada Officer Coffee.

Faz sentido: arrumar cabelo e maquiagem deve ter consumido o tempo do café da manhã. Espero quinze minutos na porta, até perder a paciência e entrar.

E então, o choque.

A bailarina está atrás do balcão, de uniforme. Seu olhar, que antes dançara no palco da minha imaginação, pousou em mim.

— Você quer uma água? — pergunta.

Na verdade não queria, mas aceito. Sem gás, gelada. Precisava me recompor do baque.

Saio apressada. Escadas infinitas me aguardam no metrô — e a constatação amarga de que, pra gente como nós, São Paulo nunca perde a chance de trocar sapatilhas por sapatos com biqueira de aço.

Lindaura Lima: Natural de Santos/SP, escritora de poesias breves, microcontos e crônicas de cunho social. Em poucas palavras busca tocar os leitores e provocar reflexões necessárias.

@lindaurailima_escritora

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**“Um livro é um sonho que você
segura com as mãos.”**

- Neil Gaiman





OS DOIS CAMINHOS

POR LUCIANA SIMON DE PAULA LEITE

Ângela Freitas Mariano possuía 55 anos. Era uma mulher alta, magra, que usava os cabelos negros curtos, bem repicados. O formato de seu rosto era harmônico, não angular nem arredondado, mas de proporções amenas, que lhe davam um ar saudável. Todavia, como sempre praticara esportes, a corrida de rua era sua paixão, as rugas laterais aos olhos, boca e testa eram visíveis, aparentando idade superior à cronológica.

Tinha uma filha, Júlia, de treze anos, fruto de sua união de vinte anos com Augusto, engenheiro de formação que acabou por virar empreendedor, abrindo duas pizzarias artesanais em bairros próximos, na zona sul da Capital paulista.

Ângela dividia seu tempo entre afazeres domésticos, cuidados com a filha, trabalho free lancer como tradutora e revisora de textos técnicos, corridas diárias e rápidas conversas com o marido, com o qual se dava muito bem. Sem dúvida, a ligação entre ambos era de natureza rara, bastava que se olhassem para captar o que o outro estaria pensando ou sentindo o que facilitava em muito o convívio.

Não se lembrava se foi numa segunda-feira ou próximo ao fim de semana, Ângela havia saído de uma reunião de pais e mestres na escola da filha, no fim da tarde, quando, ao se encaminhar rumo a seu veículo guardado em estacionamento pago, ouviu um “psiu”, seguindo de seu nome, mencionado por uma voz feminina.

— Ângela, é você?!

Instintivamente, virou-se em direção ao som, conforme o percebeu e viu uma mulher mais baixa do que ela, curvilínea sem excesso, com cabelos volumosos e escovados para baixo, na altura dos ombros. O rosto era uma absoluta incógnita. Quem seria aquela mulher com a cara toda esticada, de forma intensa, o nariz afilado artificialmente e os lábios grandes e inchados, ou melhor, “repolhudos”?

A outra pareceu não perceber seu estranhamento.

— Oi, querida, há quanto tempo! Não lhe vejo desde os tempos da faculdade! Como você está? Ainda participa de maratonas?

Bom, ao menos houve um posicionamento temporal para que Ângela forçasse, em sua memória, o resgate de alguma reminiscência. Na época da faculdade de letras realmente dedicava-se muito mais ao esporte e participou de várias maratonas, com excelente classificação.

— Ai, desculpe....me perdoe mesmo, porém não consigo lembrar de você...

Sorriu meio sem graça pois escolheu a verdade a dar um colossal fora chamando a tal mulher por algum nome que não lhe pertencia.

A outra sorriu, mostrando dentes muito brancos, peculiares a inserção de lentes estéticas sobre os dentes naturais.

Imagina, sou eu, Solange Coutinho, a Sol, nós sempre fazíamos trabalhos em grupo nas aulas de Literatura Brasileira!

Sim! Sol! Agora, se recordava de uma mulher um pouco obesa, com cabelos enormes encaracolados e em desalinho, que usava óculos, comumente batas e brincos artesanais no estilo hippie atemporal. Não utilizava maquiagem na faculdade, jamais se apartava de uma bolsa de couro natural com fivela rústica e possuía resquícios de espinhas nas faces rechonchudas.

— Claro, sim, Sol! Me desculpe mesmo, estou com mil coisas na cabeça hoje e assim de plano não te reconheci! Como você está?

Solange, com um sorriso congelado, como esses que comercialmente os artistas usam em propagandas, matutava na aparência da ex-colega que, nos tempos da faculdade, despertava olhares e paixões dos rapazes dos outros cursos. Achou que Ângela estava velha, descuidada, malvestida com a calça legging e a camiseta de dri fit,, usando um brilho labial rosado, calçando tênis de corrida na cor neon e ostentando, como adereços, tão somente um pequeno par de brincos de brilhante introduzidos nos furos das orelhas além de aliança de casamento e relógio esportivo preto na mão e pulso esquerdos.

Colocou-se à falar rapidamente, sem a menor autocrítica ou espaço para o mais comezinho diálogo.

— Estou ótima, melhor estraga! Casei-me com um empresário, não tivemos filhos por opção e hoje eu tenho uma loja de três andares em Moema, onde você pode encontrar desde toalhas e guardanapos estilosos para recepções requintadas até peças incríveis decorativas como luminárias, cristais, porta-retratos e uma infinidade de itens maravilhosos! Ainda temos um restaurante de comida vegana, onde também fazemos happy hour com sugestões de drinks para lá de especiais! Vou te dar o cartão, espero sua visita! Ah....e não me leve a mal, mas tenho uma amiga que é dona de um salão spa, situado na rua de trás, consigo um desconto para você fazer tintura, hidratação no cabelo, unhas, é importante a gente se cuidar! Lembro que você era tão vaidosa na faculdade....

Ângela sentiu um frio na barriga. Engasgou-se levemente. Aquela mulher totalmente modificada facialmente, ao ponto de ser irreconhecível, com uma postura arrogante e egóica, por acaso estava sugerindo que ela estava malcuidada?

Tossiu um pouco. Respirou fundo duas vezes. E como não pretendia perder tempo em sua vida com gente sem qualquer empatia, resolveu verbalizar uma resposta definitiva às objeções.

— Olha, Sol...né? Esse é o seu nome? Porque me desculpe novamente, seu rosto é padronizado, difícil reconhecer quem um dia você foi. Agradeço seu gentil convite, mas como tenho muitos compromissos e uma filha adolescente, passo o tempo livre com minha família e amigas próximas, você até conheceu algumas como a Mariela Gonzaga. Quanto à minha aparência, estou bastante saudável, realizada e gosto de me reconhecer no espelho. Tchauzinho, viu!

Ângela saiu a passos largos e rápidos, como só as pessoas corredoras de pernas longas são capazes de fazer e, com a postura ereta, entrou no estacionamento, ignorando por completo os gritos histéricos de Solange, que a chamou de mal-educada, dentre outros impropérios...

Ao entrar no carro, olhou-se no espelho retrovisor, sem ligar o motor. Sorriu para si mesma e falou:

— Que bom que em meu caminho, continuo sendo eu mesma e me orgulho disso.

Luciana Simon de Paula Leite: exerce acerca de trinta anos cargo público como juíza de direito em São Paulo, laborando na área do direito de família e sucessões. Lançou em 2021 romance intitulado “Para nossas meninas”, obra contendo informações sobre violência doméstica e familiar. Escreve como colunista sobre direito das mulheres no jornal digital Magis.



GUARDIÃS DO MAR

POR ROBERTO SCHIMA

Meu nome é Walter de Assis Negrão.

Sou um empresário mais ou menos bem sucedido cuja maior parte da vida foi passada dentro de um escritório na capital paulista. Ouvi o presente relato de um pescador aposentado quando, numa rara ocasião, tirei férias e fui viajar com a família para o litoral nordestino. Foi uma ocasião extraordinária para questionar meus valores de então, pesar certas coisas na balança e, diante da grandiosidade do céu e do mar, bancar o filósofo e refletir sobre a vida, a felicidade, os enigmas do mundo e o destino. Trinta anos passados entre quatro paredes, telefones, computadores, documentos e clientes carrancudos faz isso conosco, ainda mais podendo dar espaço aos olhos naquele cenário de arrancar o fôlego e apaziguar a alma, entre coqueiros, areias brancas e a brisa marítima.

Voltando ao pescador, de idade avançada, sua pele era tão curtida e bronzeada quanto um couro secado durante meses ao sol; os braços, tão rijos quanto os pilares de madeira banhados pelo mar do pier próximo. Usava uma camisa branca e uma bermuda improvisada de um *jeans* cujas pernas foram cortadas, ambos bastante judiados. Os cabelos grisalhos eram fartos e descuidados, pedindo corte fazia tempo. Senti uma pontada de inveja, afinal, a calvície me atingira antes dos trinta anos. No peito descoberto, vi pendurado numa corrente uma medalha de prata. Nos pés, trazia um par de chinelos gasto; numa das mãos, um cachimbo artesanal do qual extraía espessas baforadas. Não gostei da fumaça. Contrastava com o ar puro, além de recordar a poluição de São Paulo.

Ah, sim, bem sabia que devia tomar cuidado com papos de pescador. Tendiam a exagerar e a mentir descaradamente apenas com o intuito de impressionar. Mentiam tanto quanto políticos ou advogados, embora - é justo mencionar - sem a maledicência desses. Contudo, naquele momento, eu não procurava por verdades absolutas, mas só ouvir uma boa prosa a fim do tempo passar mais depressa.

No píer, eu e minha família chegáramos cedo e aguardávamos o barco *Sirena* ser preparado. Iria levar a nós e outros turistas a um passeio em alto-mar.

O pescador já estava sentado em um dos bancos rústicos de madeira quando aparecemos. Bem podia ter sido plantado ali. Pedi licença e sentei-me ao seu lado. Minha esposa e as duas filhas se acomodaram no banco ao lado, à distância de mais ou menos um metro.

As copas dos chapéus-de-sol faziam sombras generosas.

Gaivotas sobrevoavam as popas das embarcações.

O céu e o oceano eram de um azul fabuloso.

Sentia-me bem como não me lembrava.

Amanhecera ensolarado e quente, mas, no horizonte, havia uma tênue faixa de nuvens cinzentas. Resmunguei qualquer coisa sobre isso. Foi mais para mim mesmo, porém, o pescador tomou a deixa e, de forma casual, comentou:

— Choverá lá pelas três horas da tarde.

Seu olhar se manteve fixo ao mar.

— "Três horas"? — repeti num eco, virando o rosto para ele, surpreso por tamanha precisão. — Será possível? O dia está formidável!

O velhote coçou a barba por fazer e não se mostrou ofendido ante a minha dúvida. Apenas a ignorou solenemente. Encarou-me. Embora o rosto fosse trincado de rugas, os olhos eram de um castanho cristalino. A vivacidade dentro deles desmentia a idade

aparente em seu corpo. Havia algo profundo naquele olhar, uma sabedoria cinzelada através de décadas no oceano. Apontou a boquilha do cachimbo para o barco de turismo.

— Aquele barco é novo. Aonde ele irá?

— Até a Ilha dos Golfinhos. Irá contornar e ancorar em uma baía, onde mergulharemos.

Enquanto eu falava, percebi um certo tremor em seus braços, um deles tatuado.

O pescador franziu o cenho.

— Hum... Já usou um *snorke*?

— Não, mas darão uma aula. Queremos ver os peixes e os golfinhos no ambiente natural.

As rugas na testa ficaram ainda mais acentuadas.

— "Uma aula"... Bendita hora que liberaram esses passeios! Melhor regressar antes das três.

— Por causa da chuva?

— Não será só uma chuva. Não desejará estar no mar em meio à tempestade. Ela poderá ser tão tenebrosa quanto bela...

— "Ela"?

Não respondeu de imediato, dando uma boa tragada e, depois, soprando devagar a fumaça. Que pensamentos passaram por sua cabeça? Quais recordações ou experiências a bordo de um barco pesqueiro as minhas palavras reavivaram? Minha vida de homem da cidade não tinha lugar para grandes espaços, grandes aventuras e grandes emoções. Qual o senso de liberdade e de desafio dentro de um escritório, preenchendo planilhas ou ouvindo reclamações? Na verdade — senti na alma —, era uma vida bastante tediosa, a qual eu me sacrificara devido a necessidade de sobreviver. Sim, sobrevivia. Não vivia. Entretanto, aquele homem simples e semblante firme, aparentava ter vivido inúmeras vidas, tendo as estrelas por guia e o oceano por leito, embalado pelo balouçar das ondas. Invejei-o por isso também. Por fim, o pescador falou. Percebi, então, que o velho lobo do mar podia ser tudo, menos simples:

— Dizem que a vida surgiu no mar. Não é isso o que contam nos livros? O oceano pariu tudo o que nada, rasteja, caminha, cavouca e voa. De suas águas vem o ar que respiramos, a água que bebemos e o alimento que consumimos. O mar circula em nossas veias. O som das ondas nos chama. As águas acariciam nossos tornozelos e tal prazer é indescritível. É como voltar para casa, para o ventre e o oceano uterino. O que mais poderia ser o mar senão uma mulher? É a nossa mãe, amiga e amante. Deve ser tratada com admiração, respeito, afeição e, também, temor. Nunca levianamente! Por baixo da superfície há uma enormidade de mistérios. Por mais que os cientistas teimem em explorar o leito oceânico, jamais terão revelado por completo tudo o que se esconde no fundo, na escuridão gelada, antiga e silenciosa. O mar é o mar. Guardará para si o seu melhor e, se vier a exhibir, será para algum privilegiado que, de fato, o merecer.

Devo ter ficado boquiaberto por um tempo considerável, embasbacado pela oratória do pescador, o discernimento e a cultura demonstrados. Homem simples? Tivera eu presunção a filosofices, mas o velhote se mostrou um filósofo nato. Pôs por terra a minha arrogância e preconceito de cidadão urbano. Eu me achava bastante instruído e

esperto, mas não passava de um babaca apertador de botões e devorador de alimentos processados. Não sabia sequer dar um nó de marinheiro...

O pescador quebrou o silêncio.

— O senhor está bem?

— Hã, ah, sim! Espantou-me a maneira como descreveu. O mar. Uma mulher...

Ele anuiu, tirando outra baforada.

— Ela e suas filhas cuidam dos seus. Mas os homens distanciaram-se das águas e deixaram de reverenciar os oceanos. De estradas para as especiarias e rotas para os mundos desconhecidos, transformaram-nos em latrinas e depósitos de lixo. Atiram milhares de toneladas de plástico todos os anos. Mancham as costas de petróleo. Até explodiram bombas nucleares! Cobrimos nossa própria mãe de imundícies, envenenamos seu corpo, sujamos seu espírito. Matricidas! Mas a paciência dela tem limite...

— "Filhas"?

Dei-me conta de fazer o papel de idiota, repetindo feito papagaio o que ele dizia.

O pescador inspirou devagar, inflando os pulmões, trazendo o vento para dentro de si. E expirou com certa relutância, como se quisesse preservar o vento, o céu, as ondas e a areia. Rodopiou a medalha de prata entre os dedos. Supus ser um tipo de talismã, coisa comum entre os homens do mar. Virou-se de novo para mim. Sua fisionomia compenetrada deixou-me intrigado.

— O senhor me parece boa gente. Preciso contar uma coisa que guardei há bastante tempo.

— Não sei se...

— Escute! Pode ser útil no seu passeio, caso dê uma espiada no fundo do mar ou se as ondas tormentosas alcançarem o barco. *Sirena*, certo? Um nome apropriado, porém, pergunto-me se seria um prenúncio de boa sorte. Então, ouça...

Foi naquele instante que me atentei melhor à tatuagem no braço esquerdo do pescador. Não que fosse algo incomum, afinal, os marujos faziam tatuagens muito antes disso virar modinha entre os jovens.

Tratava-se de um golfinho e uma sereia.

A Ilha dos Golfinhos não ganhou esse nome por acaso. Lá é o refúgio dessas criaturas desde que o mundo é mundo. Desde o princípio — e numa rara demonstração de bom senso das autoridades —, foi considerado um santuário e proibida a pesca de qualquer tipo nos arredores. Como se fosse preciso, pois os pescadores autênticos já respeitavam essa regra por conta própria. É preciso deixar reproduzir e crescer para, depois, ter o que colher. Digo "autêntico" porque, nas últimas décadas surgiram pessoas sem caráter, safados cheios de ganância que só pensam em obter lucros. Não respeitam coisa alguma, não trazem no coração o amor pelo mar. Usam redes de arrasto ou de malha fina, matam milhares de peixes miúdos, crustáceos e moluscos sem valor comercial, os quais jogam fora depois. Isso quando não apanham uma tartaruga emaranhada e morta por falta de ar.

Como se não bastassem esses patifes, há os piratas de outros países, fazem pesca ilegal em nossas águas. E foi numa tarde de outono que eu os avistei. Não se tratava somente de uma embarcação, mas

quatro, todas ancoradas na Ilha dos Golfinhos. Pude ver através do binóculo as águas tingidas de vermelho. Os bárbaros cometiam um dos crimes mais atrozes dos oceanos: assassinavam golfinhos!

Haviam feito um cerco em torno da baía. Forçaram dezenas de cetáceos para águas mais rasas. Lá, em diversos botes de madeira, arpoavam, retalhavam a carne e levavam os nacos ensanguentados para os barcos. Mesmo da distância em que eu me encontrava a brisa trouxe o clamor de dor e desespero. Trouxe também o odor de morte misturado à maresia. Alguns homens içavam sem piedade corpos ainda vivos. Pode imaginar a sensação de ter seu corpo perfurado por um agulhão daqueles e depois ser fatiado ainda vivo? Dóceis, os golfinhos são famosos por salvarem as vidas de seres humanos prestes a se afogarem, mas, a exemplo dos cães, não encontram a devida reciprocidade por parte dos homens.

Eu era jovem, inexperiente e estava no meu primeiro barco, uma velharia chamada Atlântida. Liguei o motor e me dirigi o mais depressa possível para lá. Não tinha a menor ideia do que faria. Só não podia permanecer inerte, assistindo a chacina. Contactei a Marinha pelo rádio, mas o porto ficava longe dali. Até chegarem, os criminosos teriam terminado e fugido.

Eu estava a meio do caminho quando aconteceu: um enorme cardume passou por mim. Entenda: o Atlântida estava a toda potência e, mesmo assim, foi facilmente ultrapassado. A superfície do mar, antes tranquila e escura, tornou-se encrespada e tomada por cintilações prateadas à medida em que suas filhas deixavam-me para trás, rumo às embarcações.

Filhas? Sim... Filhas.

Pode chamá-las também de guardiãs.

O cardume avançou rapidamente. Cortava as águas tão ágil e facilmente quanto os albatrozes rasgavam o azul do céu. Elas ondulavam os corpos esguios em rápidas manobras: revolteavam, ziguezagueavam entre si, por vezes, saltavam sobre a superfície esticando os braços como se quisessem voar... O quê?... Braços? Sim, braços!

Companheiras de Perséfone.

As sedutoras dos mares.

As filhas do oceano.

Guardiãs do mar.

Eram sereias.

Sereias!

Centenas delas nadavam em conjunto, rente às ondas. Formavam uma esteira semelhante ao rastro da Lua sobre o mar, porém, em ebulição. Das profundezas sombrias, onde claridade alguma conseguia atingir, ouviram a aflição dos golfinhos e vieram em resposta. Surgiram de onde o frio e o tempo, de tão antigos, permaneciam quase incólumes à interferência humana, mas não à sujeira da superfície.

Do convés pude sentir em minha mente o sentimento coletivo que as impulsionava: ódio, uma cólera tão tremenda que me tomou de assalto. Quase perdi o equilíbrio.

Descrevê-las? Pois bem, algumas eram bem compridas e possuíam um corpo serpentiforme; outras, mais robustas, tinham grandes barbatanas dorsais e laterais. Corpos manchados ou listados. Caudas lisas ou serrilhadas, em forma de leque ou arredondadas. Em comum, o fato de serem mulheres da cintura para cima e peixes da cintura para baixo. A partir daí, havia todas as variações possíveis: loiras, morenas, ruivas, cabelos lisos, encaracolados, calvas até. A pele também ia do pálido ao negro, incluindo matizes de cinza e cinza-azulado. Já quanto as escamas, os tons prateados predominavam. Os sons que emitiam penetravam fundo no cérebro e, de algum modo, afetavam o sistema nervoso e a própria vontade. Nunca ouviu falar de cantores cujas vozes ao atingirem determinadas frequências faziam taças de cristal vibrarem até se romper? Suponho que as vozes das sereias atuem de modo parecido. Transmitiram-me

imagens e barulhos apavorantes, pesadelos abismais, faces monstruosas, lacerações, sensações de gelo, de dor, de pavor e de morte, um marulhar tempestuoso, fruto da raiva que sentiam. O frenesi dos tubarões ou das piranhas, por mais terrível que pudesse ser, seria pouco diante das ondas concêntricas que reverberaram em meu cérebro.

E o cardume avançou e avançou.

O intervalo até a baía se tornou cada vez menor.

Naquela velocidade inacreditável, em breve alcançaram os alvos.

Sim, sereias!

Beldades de mitos.

Uma beleza em fúria.

Por fim, elas chegaram.

De meu posto, testemunhei a raiva se transformar em ação.

Os botes foram virados ou feitos em pedaços como se não passassem de gravetos. Entre o fascínio, a incredulidade e o desespero, predadores se tornaram presas. Se rogaram auxílio aos seus deuses estrangeiros, deles não tiveram resposta. Os deuses são caprichosos.

Algumas sereias atuavam em bandos; outras, isoladas. Saltavam para fora da água e arrastavam os homens para o fundo do mar. Outras, atingiam-nos com suas caudas compridas feito chicotes. Mediante garras e dentes, todas trucidavam as carnes, ávidas por vingar seus protegidos, os golfinhos.

Nunca me esquecerei daquilo, nunca!

Os tubarões são temíveis, todavia, das sereias até eles sentiram medo e mantiveram distância. Principalmente quando elas atingiram o frenesi. Como? Não sabe o que é o frenesi? Sim, mencionei sobre isso há pouco. Jura que nunca ouviu falar? Ah, gente da cidade... É como a intimidade do senhor e sua esposa. Não! Não se faça de ofendido. Não me importa a sua vida sexual. É só um exemplo. Posso continuar? Pois bem, há as preliminares: um toque, um abraço, uma carícia mais demorada, um beijo, uma mão mais atrevida. A excitação vai crescendo. Os contatos se intensificam. Suor. Gemidos. Aflição. Músculos tensos. Chega um ponto em que a razão é posta de lado. É uma locomotiva que, após atingir certa velocidade, não pode mais ser freada exceto por uma colisão. Dessa forma, ambos movidos pelo prazer e pela ânsia de atingir o clímax, fazem coisas que, em situação normal, relutariam ou até ficariam embaraçados só de pensar. Tudo pelo prazer. Entende? Pois é, ocorre algo semelhante com os tubarões, mas não tem a ver com libido e sim com selvageria. Abocanham a vítima, chacoalham, arrancam pedaços. O sangue se espalha e seu cheiro atrai um número cada vez maior de tubarões. Eles se excitam diante do festim. Rodeiam, atacam, mordem, tiram bocados, voltam, rodeiam, atacam, mordem e assim repetidas vezes. Chega um ponto no qual perdem o controle, arremetem violenta e indiscriminadamente. A fome se torna secundária. Só desejam esfaquear e matar. No caos formado, até se devoram uns aos outros. É uma orgia sanguinolenta. É disso o que estou falando. Em relação às sereias foi espetáculo mais horripilante ainda. Arrancaram cabeças, membros e tripas com as mãos e os dentes. Suas aparências se tornaram diferentes e em nada insinuavam às sereias dos filmes. Eu vi as entranhas do inferno, caso o inferno fosse feito de água, carne, sangue e garras afiadas.

À bordo dos barcos, os tripulantes remanescentes tentaram alvejar as sereias com armas de fogo. Contudo, elas eram muitas e moviam-se rapidamente sob e sobre o mar. Ademais, algumas se reuniram e, em coro, entoaram seus legendários cânticos. Então, os homens — enfeitiçados pela hipnótica melodia, lançaram-se às águas de encontro à morte. Eu mesmo, apesar da distância, fui afetado. Atingiu os acordes mais íntimos da alma! Foi uma espécie de sussurro lascivo trazido pelo vento, regado de promessas. Luxúria. Devassidão. Libertinagem. Imagens carnavais de toda sorte povoaram a minha

imaginação. Fariam corar um estivador! Provocaram a minha libido de tal maneira a ponto d'eu sentir dor entre as pernas. Juro! Praguejei por meu barco ser, em vez de novo e veloz, uma barçaça velha. Verdade! Eu quis estar lá! Foi incontrollável. Pense, então, no que sentiram aqueles homens diante delas. A seguir, findado o feitiço, deram-se conta do horror inenarrável no qual haviam mergulhado.

Através do binóculo, vi alguns deles taparem os ouvidos e fecharem os olhos, a exemplo dos tripulantes de Odisseu, se bem que estes usaram cera nos ouvidos em vez das mãos. Nada puderam fazer além de lamentar o destino dos companheiros na água, massacrados de modo análogo ao que fizeram contra os golfinhos. Ainda a caminho da baía, avistei as barbatanas de tubarões, ansiosos por participar do banquete, porém, continuavam a manter distância das sereias. Quando muito, suponho, contentavam-se com os restos que afundavam.

Mas também para os homens nos barcos o destino se fez cumprir. As correntes das âncoras esticaram e foram puxadas para baixo. As proas afundaram e as popas se ergueram. Quem ou o que provocava aquilo? Por mais numerosas que fossem as sereias, fazer soçobrar um barco pesqueiro demandaria uma força colossal. Perguntei-me sobre que outras criaturas formidáveis habitariam as profundezas dos oceanos e das quais não fazíamos a menor ideia. Kraken? Leviatã? Ou teria o próprio Poseidon surgido para punir os malfetores? Acha que é delírio? Loucura é poluir as praias e envenenar os oceanos! Fosse como fosse, as embarcações afundaram uma a uma até desaparecerem em meio aos redemoinhos de espuma.

Àquela altura, eu ouvia tanto os estrondos do naufrágio quanto os apelos dos últimos sobreviventes. Enfim, tudo silenciou. Um silêncio fantasmagórico caiu, quebrado pelo roncar do Atlântida. Mas os restos a flutuar, a tonalidade da água e, por fim, o avanço dos tubarões indicaram não ter sido uma alucinação.

Quanto as sereias, agora vingadas, sumiram nas profundezas.

A tarde findava e a brisa quente cedera lugar ao vento frio.

O motor do barco dava sinais de fadiga. Fiz desacelerar.

Vi andorinhas-do-mar e gaivotas sobrevoarem a ilha.

Após uma eternidade, cheguei ao local da tragédia.

Pode presumir o quão atônito eu estava? Ao atingir a baía, vi-me cercado pelos destroços. Manchas vermelhas persistiam aqui e ali, mas não dava para afirmar se eram dos invasores ou dos golfinhos. Havia manchas de óleo também. Flutuavam boias, galões, papéis — documentos e fotografias de família —, pedaços de madeira e até um inusitado monstinho de brinquedo. Nada mais parecia revelar a extraordinária batalha. Contudo, cerca de meia dúzia de cetáceos sobreviventes emitiram seus guinchos, melancólicos e aliviados pelo final da chacina.

De repente, algo chamou a minha atenção num rabo de olho.

Um brilho.

Uma cintilação.

Um reflexo do sol.

Virei o barco à boreste e, estando próximo, não acreditei.

Uma sereia.

Os raios do sol poente refletiam-se na cauda. Estava inconsciente. Boiava próxima a algumas caixas e cordames, passando despercebida pelas companheiras. Outros golfinhos montavam guarda ao seu redor, protegendo-a do ataque eventual de algum tubarão oportunista. Todavia, não protestaram perante a minha chegada, pelo contrário. Deram a impressão de chamar a minha atenção a fim de ajudar a sereia.

Ancorei o barco, coloquei o bote inflável n'água, entrei nele e remei para junto da sereia.

Apesar de ter visto a transformação pelo binóculo, o choque de vê-la cara a cara foi inevitável. Ela não se parecia nem um pouco com a figura exuberante retratada nas lendas. Nenhuma beldade loura, morena ou ruiva, trajando a parte de cima de um biquíni. Os "cabelos" compunham-se de um emaranhado de finos tentáculos parecidos aos de uma anêmona-do-mar, porém mais finos e longos, cada qual dotado de um movimento próprio. Não possuía orelhas ou pálpebras e seus olhos eram como os de um peixe, mas de um azul escuro. Não possuía lábios. A boca rígida projetava-se para adiante e, em cada maxilar, trazia duas ou três fileiras de dentes aguçados. As mãos possuíam quatro dedos terminando em garras e, entre os dedos, membranas translúcidas. A pele era lisa como a de um delfim, de um tom igualmente azulado. Tinha um par de protuberâncias semelhantes a seios, mas sem os mamilos. Da cintura para baixo, a cauda era longa, terminando em leque. As escamas iridescentes eram entremeadas por finas listas claras e escuras. Uma longa barbatana dorsal percorria suas costas. Não era uma figura glamurosa, pelo contrário, o senhor diria amedrontadora. Se já viu imagens de peixes abissais, entenderá o que digo. Nunca viu? Sabe o que é abissal? Também não? Por que não estou surpreso? Embora estivesse apavorado — afinal, testemunhara do que as sereias eram capazes — estendi meus braços e coloquei-a dentro do bote, tomando cuidado para suas barbatanas aguçadas não o perfurarem. Ela fora ferida na cabeça.

Eu não sabia o que estava fazendo e, tampouco, o que iria fazer. Como se tratava uma sereia? Não existia um manual de primeiros-socorros sobre isso. Mantive-a envolta em panos molhados e cobri a contusão com uma toalha a título de compressa. A pele era fria como a de um peixe. Por algum motivo que ignoro, troquei a toalha por um punhado de algas.

Segurava sua mão direita quando um zumbido atravessou meu cérebro. Dobrei-me de dor. De súbito, tão depressa quanto surgiu, a coisa se foi. E lá estava a criatura desperta, fitando-me. Esfreguei os olhos, confuso, pois, diante de mim, ela havia mudado. Tornara-se formosa. Não era uma fantasia masculina de marujos solitários. A metade superior, agora, era humana. E quanta humanidade! Minha libido reacendeu por suas curvas generosas, a beleza de seu rosto, os cabelos longos e sedosos, lábios carnudos e um olhar meigo que fazia um contraste exasperador em relação aos seios tenros, agora dotados de aréolas e mamilos. Como... como... Marilyn Monroe! Entende? — E não me diga que não conhece! — Doçura lado a lado à sedução. Como ela podia saber... Como? Então, compreendi: tudo não passava de ilusão. Aquela era a imagem que a coisa projetava em minha mente. Mas tal reflexão se tratava de uma lucidez aparente, pois eu me encontrava hipnotizado, inflamado pela volúpia. A sereia afastou os cabelos, inflou o peito e permitiu-me admirar o busto em toda a sua glória. Era essa a sua força! Era esse o seu poder — Oh, súcubo dos mares! —, o controle da vontade, a loucura da paixão. Desejei que, em vez de uma cauda de peixe, ela tivesse um par de pernas que pudessem ser acariciadas e afastadas. E isso aconteceu! Coxas lisas e rosadas. Sua intimidade escancarou-se para mim. Para lá ela guiou a minha mão, ainda presa a sua. Desesperado, puxei-a com brusquidão. Cobri a vista e implorei: "PARE!" Nem queira saber o esforço que me foi exigido. Minha visão turvou-se. Senti vertigem. Quando passou, tornei a vê-la na forma original. O encanto terminara e, em seu rastro, deixou a frustração da excitação inacabada a medida em que o amiguinho lá embaixo murchava. Em seguida, um novo formigamento percorreu o meu cérebro, agora sem doer. Voltou a vasculhar minha mente. Deve ter lido a minha indignação em relação aos barcos, o espanto e seu salvamento. Retirou o chumaço de algas da testa. Guinchou algo para mim. De alguma maneira, eu soube: agradecia-me.

Coloquei-a de volta ao mar. Vi sua forma se alterar outra vez para uma bela mulher. Encarou-me brevemente. Por fim, mergulhou. A cauda em leque bateu de encontro à superfície e respingos

atingiram meu rosto. O mar ao redor se acalmou. Um vento frio fustigou o Atlântida. Era o momento de partir.

A visão da sereia jamais abandonou meus pensamentos, minhas fantasias, meus sonhos e pesadelos. Fui para sempre enfeitiçado por ela, pela guardiã do mar.

E assim, a tarde daquele outono perdido no tempo chegou ao fim.

O velho pescador suspirou.

— Conforme imaginei, a guarda costeira apareceu tarde demais, como a cavalaria dos filmes antigos. As correntes marítimas cuidaram de dispersar as provas de ambos os massacres. Não mencionei as sereias para as autoridades. De que adiantaria? Só ganharia uma camisa de força. Desde aquela época, venho aqui quase todos os dias pouco antes do alvorecer. Embora aposentado e carcomido, uma parte de mim ainda é jovem e sonha em ouvir o canto da sereia uma última vez. — Apontou para o próprio braço. — Fiz esta tatuagem alguns dias depois de aportar, para não esquecer. Como se isso fosse possível.

Eu não devo ter disfarçado o suficiente, pois o velhote me encarou e resmungou:

— Não acreditou numa só palavra, não é?

— Eu...

— Acha-me caduco ou sob efeito da cachaça?

— De modo algum! Eu...

— Não importa, Sr. Turista. Desabafei. Estava entalado na garganta feito bolo que se recusa a descer. Agora, estou aliviado livre desse peso. Sabe, eu não acreditava em sereias. Depois do ocorrido, li o que pude sobre elas. Além das sereias do Mediterrâneo, outros povos as registraram. No rio Amazonas tem a Uiara. Ao sul, no rio Itanhaém, há boatos sobre uma sereia de água doce. Há a lenda da sereia de Varsóvia, sereias dos litorais africanos, as *ningyo* japonesas e outras mais. Pesquisadores supõem que a origem do mito deriva de medo de naufrágio, solidão por falta de mulher, a visão de belugas ou dugongos e abundantes doses de rum. Pergunto-me se esses caras já navegaram pelos sete mares alguma vez.

Não pude evitar de mencionar a fluência do velhote:

— O senhor é bastante instruído...

— ... Para um pescador?

— Bom, não foi isso que...

— Ora, não se apoquente. Estereótipos existem em toda parte. A despeito de meus pais terem sido pessoas simples, sempre me incentivaram a ler. Não cheguei a me formar, mas os livros fizeram parte de minha vida tanto quanto o mar. Vez ou outra, enquanto pescava, sobrava um tempo e eu apanhava algum volume da estante no fundo do barco. Daí o senhor vai perguntar: por que eu não larguei a pesca e fui estudar na cidade grande? Ora, a sua presença aqui já diz tudo. Pegue dois sujeitos, um da sua cidade e um da minha e faça cada um deles dizer para o outro de onde vem. Os olhos de quem irão brilhar?

Não pude deixar de sorrir.

— O senhor é um filósofo.

— Robério, meu nome é Robério.

— O meu é Walter. É um sábio, Sr. Robério.

— Só Robério. Sou não, apenas um privilegiado por ter visto o que vi.

De repente, no outro banco, minha esposa me alertou: o capitão do *Sirena* chamava todos aqueles que fariam o passeio até a Ilha dos Golfinhos. Minhas filhas pulavam e agitavam os braços, cheias de ansiedade e alegria.

"Os olhos de quem irão brilhar?"

Despedi-me do contador de histórias.

— Chuva às três horas — voltou a avisar o pescador, vista presa no horizonte e nariz a farejar o vento. — Fique atento à tempestade e alguma esteira prateada entre as ondas!

— Pode deixar. Obrigado pelo relato.

— Não por isso. Não atire nenhuma lata de cerveja ou garrafa pet no mar!

— Não atirarei.

— Respeite nossa mãe, porque aquilo que o senhor der a ela, ela retribuirá em dobro ou em triplo. Se for mergulhar com *snorkel*, cuidado com o que encontrar no fundo.

— Tomarei cuidado... e respeitarei — respondi, mas a menção aos tubarões dissuadira-me da ideia.

Eu e minha família já estávamos próximos ao barco de passeio quando o velhote gritou:

— ESPERE!

Veio ágil para o nosso lado. Tirou a corrente com a medalha do pescoço.

— Tome.

— Eu não posso aceit...

Piscou os olhos castanhos, sábios, vivos e profundos.

— Leve! É para dar sorte, Sr. Walter.

— Só Walter — brinquei.

O velho sorriu.

Aceitei, mas em vez de usá-lo, guardei no bolso.

O barco abarrotado de turistas barulhentos saiu do pier e se dirigiu ao alto-mar.

Fiquei com as mãos na amurada, mas, em vez de me atentar ao horizonte, onde devia estar a Ilha dos Golfinhos, observei o Seu Robério ir de volta ao banco. Soltava uma baforada atrás da outra do cachimbo, sonhando com sereias e mistérios do oceano. Ficou menor e menor a medida em que o *Sirena* se afastava da costa. Enfim, desapareceu.

Na metade do caminho, meditando sobre a última meia hora e toda uma vida pregressa, um novo ânimo apossou-se de mim. Decidi: venderia a empresa, montaria um pequeno comércio perto do mar — talvez um quiosque — e, em vez de sobreviver, passaria a viver. Senti-me leve por isso. Meus olhos brilharam.

Os contornos da ilha se mostravam visíveis quando me perguntei se estaríamos na altura que Seu Robério se encontrava quando avistou os quatro navios estrangeiros. Busquei pela memória a história incrível que ele me narrara. Então, tive um estalo e me lembrei. Apalpei o bolso da bermuda e retirei o amuleto que me dera. Examinei o medalhão mais atentamente. E engoli em seco.

O vento fustigou minha calvície.

A água bateu mais forte no costado.

O grasnado das gaivotas se fez ouvir.

O mar de um azul profundo, tornou-se mais profundo ainda. De algum jeito, um de seus mistérios mais antigos fez por emergir, pois, em minhas mãos, não estava um medalhão de prata. Pendurado na corrente, havia um outro objeto...

... Uma escama!

NOTA DO AUTOR:

"Guardiãs do Mar" foi originalmente publicado na antologia "O Canto da Morte" (Editora Carnage, 2023), organizada por James Gallagher Júnior.

<https://loja.uiclap.com/titulo/ua31487/>

BIOGRAFIA:

Paulistano e neto de japoneses nascido em 01/02/1961. Passei a infância imerso nos anos 60. Senti o clima de entusiasmo em relação à "Conquista do Espaço" que hoje não existe mais. Colecionei gibis de terror. Desenhei inúmeros monstros. Assisti aos filmes da Hammer, desenhos da Hanna-Barbera, seriados de Irwin Allen, Jornada nas Estrelas, Ultraman etc. Li os pockets da série *Trevo Negro* de R. F. Lucchetti e os gibis da Disney, Marvel e DC Comics. Apavorei-me com o episódio *O Monstro Invisível*, de Jonny Quest. Fascinei-me pelo lirismo de Ray Bradbury ao ler uma adaptação em quadrinhos de seu conto "O Lago". Fui um garoto que amava os monstros: sobrenaturais, mitológicos, pré-históricos, abissais, dos quadrinhos ou do espaço, incluindo as criaturas de Ray Harryhausen. Apavoravam-me, mas eram meus amigos. Agraciado com o *Prêmio Jerônimo Monteiro*, promovido pela *Isaac Asimov Magazine* (Ed. Record), pela história *Como a Neve de Maio*. As histórias *Abismo do Tempo* e *O Quinto Cavaleiro* foram contempladas pela revista digital *Conexão Literatura*, de Ademir Pascale, da qual tornei-me colaborador a partir do nº 37. Colaboro também com a revista digital *LiteraLivre*, de Ana Rosenrot. O conto *Ao Teu Dispor* foi premiado na antologia *Crocitar de Lenore* (Ed. Morse). O conto *Na Ponta do Lápis* foi o 1º colocado no *Concurso Dia do Escritor* (Ed. Arame Farpado). O microconto *Planos de Substituição* foi o grande campeão do 5º *Torneio Mágico da Mhajulla* (Ed. Mhajulla), tema *Log de Mensagem*. Escrevi: *Pequenas Portas do Eu*, *Limbographia*, *O Olhar de Hirosaki*, *Os Fantasmagmas de Vênus*, *Sob as Folhas do Ocaso*, *Tio Vampiro*, *Cinza no Céu*, *Era uma Vez um Outono*, *Vozes e Ecos*, *Caçada no Planeta Duplo*, *Através do Abismo*, *Imerso nas Sombras*, *A Voz do Oceano* etc. Participei de quatrocentas e dezesseis antologias. Contato: schimaroberto@gmail.com. Mais informações: *Google* ou nos links abaixo.

<https://revistaconexaoliteratura.com.br/?s=schima>

<https://www.calameo.com/subscriptions/5443422>

<https://www.amazon.com.br/s?k=%22roberto+schima%22>

<https://clubedeautores.com.br/livros/autores/roberto-schima>

https://loja.uiclap.com/?s=roberto+schima&post_type=product

<https://www.wattpad.com/user/RobertoSchima>

Revista
Conexão Literatura

BAIXE AS EDIÇÕES ANTERIORES



DOWNLOAD

www.revistaconexaoliteratura.com.br

REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLEÇÃO

SUN TZU

544 A.C-496 A.C

Sun Tzu foi um estrategista militar, filósofo e general chinês cujas ideias sobre guerra e liderança influenciaram não apenas o pensamento militar, mas também a política moderna, os negócios e os esportes.

Pouco se sabe sobre sua vida pessoal, mas seu tratado A Arte da Guerra continua sendo uma das obras sobre estratégia mais estudadas em todo o mundo.

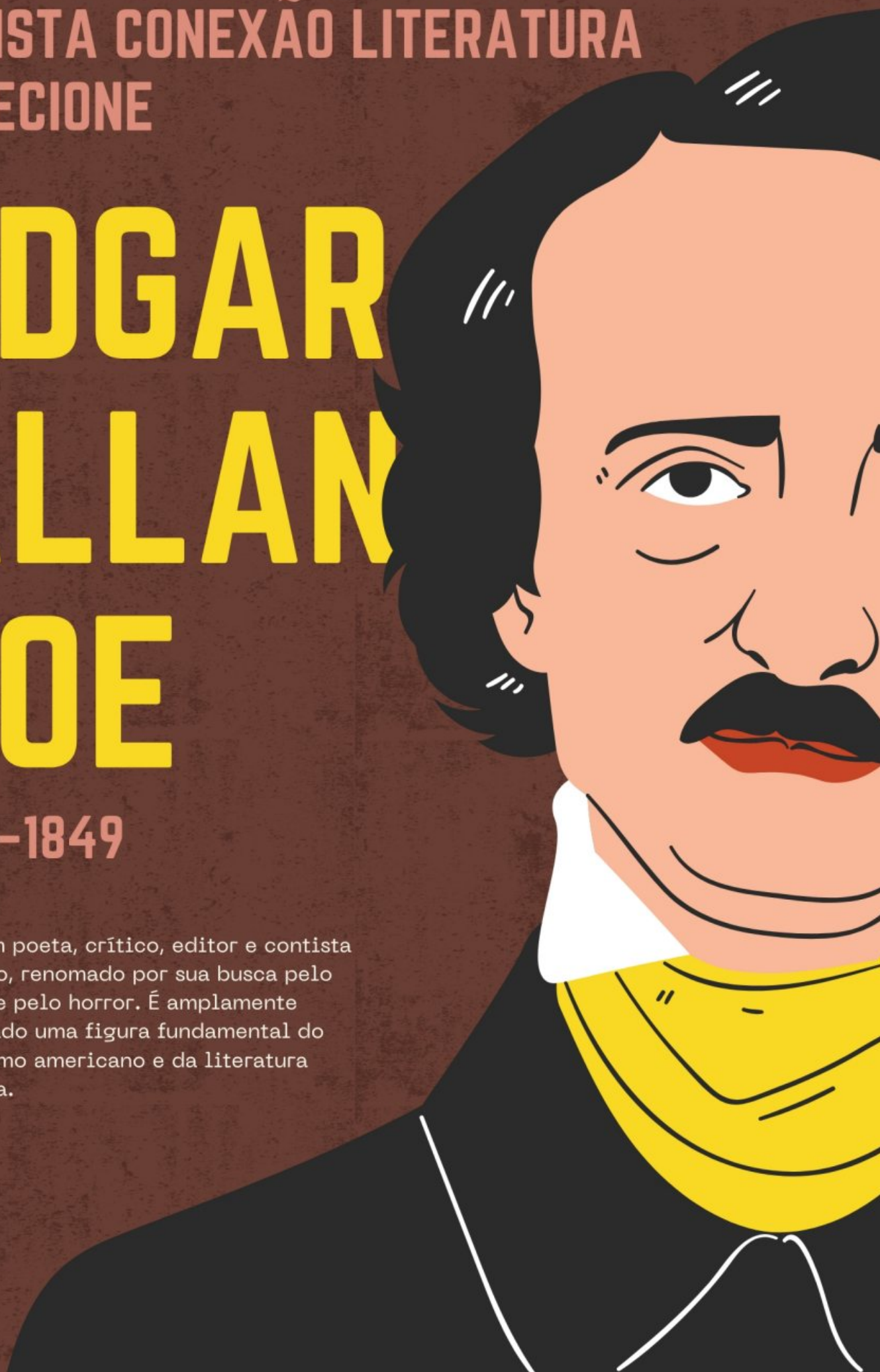


REVISTA CONEXÃO LITERATURA
COLEÇÃO

EDGAR ALLAN POE

1809–1849

Ele foi um poeta, crítico, editor e contista americano, renomado por sua busca pelo mistério e pelo horror. É amplamente considerado uma figura fundamental do Romantismo americano e da literatura americana.



Cards Literários
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**ANNE
FRANK**



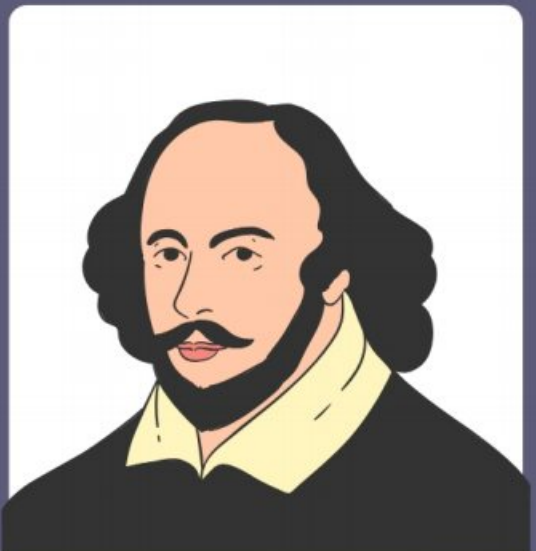
**C.S.
LEWIS**



**MAYA
ANGELOU**



**WILLIAM
SHAKESPEARE**



Cards Literários
REVISTA CONEXÃO LITERATURA

**CHARLES
DICKENS**



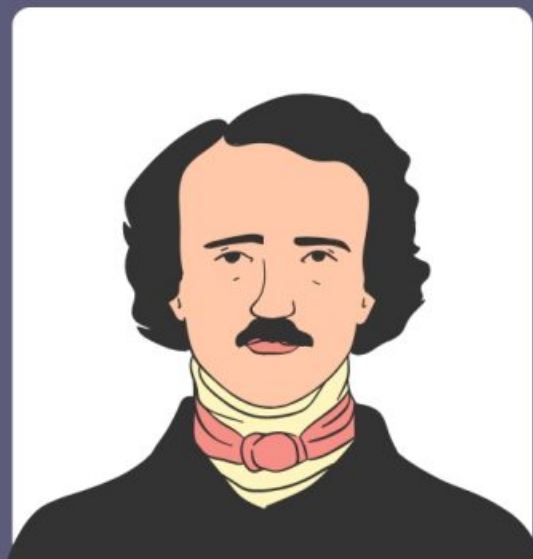
**MARK
TWAIN**



**JANE
AUSTEN**



**EDGAR
ALLAN POE**





AMOR PELOS LIVROS

MÍDIA KIT 2026

REVISTA CONEXÃO LITERATURA

ESTATÍSTICAS

+810 MIL +287 MIL + 5 MILHÕES DE ACESSOS

FACEBOOK

INSTAGRAM

SITE

ACESSE O QR CODE E
CONHEÇA O NOSSO MÍDIA KIT



Divulgue nas edições da nossa
revista, entre em contato:

E-mail: ademir@revistaconexaoliteratura.com.br

Site: www.revistaconexaoliteratura.com.br

MÍDIA KIT

Opções para divulgação

Veja como é fácil divulgar o seu livro, livraria, editora, produto ou serviço no site, redes sociais e edições da Revista Conexão Literatura.

TENDO INTERESSE EM UMA DAS OPÇÕES OU MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

✉ e-mail: ademir@divulgalivros.org
Aos cuidados de Ademir Pascale

✓ OPÇÃO 1

Divulgação de autor/livro:

Engloba: entrevista publicada no site e em 1 edição da revista digital Conexão Literatura. 01 postagem do link e banner da entrevista em nossa Fanpage e Instagram, somando mais de 1 milhão de seguidores. CUSTO: Brasil=R\$ 180,00 - Portugal= € 37



✓ OPÇÃO 2

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 1 edição da revista digital):

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 200,00 - Portugal= € 60

✓ OPÇÃO 3

Anúncio (página interna inteira, tamanho A4, em 6 edições).

- Fazemos a arte sem custo adicional.

CUSTO: Brasil= R\$ 1.000,00 - Portugal= € 300

✓ OPÇÃO 4

Banner clicável na lateral da página principal do site. Formato (dimensões): 306 x 194, em jpg.

- Duração: 03 meses

CUSTO: Brasil= R\$ 300,00 - Portugal= € 80

✓ OPÇÃO 5

Capa do livro, produto ou notícia no rodapé da capa de uma edição da revista + chamada para página interna.

- Na página interna da edição publicaremos o artigo ou release + imagem.

CUSTO: Brasil= R\$ 500,00 - Portugal= € 100

✓ OPÇÃO 6 - PROMOÇÃO

SEJA CAPA DA NOSSA REVISTA. Capa (Frente) de 01 edição da revista + entrevista em destaque na edição. A edição será divulgada durante o mês vigente em nossas redes sociais. A postagem com a capa ficará fixa no topo da nossa fanpage: www.facebook.com/conexaoliteratura e na lateral da página principal do nosso site. CUSTO: Brasil= de R\$ 2.500,00 por R\$ 1.900,00 - Portugal= € 370

PARA MAIS INFORMAÇÕES, ENTRE EM CONTATO:

e-mail: ademir@divulgalivros.org - c/ Ademir Pascale



REVISTA CONEXÃO LITERATURA

NO AR
DESDE 2015

CONECTANDO AUTORES E LEITORES

DATA DA PRÓXIMA EDIÇÃO
01.03.2026



Mensagem do Editor



Olá, meu nome é Ademir Pascale, sou o criador da revista Conexão Literatura e luto em prol do incentivo à leitura. Todas as nossas edições (mais de 120 edições), estão disponíveis gratuitamente para os leitores baixarem e se você leitor(a) quer ajudar-nos nesse projeto, poderá doar uma quantia de qualquer valor.



PARA DOAR UMA QUANTIA DE QUALQUER VALOR: [CLIQUE AQUI](#)
OU ESCANEIE O QR CODE ABAIXO E ACESSE O PAYPAL:



PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

➡ **| CLIQUE AQUI |**

ACESSE O NOSSO SITE E REDES SOCIAIS:

WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR

Facebook @conexaoliteratura // Instagram: @revistaconexaoliteratura

Youtube: @conexaonerd